

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**Marketing Turístico e Violência contra as Mulheres:  
(des)(re)construções do Brasil como Paraíso de Mulatas**

MARIANA SELISTER GOMES

PORTO ALEGRE

2009

MARIANA SELISTER GOMES

**Marketing Turístico e Violência contra as Mulheres:  
(des)(re)construções do Brasil como Paraíso de Mulatas**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos

Porto Alegre

2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

MARIANA SELISTER GOMES

Marketing Turístico e Violência contra as Mulheres:  
(des)(re)construções do Brasil como Paraíso de Mulatas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Prof. Dr. Marcelo Kunrath da Silva – PPGSociologia/UFRGS

Pesq<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Laura Cecília López - NACI/UFRGS

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Susana de Araújo Gastal – PPGTurismo/UCS

Porto Alegre

2009

Dedico este trabalho às Mulheres Brasileiras,  
especialmente às Mulheres Negras.

Espero que possa contribuir para nós,  
Mulheres, sermos o que quisermos, estarmos  
onde quisermos e rompermos estereótipos.

## AGRADECIMENTOS

Dentre as mulheres às quais dedico esse trabalho, gostaria de agradecer àquelas que lutam hoje e que lutaram no passado, para romper com o machismo em todas as suas formas de expressão, reprodução e opressão. Principalmente àquelas que perceberam a necessidade de lutar contra o machismo e o racismo conjuntamente. Especialmente, às minhas amigas, guerreiras do GT/Fórum de Ações Afirmativas da UFRGS: Junara Ferreira, Kelly Moraes, Laura López, Luanda Sito, Tatiana Rodrigues e, mais recentemente, Ana Paula Costa. E também à equipe do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Mulher e Gênero da UFRGS.

Agradeço a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa de estudos e pelo financiamento da minha pesquisa.

À Sra. Janine Pires (Presidente do Instituto Brasileiro de Turismo/EMBRATUR), à Sra. Patrícia Servilha (Diretora da Chias Marketing no Brasil), ao Sr. João Moreira (Presidente da Confederação Brasileira dos Conventions & Visitors Bureaux) e, à Sardinha Sargentelli (Diretora da Cia. de Shows Sandrinha Sargentelli), agradeço por terem cedido entrevistas fundamentais para essa dissertação.

Agradeço ao meu orientador, José Carlos Gomes dos Anjos, por suas reflexões e contribuições que são sempre uma inspiração intelectual e de luta.

Agradeço à Susana Gastal, minha orientadora na Graduação em Turismo e Tutora no Brasil do Doutorado que realizarei em Portugal, por me mostrar a complexidade do turismo, sua interface com os imaginários e a necessidade de estudos sobre turismo. Também por todas as suas contribuições e apoio ao longo da minha trajetória acadêmica, incluindo a participação na Banca examinadora dessa dissertação.

À Pesq<sup>a</sup> Laura López e ao Prof. Marcelo Kunrath por terem aceitado fazer parte da Banca examinadora, contribuindo com essa dissertação.

Por fim, agradeço as minhas famílias:

Minha mãe, meu pai e minha irmã, Vera, Osvaldo e Roberta, pelo incentivo e apoio.

Meu companheiro, meu amor, já de nove ótimos anos, Júlio, não pela paciência na escrita dessa dissertação, nem por compreender minhas militâncias, mas por ser companheiro de escrita e de militância.

*Quem não se movimenta, não sente as correntes que a/o prendem.*

Rosa Luxemburgo

## RESUMO

Esta dissertação versa sobre o imaginário social do Brasil como um paraíso de mulatas. Inicialmente busca-se analisar como esse imaginário foi construído historicamente. Em seguida analisa-se as tentativas de desconstrução desse imaginário. Por fim, foca-se nos discursos turísticos atuais, para perceber se eles estão reconstruindo ou desconstruindo esse imaginário. Essa análise é realizada através de um arque-genealogia, inspirada em Michel Foucault, na qual são mapeados discursos intelectuais, literários, políticos, artísticos, midiáticos e, principalmente, turísticos, dos séculos XIX, XX e XXI. Entende-se que esse imaginário está imerso em relações de poder e articula construções e disputas em torno da identidade nacional, racial, de gênero e sexualidade. Esse imaginário, muitas vezes, configura-se como violência contra as mulheres negras, quando as aprisiona em uma hipererotização, quando as conduz aos maiores números no turismo sexual, quando silencia suas reivindicações de outra definição identitária.

### **Palavras-Chave:**

Imaginários; Turismo; Identidades; Violência; Gênero; Raça; Sexualidade

## **ABSTRACT**

This dissertation focuses on the social imaginary of Brazil as a paradise of the “mulatas”. Initially we seek to examine how this imagery was built historically. It then analyzes whether attempts to deconstruct this imagery. And finally, focuses on current tourism discourse, to see if they are rebuilding or deconstructed this imagery. This analysis is performed through an archi-genealogy, inspired by Michel Foucault, which are mapped in intellectual discourses, literary, political, artistic, media and, especially, tourism, dating from the XIX, XX and XXI. It is understood that this imagery is immersed in power relations and articulates disputes over national identity, race, gender and sexuality. This imagery often are one violence against black woman, when this imprisons her in the hyper-sexualization, when this lead her to greater numbers in sex tourism, when this silencing another definition of identity.

### **Keywords:**

Imaginary; Tourism; Identities, Violence, Gender, Race, Sexuality

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
<b>1. A Arque-Genealogia como Teoria e Método ou “Caixa de Ferramentas”.....</b>	<b>12</b>
1.1 Sexualidade, Gênero, Raça: Construções de Identidades e Violência.....	15
1.2 Turismo e seus Múltiplos.....	22
<b>2. Construções do Brasil como Paraíso de Mulatas.....</b>	<b>31</b>
2.1 O Brasil como uma Nação: a emergência, a condenação e a exaltação da Mestiçagem .....	31
2.2 Natureza, Mestiçagem e Mulheres: o Marketing Turístico e o Brasil para os Estrangeiros.....	46
<b>3. Desconstruções do Brasil como Paraíso de Mulatas.....</b>	<b>62</b>
3.1 Os Movimentos Negro, Feminista e de Mulheres Negras.....	63
3.2 O Combate ao Turismo Sexual.....	73
3.3 A Reorientação na Política Externa.....	81
<b>4. (Re)(Des)Construções do Brasil como Paraíso de Mulatas.....</b>	<b>86</b>
4.1 O Plano Aquarela de Marketing Turístico e a Marca Brasil.....	86
4.1.1 Identidade Nacional, Mulher Brasileira e Turismo Sexual.....	91
4.2 O Show de Mulata da Cia. Sandrinha Sargentelli.....	104
4.2.1 Identidade Nacional, Mulher Brasileira e Turismo Sexual.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	125

## INTRODUÇÃO

Essa dissertação<sup>1</sup> se insere nos estudos sobre relações raciais e relações de gênero no Brasil. A perspectiva é a de que essas relações se constituem através de discursos, performances e imaginários, construídos historicamente em relações de poder, os quais estruturam desigualdades, preconceitos, identidades, definem papéis sociais que aprisionam, e constituem-se em violência no plano simbólico. O objetivo é analisar o imaginário social do Brasil como paraíso de mulatas, como uma construção discursiva e performativa, que articula construções e disputas em torno da identidade nacional, racial, de gênero e sexualidade e, muitas vezes, configura-se como violência contra as mulheres negras (quando as aprisiona em um estereótipo de hiper-erotização, quando as conduz aos maiores números na exploração sexual, quando silencia suas reivindicações de outra definição identitária). O foco não está nos sujeitos e nas formas como incorporam, resistem ou agenciam essas identidades. Está nas construções discursivas e performativas que tornam essas subjetividades possíveis; nas construções discursivas que fazem emergir essas identidades.

Entende-se, a partir de Foucault (2004; 2008), que para analisar essas construções discursivas é necessário mapear variados discursos, não para fazer uma minuciosa análise de discursos, nem para analisar a contribuição de cada autor, mas para perceber uma ordem discursiva. Os discursos são entendidos não apenas como pronunciamentos formais, mas como tudo aquilo que produz sentidos, verdades, saberes. A história de como se constroem esses saberes, de como eles emergem em variados discursos, como se tornam possíveis, como se naturalizam como verdades, é o que Foucault (2004) propõe como uma arqueologia do saber. Para compreender como e porque uma ordem discursiva se torna hegemônica, um saber se torna uma verdade, é preciso mapear as relações de poder, é necessário compreender a construção de um saber dentro de determinadas estratégias de poder. A fim de perceber essas táticas de poder, torna-se importante mapear as disputas discursivas, perceber os contra-discursos. Essa tentativa de compreender como determinado saber se torna possível, vinculado à relações de poder, em um mundo de possíveis é o que Foucault (1986) propõe como uma genealogia das relações de poder. Esse procedimento, a análise de saberes em

---

<sup>1</sup> Ressalta que essa dissertação recebeu apoio financeiro, bem como eu recebi uma bolsa de estudos, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, através do Edital de Enfrentamento da Violência contra as Mulheres, dentro do Programa Mulheres em Ciência.

relações de poder, permite compreender porque alguns saberes se tornam verdades, consolidam imaginários, têm autoridade e silenciam outros (SAID, 2007).

Nessa dissertação, é analisado o saber do Brasil como paraíso de mulatas, como ele foi construído, como se tornou possível, como emergiu e se naturalizou, quais as disputas que o perpassam, quais as relações de poder nas quais está imerso. Para isso foram mapeados discursos intelectuais, literários, artísticos, políticos, midiáticos e turísticos, sendo dada ênfase ao turismo com um espaço (ainda pouco estudado) da emergência desse saber. Procurou-se um recorte amplo de espaços discursivos – foram analisados espaços tradicionalmente reconhecidos com fundamentais na produção de saberes, como as ciências humanas e a literatura, bem como espaços que cada vez mais constroem imaginários, como a mídia e o turismo. A unidade entre essa multiplicidade de discursos está no objetivo de todos os discursos selecionados em construir um Brasil – uma identidade nacional ou uma imagem do Brasil no exterior. O número de discursos, dentro desses espaços, poderia ter sido mais amplo do que foi possível nessa dissertação. No entanto, os discursos não são analisados por si, mas pelo arquivo discursivo o qual compõem. Assim, o recorte foi feito até ser possível evidenciar o arquivo discursivo sobre o Brasil que emerge num conjunto de discursos.

Os discursos selecionados e analisados no capítulo dois, do início do século XIX ao final do século XX, permitem perceber a construção histórica do imaginário em torno da mulata erotizada como identidade nacional. Foram selecionados discursos literários (José de Alencar, 1857; Aluísio de Azevedo, 1881; Jorge Amado, 1958) intelectuais (Affonso Cláudio, 1914; Dante de Laytano, 1936, 1937, 1959; Gilberto Freyre, 1933), artísticos (Di Cavalcanti) e turísticos (ao mesmo tempo midiáticos e políticos como marketing da EMBRATUR e do estado do Ceará, e, espetáculos turísticos). Destaca-se que esses discursos foram analisados diretamente como fontes, como material empírico, e também a partir de bibliografia especializada. Ressalta-se também que as imagens apresentadas nessa dissertação são entendidas como discursos. Através desse recorte de textos, escritos e visuais, já foi possível evidenciar o arquivo sobre a brasilidade, relacionada com o imaginário de paraíso e de mestiçagem – ambos permeados pelo imaginário da mulher e sua sexualidade.

No capítulo três, os discursos mapeados do início do século XX ao XXI, demonstram as disputas discursivas, as tentativas de desconstrução desse imaginário, compondo um outro arquivo discursivo sobre o Brasil. O movimento negro (imprensa negra do início do século XX, documentos de conferências e ações políticas atuais) buscando afirmação da identidade

negra e denúncia do racismo, contra o discurso da identidade nacional de um país harmonicamente mestiço. O movimento feminista buscando a valorização e participação da mulher, contra um discurso que transforma a mulher em objeto sexual (documentos de conferências, ações políticas). O movimento de mulheres negras, na interface entre o movimento negro e feminista, busca desconstruir o imaginário da mulata erótica, na crítica ao discurso da mestiçagem harmônica e na crítica do discurso que constrói a mulher como objeto sexual (documentos de conferências, ações políticas). Nessa relação, o movimento de mulheres negras e o feminismo fazem a crítica ao turismo sexual. Entidades do terceiro setor envolvidas com a proteção de crianças e adolescentes e entidades do turismo constroem a crítica a exploração sexual infantil (documentos de conferências), também artistas e cineastas. A reorientação na Política Externa pode ser analisada também nas disputas discursivas (discursos de diplomatas e documentos), pois o Brasil que é apresentado como potência emergente, não pode mais ser apresentado como paraíso de mulatas para os europeus.

Ressalta-se que não será realizada uma história cronológica desses discursos, mas sim uma arque-genealogia, na medida em que os capítulos (dois e três) foram separados pelo jogo de forças aos quais os discursos analisados pertencem.

No capítulo quatro o recorte é específico nos discursos turísticos atuais – por esse espaço ter emergido como central tanto para os discursos que constroem, quanto para os que desconstróem o Brasil como paraíso de Mulatas – buscando-se perceber se, e como, eles o desconstróem ou o reconstróem. Para isso foi recortado como objeto empírico o Plano Aquarela, política nacional atual de marketing turístico do Ministério do Turismo e o Show de Mulatas da Cia. Sandrinha Sargentelli. A análise se deu a partir das categorias: identidade nacional, mulher brasileira e turismo sexual; as quais compõem o imaginário de Brasil como paraíso de mulatas. O objetivo foi perceber se o imaginário em torno das mulatas está sendo desconstruído ou está sendo reconstruído e refletir sobre a força desse discurso, o qual expressa relações de gênero, relações raciais e padrões de sexualidade.

## **1. A ARQUE-GENEALOGIA COMO TEORIA E MÉTODO OU “CAIXA DE FERRAMENTAS”**

A presente dissertação segue como referencial teórico-metodológico a Arque-genealogia, inspirada no modo de operar foucaultiano, a qual propõe a análise de como os saberes são construídos e como compõem estratégias de poder. A emergência de saberes é perceptível através de diversos vestígios discursivos de maneira não necessariamente cronológica – por isso a analogia como o método arqueológico. A análise das relações de poder permite situar o saber no âmbito das lutas, compreender a emergência e a naturalização de determinados saberes e o silenciamento de outros – esse mapeamento é chamado de genealogia. O foco dessa dissertação é realizar uma arque-genealogia do saber de que o Brasil é um paraíso de mulatas sensuais e, assim, compreender como ele foi construído, como se naturalizou, em quais lutas está imerso, quais as tentativas de desconstrução e como está sendo reconstruído atualmente.

Ressalta-se que Foucault não definiu sua teoria e sua metodologia de forma rígida, para ele suas obras poderiam ser usadas como uma “caixa de ferramentas” para outros autores (Foucault em entrevista à Pol-Droit, 2006). Alguns autores procuraram sistematizar uma metodologia de Foucault, como Machado (1986, 2006). Paul Veyne (2008,p.268) resume esse modo de operar foucaultiano como uma “história daquilo que os homens chamaram as verdades e de suas lutas em torno dessas verdades”. Busca-se analisar, nesta Dissertação, a construção de saberes e as lutas em torno de saberes sobre o Brasil e sobre as mulheres brasileiras, principalmente sobre as mulheres negras, que foram naturalizados, emergiram como verdades. O Brasil é o paraíso das mulatas. As mulatas já nascem requebrando. As mulheres brasileiras são mais sensuais e eróticas que as européias. Objetiva-se historiar essas afirmações que se tornaram tão corriqueiras.

No final da década de 1980, Alexander (1987) afirmou que a Sociologia estava diante de um Novo Movimento Teórico. Esse momento crucial da sociologia que trata o autor corresponde a nova formação discursiva caracterizada pela tentativa de superação da dicotomia (que caracterizou o pós-funcionalismo) entre microteorização (ênfase na ação, no indivíduo) e macroteorização (ênfase na estrutura). Segundo o autor existe um esforço para juntar a teoria da ação com a teoria da estrutura, o que decorre de razões sociais, institucionais e intelectuais. O que ocorre é uma crítica e revisão das teorias dicotômicas anteriores, muitas

vezes pelos próprios autores que reformulam suas antigas ênfases (ou na ação ou na estrutura) buscando uma aproximação entre as ênfases. O autor apresenta inclusive a sua mudança de perspectiva e enfatiza que, em sua opinião, a chave para o avanço teórico está nos estudos culturais, que poderão desenvolver uma teoria verdadeiramente multidimensional, desde que não cometam os erros do idealismo nem do objetivismo.

Foucault pode ser considerado como um autor que está inserido no contexto do pensamento sociológico de busca pela superação da tradicional dicotomia entre sujeito – estrutura. No entanto, o autor vai além de buscar uma relação entre sujeito – estrutura como forma de superar a dicotomia, Foucault, nos apresenta um desafio na medida em que questiona as próprias noções de “sujeito” e “estrutura”. O enfoque é nos discursos (Silva, 2004). O discurso é entendido como prática, como acontecimento. Veyne (2008) também demonstra que em Foucault não há uma separação entre discurso e realidade social; o conceito de discurso para Foucault inclui saberes e poderes, saberes constroem comportamentos, discursos são realidades, discursos nos fazem acreditar na existência de coisas.

Conforme Pol-Droit (2006, p. 29): “o saber não é a ciência, nem o conjunto de conhecimentos no sentido usual do termo. Com esta antiga palavra, o filósofo designa um “novo conceito”: o agenciamento daquilo que uma época pode dizer (seus enunciados) e ver (suas evidências)”. O saber é sempre construído historicamente. Para analisar saberes Foucault propõem uma análise arqueológica, na qual “analisar positivamente é mostrar segundo que regras uma prática discursiva pode formar grupos de objetos, conjuntos de enunciações, jogos de conceitos, séries de escolhas teóricas” (Foucault, 2004, p.203). Assim, a *arqueologia* é “a descrição das formações discursivas, a análise das positivamente, a demarcação do campo enunciativo” (*idem*, p. 149). Para analisar um *campo enunciativo* é preciso compreender “os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de arquivo” (*idem*, p. 146). E acrescenta que “o arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito” (*idem*, p. 147). Assim, Foucault se propõe a analisar o dito e como pode ser dito. Como ele afirma em *A Ordem do Discurso*: “o tênue deslocamento que se propõe praticar na história das idéias e que consiste em tratar, não das representações que

pode haver por trás dos discursos, mas dos discursos como séries regulares e distintas de acontecimentos” (FOUCAULT, 2008, p.59).

Na análise *arqueológica* deve-se além de descrever as *formações discursivas* “relacioná-las no que podem ter de específico com as práticas não discursivas que as envolve e lhes servem de elemento geral” (FOUCAULT, 2004, p. 177). Ou seja “quando se dirige a um tipo singular de discurso (...) é também para descrever, ao mesmo tempo que eles e em correlação com eles, um campo institucional, um conjunto de acontecimentos, de práticas, de decisões políticas, um encadeamento de processos econômicos (...)” (*idem, ibidem*). Analisar a relação entre as *práticas discursivas* e *não discursivas* não é buscar as continuidades entre elas, não é focar em uma relação causal, mas sim compreender as relações de poder envolvidas e, assim, como umas se utilizam das outras, como se articulam, já que não são independentes. Assim, “o saber (...) pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas” (*idem, p. 205*).

Foucault complementa a *arqueologia do saber* com a *genealogia do poder* e, neste sentido: “pouco importa que esta institucionalização do discurso científico se realize em uma universidade ou, de modo mais geral, em um aparelho político, (...) são os efeitos de poder próprios a um discurso considerado como científico, que a genealogia deve combater” (FOUCAULT, 1986, p. 171). Sendo a *genealogia* uma análise a partir do presente, busca as construções históricas que sustentam as relações de poder no presente.

Nesta Dissertação será analisada a construção histórica do Brasil como paraíso das mulatas (capítulo 2), as lutas em torno desse saber, as disputas discursivas, as tentativas de desconstrução (capítulo 3) e espaços atuais de reconfiguração desse saber (capítulo 4). Será realizada uma análise arqueológica, ou seja, buscam-se diversos vestígios da emergência desse saber: discursos intelectuais, literatura, arte, mídia, publicidade e marketing, espetáculos e discursos políticos. Paralelamente será realizada uma genealogia do poder, buscando analisar as relações de poder que permitiram que esse saber emergisse, fosse dito em variados discursos e fosse naturalizado; bem como, as disputas discursivas, os tensionamentos, nessas relações de poder.

Tendo em vista o saber-poder objeto dessa pesquisa – a construção do Brasil como paraíso das Mulatas – torna-se necessário refletir mais especificamente sobre sexualidade, corpo, gênero, raça e identidade como saberes construídos em relações de poder colonial, patriarcal e biopoder.

## 1.1 SEXUALIDADE, GÊNERO, RAÇA: Construções de Identidades e Violência

Em História da Sexualidade, especialmente no primeiro volume – A Vontade de Saber, Foucault demonstra que a sexualidade é uma construção. Sobre ela proliferam-se discursos e através dela são produzidos os sexos, as identidades, os papéis sociais. Butler (2008, A, p. 91) afirma que Foucault causou escândalo por demonstrar que nem sempre tivemos um sexo e nem sempre “fomos nosso sexo”.

Os saberes sobre a sexualidade se tornam o dispositivo principal do poder disciplinar e do biopoder da era moderna. Foucault demonstra que o poder disciplinar e o biopoder se exercem através da gestão da vida. O poder disciplinar é o construtor da noção de indivíduo, é exercido sobre e através da gestão da vida no indivíduo, são produzidos os normais e os anormais. O biopoder é construtor da noção de população, é exercido sobre e através da gestão da população, são produzidas populações saudáveis e populações descartáveis. O autor demonstra que o exercício do poder dos Estados Modernos se dá através do “fazer viver e deixar morrer” (FOUCAULT, 1996, p. 194) e não mais a partir do fazer morrer do poder soberano onde o rei poderia exercer o direito de matar. Ou seja, as relações de poder passam a ser exercidas através da gestão da vida, da disciplinarização dos corpos, da produção das populações, “garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia” (FOUCAULT, 1993, 133).

A sexualidade e se torna o dispositivo<sup>2</sup> mais importantes desse poder. Foucault (1993, p. 98) questiona a hipótese repressiva da sexualidade, indo além e demonstrando que não existe um poder que se exerce sobre a sexualidade para reprimi-la, mas sim é através da sexualidade que se exercem relações de poder – micro-poderes e mecanismos de Estado. Este poder não se exerce, então, a partir do negativo, mas sim de positivities, ou seja “produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber” (FOUCAULT, 1986, p. 148). Então, para o autor, o problema não está na explicação da repressão sexual; “está em apreender quais são os mecanismos positivos que, produzindo a sexualidade desta ou daquela maneira, acarretam efeitos de miséria” (*idem*, p. 232). A sexualidade não é simplesmente um dado natural da realidade e sobre ela se exerce o poder da

---

<sup>2</sup> Dispositivo é “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (FOUCAULT, 1986, p.244).

repressão; a sexualidade é construída, é produzida de determinadas maneiras através das relações de poder – sendo a sexualidade reprimida uma das sexualidades produzidas.

Analisar a sexualidade é para Foucault analisar os discursos que produzem a sexualidade: “é preciso tentar estudar, em si mesma, em suas origens e formas próprias, essa superprodução de saber sócio-cultural sobre a sexualidade” (FOUCAULT, 2006, p.60).

A teoria feminista, na construção da categoria gênero, questiona a naturalização dos papéis sociais de homens e mulheres e demonstra que estes são construções sociais que resultam em desigualdades entre homens e mulheres. Conforme Scott (1992), a categoria gênero permite analisar a construção histórica, para além da mulher e do homem biológicos, que envolve a sexualidade, o corpo, e todas as condições sociais que esta diferenciação sexual, construída historicamente, implica. A abordagem de gênero aponta que todas as relações sociais e todos os âmbitos da vida são permeados pelas relações de gênero, que definem o que é ser homem e o que é ser mulher, definem papéis para homens e mulheres, os quais não são naturais, mas se estabelecem em relações de poder e dominação sobre as mulheres. A partir dessa perspectiva, todos os âmbitos da vida social podem ser analisados a partir do recorte de gênero.

Butler (2008) partindo de uma perspectiva foucautiana e indo além, demonstra que a sexualidade ocidental é construída a partir da norma heterossexual. A heterossexualidade compulsória “faz viver”, produz, homens e mulheres; ao mesmo tempo em que “deixa morrer” os homossexuais, transexuais e outras múltiplas formas de sexualidade. Nessa análise da matriz heterossexual, Butler demonstra que a sexualidade construída a partir do binário homem/mulher produz e naturaliza a existência de dois corpos, o masculino e o feminino.

Butler (2008) vai além e questiona a abordagem sexo/gênero, na qual sexo é natural/biológico, e gênero é construído, demonstrando que essa suposta diferença biológica entre homens e mulheres também faz parte de uma construção discursiva do dispositivo da heterossexualidade. A autora demonstra que o corpo não é anterior ao discurso sobre o corpo; o corpo é uma construção cultural, permeada de relações de poder, limitada pelos marcadores sexuais (também construídos) como corpo feminino e masculino. Conforme Rodrigues (2005, p.179) “Butler se inseriu como uma das pensadoras que, de alguma forma, radicalizou aquilo que a teoria feminista já problematizava”.

Através do conceito de performance, Butler (2008) destaca que “ser mulher” e “ser homem”, são performances culturais. A construção de sexo, sexualidade, corpo e gênero se dá discursivamente e performaticamente. Cabe destacar as próprias palavras de Butler:

Atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (...) O deslocamento da origem política e discursiva da identidade de gênero para um “núcleo” psicológico impede a análise da constituição política do sujeito marcado pelo gênero e as noções fabricadas sobre a interioridade inefável de seu sexo ou sua verdadeira identidade. (BUTLER, 2008, B, p.194 e 195).

As relações saber-poder produzem, a sexualidade (hetero), o sexo (a existência de homem e mulher), o corpo (a existência do corpo feminino e masculino), o gênero (os papéis sociais de homem e mulher). Para compreender que tudo isso é construção histórico-social, discursiva, em relações de poder, basta pensar na emergência atual de disputas discursivas e performativas, onde emergem múltiplas possibilidades de sexualidade/sexo/gênero/corpo: cita-se o exemplo de uma travesti não operada com preferência sexual por mulheres.

Essas construções sobre o corpo são permeadas pelo biopoder - relações de poder exercidas através da gestão da vida, especialmente através da produção de sexualidade - e pelo poder patriarcal. O patriarcado moderno ocidental se constrói a partir da produção de dois sexos (homem e mulher) que correspondem a construções de sexualidades e papéis sociais. Pateman (1993) demonstra que ao estabelecerem o Contrato Social do Estado Moderno, os saberes estabeleceram um Contrato Sexual, no qual as mulheres foram construídas como pertencentes ao espaço privado e os homens ao espaço público e, a prostituição corresponderia a presença da mulher no espaço público. A autora demonstra a relação mútua entre prostituição, exclusão no mercado de trabalho e subjugação ao casamento, já que “no patriarcado moderno existe uma variedade de meios pelos quais os homens mantêm os termos do contrato sexual” (PATEMAN, 1993, p.279). Assim são construídas duas sexualidades para as mulheres relacionadas com duas performances de gênero: mulheres virgens ou mães, mulheres prostitutas.

Nessa produção de duas sexualidades através de duas performances do ser mulher, emerge como dispositivo central o saber sobre raça e o poder colonial. Em Genealogia do racismo, Foucault (1996, p. 207, 211) demonstra como na produção de populações, através do

biopoder, no século XIX, a racialização serviu para definir populações que poderiam ser escravizadas, marginalizadas e até eliminadas (como no nazismo), no exercício do deixar morrer do biopoder e no exercício do velho poder soberano de matar. Nesse processo de racialização, os europeus construíram o negro e atribuíram características e valores que o inferiorizavam.

Cunha (2002) demonstra as aproximações entre as análises de Foucault (sobre o biopoder) e as de Fanon (sobre raça, subjetivação e poder colonial). Neste sentido pode-se perceber que um dos mecanismos do biopoder, da racialização, da construção do negro como inferior, pelo olhar do branco, é o discurso (construído a partir do período colonial) que produz a sexualidade dos negros. Segundo Fanon (1983, p. 153 e 154) o negro simboliza o pecado e “para a maioria dos brancos, o negro representa o instinto sexual” (*idem*, p.145). Assim, a mulher prostituta, erótica, sensual, é a mulher negra; enquanto a mulher virgem ou mãe é a mulher branca. De forma similar, Said (p. 383 e 415) demonstra que, no discurso ocidental sobre o oriente, os árabes são construídos como raça e existem pela sua sexualidade construída como exacerbada.

Tendo em vista que “as relações de poder são uma relação desigual e relativamente estabilizada de forças, é evidente que isso implica um em cima e um em baixo, uma diferença de potencial” (FOUCAULT, 1986, p. 250). Neste sentido, negros e mulheres são o elo mais fraco das relações de poder do mundo ocidental – “se o humanismo universalista contrapõe ao ser humano um ‘não-homem’ bárbaro, negro ou indígena e selvagem, também lhe opõe a ‘não-homem’ mulher” (NASCIMENTO, 2003, p. 68). Pode-se afirmar, a partir da perspectiva do biopoder, que:

(...) o racismo se constitui e opera essencialmente da mesma forma que o sexismo, tanto no campo da discriminação, resultando em desigualdades sociais estatisticamente mensuráveis [deixar morrer], quanto no âmbito mais amplo, efetuando de diversas maneiras, ora direta, ora sutis, determinações e condicionamentos às possibilidades e às perspectivas de vida das pessoas e dos grupos humanos envolvidos [fazer viver](*idem*, p. 66)

Raça, assim como gênero, são entendidos aqui como construções histórico-sociais, discursivas e performativas, que existem como acontecimento e por isso não podem ser negligenciadas, principalmente ao se tratar da experiência histórica brasileira, na qual esses dois marcadores sociais construídos como efeito discursivo do poder colonial, patriarcal e do biopoder, entrelaçam-se e marcam todos os âmbitos da vida social, já que devido a experiência histórica “somos nossa raça” e “somos nosso sexo”. Ressalta-se que para

compreender a mulata como uma construção de raça, de gênero e de sexualidade, parte-se da perspectiva de que nem sempre “fomos nossa raça” e “fomos nosso sexo”. E ainda que esse “ser raça” e “ser sexo”, “ser negro” e “ser mulher”, faz parte hoje de uma disputa discursiva na qual aqueles que tiveram essa identidade imputada como exercício do poder pelo olhar do outro, buscam re-significar essas identidades.

O chamado pós-racialismo, em autores como Gilroy (2007) e o chamado pós-feminismo, em autoras como Butler (2008) tem argumentado que os movimentos sociais ao lutarem por seus direitos e reivindicarem um novo conteúdo para sua identidade imputada, reforçam discursivamente a existência dessa identidade. Assim, o movimento negro ao reivindicar ações afirmativas e o movimento feminista ao reivindicar direitos das mulheres, apesar de re-significar o conteúdo, reforçam a própria criação arbitrária de raça e sexo, reforçando que somos nossa raça e somos nosso sexo, apesar de alterarem profundamente o que significa essa raça e esse sexo. Se para o discurso colonial e patriarcal o Negro significava pecado, instinto sexual, força física, incapacidade intelectual, a Mulher Branca significava docilidade, fragilidade, dependência e incapacidade intelectual e a Mulher Negra pecado, instinto sexual, docilidade e incapacidade intelectual; para os discursos dos Movimentos Negro e Feminista, o Negro e a Mulher significam luta, coragem, inteligência, resistência. No entanto, continuam reforçando a existência discursiva e de Negros e Mulheres.

Ao re-significar o conteúdo dessas identidades, do ser negro e do ser mulher, inicialmente os movimentos passaram sim por um momento de essencialização, o qual não alterava a identidade centrada em raça e sexo. Conforme aponta Hall (2003, p.345):

O momento essencializante é fraco porque naturaliza e dêshistoriza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. No momento em que o significado “negro” é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político, e é alojado em uma categoria racial biologicamente construída, valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir.

No entanto, os movimentos vivem hoje um momento de compreensão das categorias negro e mulher em uma perspectiva histórica. “Ser negro” e “ser mulher” são entendidos como construções sócio-históricas que marcam as experiências e por isso devem ser re-significados para construir outras experiências. O objetivo não é mais trocar um conteúdo negativo por outro positivo, mantendo uma existência essencializante de “ser negro” e “ser mulher”, mas enfrentar os resultados negativos dessa experiência e lutar pela possibilidade de ser múltiplo. Assim o conceito de gênero não é mais suficiente para abarcar as experiências

das mulheres, assim dá-se ênfase nas interfaces com sexualidade, raça, geração, classe. O feminismo se transforma em feminismos. Cita-se, por exemplo, o feminismo afro-latino-americano (GOLNZÁLES, 1988).

Além da interface de raça, gênero e sexualidade, no Brasil, essa discussão deve ser mais atenta. A emergência, discursiva e performativa, da Mulata como o elemento central da identidade nacional (como será analisado no decorrer da dissertação) faz com que o discurso dos movimentos negro e feminista, principalmente o movimento de mulheres negras, vá além da re-significação do conteúdo do que é “ser mulher” e do que é “ser negro” (como os primeiros movimentos), e também vá além da reivindicação da possibilidade de ser múltiplo e da denúncia dessas experiências históricas. Isto porque na emergência do sujeito político mulheres negras, a própria existência da Mulata (e as construções de raça, gênero e sexualidade que ela comporta) é desconstruída. Assim, o pós-racialismo de Gilroy nada tem a ver com o suposto pós-racialismo reivindicado por alguns intelectuais brasileiros na defesa da mestiçagem. Como será analisado no decorrer dessa dissertação, o racialismo e o racismo no Brasil consistiram justamente na construção discursiva e performativa das categorias mestiçagem e mulata.

Homem/mulher, negro/branco/mulato, virgem/prostituta, são, portanto, construções sociais discursivas e performativas, não são identidades essenciais ou naturais. Conforme demonstra Hall (2005, p.13): “A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relações às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente”. Nesse sentido esta pesquisa trata também dessas identidades construídas, fluídas e em disputa. O que é o Brasil? Essa dissertação analisará a construção da identidade nacional brasileira e as identidades a ela relacionadas – identidades de raça, sexualidade e gênero. As identidades existem como acontecimentos, são historicamente construídas e são efeitos de poder. São construídas em disputas discursivas e em relações de poder. Nesse sentido, nos próximos capítulos serão analisadas as construções históricas do que é ser mulher, mulata, brasileira, bem como as disputas discursivas. Partir-se-á de questionamentos como: O que é a mulata para os intelectuais e artistas do início do século XX? O que é a mulher brasileira no discurso turístico do século XX? O que é a mulher negra brasileira para o movimento de mulheres negras do final do século XX? O que é a mulata no discurso turístico do século XXI? Porque determinada construção prevalece sobre outra?

No momento em que uma determinada formação discursiva prevalece nas disputas discursivas e se naturaliza como verdade, isso pode ser considerado como violência. Violência no plano simbólico, entendida como desigualdades nas relações de saber-poder, construindo identidades que aprisionam. A questão não é que a identidade de mulata construída pelos homens brancos (como será analisado no capítulo 2) seja falsa e a identidade construída pelo movimento de mulheres negras (como será analisado no capítulo 3) seja verdadeira. Como destaca Said ao analisar a construção que o Ocidente faz do Oriente “seria o caso de eu dizer uma vez mais que não tenho um Oriente “real” a defender. Tenho, contudo, enorme consideração pela fortaleza das pessoas daquela parte do mundo, bem como por seu esforço de continuar lutando por sua concepção do que são e do que desejam ser” (SAID, 2007, p. 15).

Conforme Almenida (2007) são vários os conceitos de violência, com implicações teóricas e práticas, no âmbito dos estudos feministas e de gênero. Muitas vezes a violência é entendida apenas enquanto violência doméstica, no entanto, são múltiplas as formas de exercício de violência. O conceito de violência contra as mulheres é importante por enfatizar a especificidade de uma violência resultado do poder patriarcal, na qual as mulheres são as vítimas (fisicamente, psicologicamente, sexualmente), no entanto, é incompleto por enfatizar apenas a vítima. O conceito de violência de gênero busca enfatizar que a violência é construída socialmente, em relações sociais marcadas por gênero, no entanto, muitas vezes torna-se muito abrangente e não enfatiza a dominação patriarcal. Segundo Almenida (2007, p.27), é necessário aproximar os dois conceitos e compreender que a “violência de gênero só se sustenta em um quadro de desigualdades de gênero (...) As desigualdades de gênero fundam-se e fecundam-se a partir da matriz hegemônica de gênero”. No mesmo sentido, Saffioti (2004), propõe o conceito de ordem patriarcal de gênero. Assim, o conceito de violência de gênero permite compreender a violência como relacional, como relações de poder que constroem desigualdades, diferenças, hierarquias a partir da construção do que é “ser homem” e o que é “ser mulher”, onde a matriz hegemônica foi construída historicamente em torno do “ser homem”.

Nessa Dissertação o foco é compreender as relações de saber-poder que constroem, discursiva e performaticamente, o que é “ser mulher”, “brasileira”, “mulata”. Quando o agente dessa construção é o próprio Estado, como no caso das políticas públicas de marketing turístico, das décadas de 70 e 80, que construíram a mulher brasileira como atrativo turístico

(como será analisado no capítulo 2), isso pode ser entendido como violência institucional. Ainda, essa construção discursiva e performativa está relacionada ao turismo sexual, entendido como exploração sexual comercial, como será analisado a seguir.

## 1.2 TURISMO E SEUS MÚLTIPLOS

Apesar da crescente importância do turismo, da interdisciplinaridade inerente ao estudo do turismo e apesar de seu caráter eminentemente social – conforme aponta Silveira (2007), ainda é pequena a quantidade de estudos das Ciências Sociais voltados ao Turismo. Barretto (2003, p. 15) aponta que a relação entre Turismo e Ciências Sociais não é tão óbvia e que “há 40 anos apenas que, vencendo a resistência dos seus pares, alguns cientistas sociais ousaram abordar um tema que não goza, até agora, de prestígio acadêmico”. Neste sentido acredita-se que é fundamental compreender o Turismo a partir da Sociologia com enfoque interdisciplinar.

Reforçando a importância do turismo no mundo, os dados da Organização Mundial do Turismo demonstram as tendências mundiais de crescimento do turismo, como pode ser visto no quadro a seguir.

<b>Tendências para o Turismo Mundial (em milhões de turistas internacionais)</b>						
	<b>1990</b>	<b>1995</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>Previsão 2010</b>	<b>Previsão 2020</b>
<b>Mundo</b>	457,2	565,4	714,6	694	1.006	1.561
<b>Américas</b>	92,8	108,9	120	112,4	190	282
<b>Brasil</b>	1,09	1,99	3,78	4,09	9	14,1

*Turismo: Panorama 2020. OMT, 2004.*

Os dados do Ministério do Turismo<sup>3</sup> confirmam as tendências de crescimento apontando a chegada de 5,4 milhões de turistas internacionais no Brasil em 2005. Juntamente com o crescimento do Turismo, multiplicam-se seus impactos, bem como, com a importância

<sup>3</sup> Disponível em Dados e Fatos, no Portal Brasileiro de Turismo: [www.turismo.gov.br](http://www.turismo.gov.br)

do Turismo, crescem as preocupações da sociedade civil relacionadas com essa atividade. Cresce também os esforços para compreender esse fenômeno multifacetado.

Conforme Moesch (2000, p. 9) o Turismo “é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais”. Uma das dimensões desse fenômeno complexo é a comunicação.

A importância da comunicação, e dentro dela do marketing, tem crescido, tanto nas abordagens acadêmicas quanto nas ações de gestão pública e privada. Esse fato relaciona-se à presença ampla e constante da mídia no mundo contemporâneo, a qual tem levado teóricos como Thompson (2002) a falar em *cultura midiada*. Essa *cultura midiada* se constituiria na modelagem social pela mídia, ou seja, na intrusão midiada de mensagens ideológicas nos contextos práticos do cotidiano. O autor afirma que atualmente a comunicação de massa é a produtora fundamental dos imaginários sociais.

Conforme Silva (*apud* GASTAL, 2005) “não se crê no imaginário, vive-se nele”. Ou seja, os imaginários correspondem aos saberes compartilhados socialmente de uma forma muitas vezes não consciente, naturalizados, não problematizados. Os imaginários sociais não são ideologias que devem ser combatidas em função do desvelamento da verdade, não são crenças nas quais um sujeito escolhe acreditar, são constitutivos da sociedade e dos indivíduos – vivemos num mundo de imaginários. Faz-se aqui uma aproximação entre o conceito de imaginários e o conceito de saber de Foucault. Os saberes, como já mencionado, são construídos por formações discursivas diversas, emergem como acontecimento e correspondem ao que pode ser dito em determinada sociedade. Os imaginários também estão em um nível mais profundo que a crença e a ideologia, também correspondem àquilo que é dito, pensado e sentido em determinada sociedade e são construídos por diversos discursos e, atualmente, principalmente a mídia.

No Turismo a importância das imagens e imaginários é sustentada teoricamente pelas análises que demonstram que uma das dimensões do turismo é a comunicação (e informação). Conforme Wainberg (2003) é através da comunicação que se produz a motivação para o deslocamento turístico. Dorta & Drouguett (2004, p.146) afirmam que “A mídia é o principal instrumento de mediação entre os agentes humanos e comerciais do Turismo (...) O Turismo (...) é uma viagem institucionalizada que utiliza-se das redes de comunicação para estimular a

mobilidade de pessoas”. As teorias do marketing evidenciam a importância da mídia na tomada de decisão do consumidor do turismo, ou seja, o papel das imagens administradas para atrair turistas – conforme Nielsen (2002).

Gastal (2005) vai além ao analisar a relação turismo e mídia, demonstrando que a mídia, para além do marketing, constrói e reforça imaginários que mediam as relações entre turistas, destino, residentes. Cita-se:

Pode-se dizer que também haverá em comum, nos diferentes tipos de deslocamento, a presença de imagens e imaginários. *Imagens*, porque na própria cidade ou no estrangeiro, antes de se deslocarem para um novo lugar, as pessoas já terão entrado em contato com ele visualmente, por meio de fotos em jornais, folhetos, cenas de filmes, páginas na internet ou mesmo por meio de velhos e queridos cartões-postais. *Imaginários* porque as pessoas terão sentimentos, alimentados por amplas e diversificadas redes de informação, que as levarão a achar um local “romântico”, outro “perigoso”, outro “bonito”, outro “civilizado”. A esses sentimentos construídos em relação a locais e objetos (e, por que não, a pessoas?) temos chamado de imaginários (GASTAL, 2005, p. 12 e 13)

No mesmo sentido Baldissera (2007, p. 8) afirma que “a comunicação turística consiste no processo de construção e disputa de sentidos no âmbito do turismo. Ou seja, não se trata apenas de dar conta da comunicação oficial/formal gerada racionalmente pelos setores público e privado”. Nesse sentido o marketing (o Plano Aquarela) será analisado nessa dissertação a partir dos imaginários que o permeiam e não a partir de sua eficiência enquanto estratégia de marketing.

A partir dessa concepção de imaginários no turismo e de comunicação turística, a concepção de atrativo turístico também passa a ser questionada, por não dar conta da experiência do turista e de seus motivos para deslocar-se a um destino. Conforme Gastal (2003), o turista, na pós-modernidade, consome imaginários e não mais somente ícones. O conceito de atratividade comportaria esses imaginários, esses fluxos, essas experiências turísticas. Gayer (2008) analisa a cidade de Buenos Aires a partir dessa concepção de atratividade e demonstra, por exemplo, que a Playa de Mayo é construída como um atrativo turístico a partir de seus prédios históricos e monumentos, mas a atratividade subjacente a Playa de Mayo está nos fluxos, como os movimentos sociais. Essas reflexões serão importantes para compreender a construção do Brasil como paraíso das mulatas a partir de duas possibilidades: a mulher como atrativo turístico, como ícone; ou a sensualidade como atratividade, entendendo que ambas são construções sócio-históricas discursivas e performativas.

Apesar dos imaginários não corresponderem simplesmente a uma função mercadológica no turismo, eles são instrumentalizadas pelos empresários do setor e pelas políticas públicas de marketing, para gerarem fluxo turístico. Com o desenvolvimento de múltiplas tecnologias da comunicação e da informação, em escala global, o marketing consegue instrumentalizar e transformar em produto para o consumo turístico transnacional, tanto atrativos/ícones, como atratividade/imaginários. Conforme demonstra Canclini (2008) as identidades locais tornam-se espetáculos multimídias globais. A cultura local sofre uma espetacularização e se torna produto para o consumo cultural global. Cita-se:

Assim como noutros tempos as identidades eram objeto de encenação em museus nacionais, na segunda metade do nosso século a transnacionalização econômica, e mesmo o caráter específico das últimas tecnologias da comunicação (desde a televisão até os satélites e redes ópticas), colocam no papel principal as culturas-mundo exibidas como espetáculo multimídia. (Canclini, 2008, p. 133)

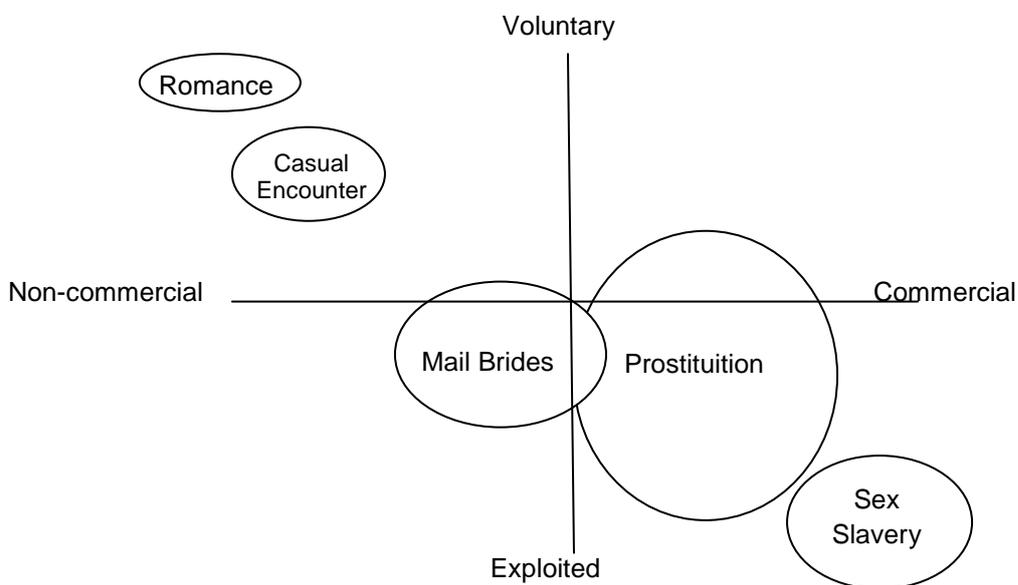
Assim, as identidades locais são reconstruídas pelo mercado turístico. Conforme concepção de identidade já apresentada, toda a identidade é construída discursivamente e performaticamente e não há um conteúdo verdadeiro de uma identidade, ou mesmo uma identidade verdadeira. Nesse sentido, à crítica da construção que o mercado turístico faz das identidades e à espetacularização das culturas e das identidades refere-se às disputas discursivas e as relações de poder. A questão não é que o mercado turístico constrói uma identidade falsa. A questão é que a espetacularização que o mercado turístico faz das culturas consiste num discurso construído sobre “o outro”, com efeitos de poder e a partir de interesses específicos, muitas vezes em disputa com o discurso que determinada cultura faz de si mesma e com seus interesses.

Canclini (1983, p. 69) ao analisar a apropriação das culturas pelo capitalismo aponta que "no discurso turístico(...) como atração econômica e de lazer, como instrumento ideológico, a cultura popular tradicional serve à reprodução do capital e da cultura hegemônica". Carvalho (2004), ao analisar as tradições afro-brasileiras, aponta que elas se transformam em espetáculo, através de agentes externos brancos, os quais divulgam, vendem e consomem uma cultura da qual não são e não se consideram pertencentes, o que o autor classifica como uma “atitude antropofágica como ideologia de classe e de grupo racial” (2004, p.7). Esse consumo cultural, conforme Canclini (2008) e Carvalho (2004) estaria fundamentado em um “suposto direito ao espetáculo na era do consumidor como cidadão” (Carvalho, 2004, p.7). A partir das colocações de Canclini e de Carvalho reforça-se que o

turismo é agente fundamental nesse processo de construção discursiva e performativa, “do outro”, em relações de poder.

Essa construção discursiva e performativa “do outro”, além de consistir em violência no sentido das desigualdades nas relações de saber-poder e assim imputação de identidades, gera outro tipo de violência. No caso do Brasil, essas identidades de raça, gênero e sexualidade, construídas pelo mercado turístico, para fomentar o imaginário do Brasil como Paraíso das Mulatas, é um dos fatores da exploração sexual comercial no turismo (GOMES, 2008, A). Acrescenta-se ainda que quando o Estado, através de políticas de marketing turístico, constrói discursivamente essa identidade de Paraíso das Mulatas e contribui no estímulo ao turismo sexual isso pode ser considerado como violência institucional.

As análises sobre o turismo sexual têm diferentes enfoques relacionados com as diversas definições e abordagens conceituais sobre o turismo sexual. O Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes<sup>4</sup>, apresenta uma definição técnica, na qual o turismo sexual consiste na exploração, principalmente de crianças e adolescentes, por visitantes, em geral, procedentes de países desenvolvidos ou mesmo turistas do próprio país, envolvendo a cumplicidade, por ação direta ou omissão do trade turístico<sup>5</sup>. Ryan (2000, p.35) destaca que há muita confusão conceitual sobre o Turismo Sexual e sistematiza as várias abordagens que correspondem às diversas formas de turismo sexual no seguinte gráfico:



<sup>4</sup> Disponível em <http://www.cecria.org.br>

<sup>5</sup> *Trade* é o termo usado no turismo para se referir a variada gama de agentes do setor, entre empresários, taxistas, guias de turismo, etc.

Baseando-se nesse gráfico adotar-se-á, nessa dissertação, a perspectiva do turismo sexual como exploração sexual comercial, tendo em vista a maior incidência do turismo sexual estar na intersecção dos eixos exploração comercial.

Conforme Bernstein (2008) feministas e acadêmicos têm analisado a prostituição de diferentes maneiras e têm debatido se a prostituição é uma relação de dominação ou se o sexo pode ser um produto como qualquer outro. Segundo a autora, o debate se centrava na prostituta – vista como vítima ou como profissional. Bernstein (2008, p. 326) ressalta que embora algumas feministas da segunda onda tenham criticado a falta de atenção aos clientes e o duplo padrão sexual que o escorava, apenas recentemente o foco passa para o questionamento sobre os clientes. Sendo que a imensa maioria dos clientes são homens o questionamento é sobre o desejo masculino, em sua maioria também heterossexual, e padrões de consumo. A sexualidade masculina passa a ser questionada, historicizada e entendida como uma construção em relações de poder. Essa perspectiva é adotada por movimentos feministas abolicionistas que lutam pela criminalização do cliente, considerado prostituidor, conforme será analisado no capítulo 3 dessa dissertação, sobre os movimentos sociais. Swai (2004) aponta que a todo esse silêncio sobre os homens como geradores da prostituição, como demanda, constitui uma banalização e a naturalização do estupro, pois o homem tem na prostituição o direito de comprar prazer, sem se preocupar com o prazer da mulher, sendo a prostituição uma violência social e histórica contra as mulheres. Conforme Marinho (2008), o turismo sexual além de relacionado com a prostituição e a exploração sexual, está associado a outras formas de violência, como tráfico de mulheres, violência física e abuso sexual. Bernstein (2008) ressalta que nos Estados Unidos da América leis de criminalização dos clientes estão sendo adotadas.

Nessa perspectiva, as análises passam para um plano mais profundo de explicação, questionando os padrões culturais que permitem a existência da prostituição, questionando a demanda. A questão passa do porquê a mulher se prostitui para o porquê existe a prostituição e porque os homens exercem essa demanda. Segundo Bernstein (2008, p. 328), na análise dessa demanda e seus motivos, é preciso “ligar esses motivos a instituições sociais e econômicas que poderiam estruturar as relações de dominação de gênero”. Nas pesquisas mencionadas pela autora, aparecem como motivos dos homens demandarem a prostituição, a procura de poder e controle, desejo de acesso a parceiras com idades, características raciais e

físicas preferidas e desejos exóticos. Esses motivos podem ser percebidos no padrão de sexualidade do consumidor do turismo sexual no Brasil.

A ECPAT – maior rede internacional de organizações para a eliminação da exploração sexual de crianças e adolescentes, conforme Carter, Clift e Hoose (2000) – realizou pesquisas sobre exploração sexual de crianças e adolescentes em todo o mundo. Os dados para Tailândia, de 1996, apontam 200.000 crianças e adolescentes vítimas de exploração sexual (CARTER, CLIFT, HOOSE 2000, p. 77). Referente ao Brasil, a base de dados da ECPAT<sup>6</sup> apresenta os seguintes dados:

Brazil has the highest rate of child prostitution in Latin America. The country is one of the favorite destinations of European and American sex tourists. The children involved in prostitution come from all social groups and ethnic origins. Nonetheless, the majority are girls - of whom most are poor and of African or mixed descent. It was estimated in 1995 that 500,000 children are involved in prostitution in Brazil. Some NGOs suggest the figure is closer to about 2 million.

Estes dados, também demonstrados por Piscitelli (2008), evidenciam a dimensão do problema no Brasil, bem como, o perfil das envolvidas no turismo sexual nos países receptores: jovens, mulheres, mestiças, pobres e de países do terceiro mundo. O Projeto Chame/Neim da UFBA, citado por Theodoro (2007), demonstra que os turistas na Bahia provêm de diversas partes da Europa e são na maioria louros, tendo entre 35/60 anos; enquanto as mulheres e meninas por eles abordadas, são na grande maioria negras, mestiças e jovens entre 18 e 30 anos. Esses dados são importantes para construir a perspectiva teórica que relacione turismo sexual com relações de poder de raça e gênero. Na medida em que consumidores e “vítimas” têm sua sexualidade construída historicamente, discursiva e performaticamente, em relações de poder, percebe-se a necessidade de analisar essa construção do Brasil como paraíso das mulatas como violência, também na medida em que incentiva o turismo sexual no Brasil.

Sobre o Turismo Sexual no Brasil, as análises mais destacadas são da antropóloga Piscitelli (2007, 2008). A autora analisa, através de trabalho etnográfico, as relações entre os estrangeiros e as residentes demonstrando que são complexas e que envolvem, muitas vezes, mais do que uma relação de consumo e de exploração. No entanto a autora apresenta elementos das relações sociais envolvidas, os quais serão utilizados na dissertação decorrente

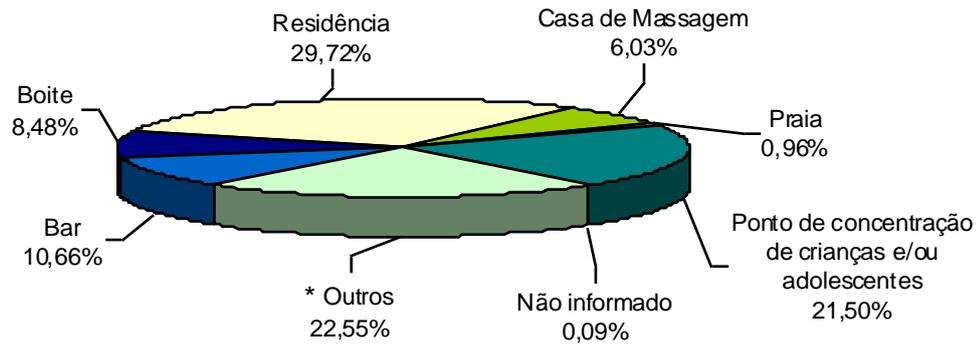
---

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.ecpat.net>

deste projeto, como as relações raciais, apontando que “a sexualização, atravessada por gênero é racializada, refiro-me ao fato de que essa imbricação de diferenciações, corporificada nas mulheres namorando estrangeiros, é sintetizada numa cor: morena.” (2008, p. 12).

Alguns pesquisadores e ativistas têm preferido utilizar a expressão “exploração sexual de crianças e adolescentes no Turismo” ao invés de Turismo Sexual, para demonstrar que esse problema não é específico do Turismo e que há outras relações no Turismo Sexual que não correspondem à exploração. Mesmo que a exploração sexual de crianças e adolescentes não ocorra somente no Turismo e que existam outras formas de turismo e sexo que não sejam resultado de exploração, acredita-se que é necessário manter a expressão Turismo Sexual. Isto porque é preciso analisar e construção sócio-histórica desse mercado específico de exploração sexual, relacionado com a construção sócio-histórica de identidades, discursos e performances, sexuais, raciais e de gênero. Portanto, o conceito de exploração sexual de crianças no Turismo, não dá conta do Turismo Sexual, que envolve a construção desse mercado através do marketing, e de outros discursos, e da exploração sexual de mulheres e meninas. Ainda, conforme demonstra o gráfico apresentado anteriormente, no mercado de Turismo Sexual, existem outras relações além da exploração comercial, mas o eixo exploração comercial é o de maior incidência. Isto porque no Turismo, a prostituição, na maioria das vezes, é agenciada pelo trade turístico, o que constitui exploração.

O Relatório do CECRIA demonstra as atividades econômicas que mais facilitam a inserção de meninas(os) na exploração sexual comercial, conforme gráfico abaixo. Destaca-se que no item Outros\*, o relatório destaca hotéis, apart-hotéis, agências de turismo, locadoras de automóveis, ou seja, diversas empresas do setor turístico. Somando bar e boite (também equipamentos de lazer ligados ao turismo) constata-se que 41,69% das atividades que facilitam a exploração sexual estão relacionadas ao setor turístico. Além dos demais locais que em destinos turísticos também são frequentados por turistas.



FONTE: A Exploração Sexual Comercial de Meninos, Meninas e Adolescentes na América Latina e Caribe - (Relatório Final – Brasil). CECRIA, 1999.

Ressalta-se que há pesquisas que abordam o Turismo Sexual enquanto exploração de mulheres e meninas, mas continuam colocando o foco da explicação especificamente nas mulheres e não compreendem os padrões culturais e as relações de poder que fazem emergir a prostituição como prática e como discurso. Conforme Richter (2002) ainda existem abordagens superficiais e machistas que colocam a explicação do Turismo Sexual na moral das mulheres que, segundo essas abordagens, optam pela prostituição como um desvio de conduta e desejam a exploração. Em maior número, existem as análises que colocam a explicação da existência do turismo sexual exclusivamente na pobreza, as mulheres cairiam na exploração porque são pobres.

Reafirma-se aqui a discordância com essas abordagens, tendo em vista que a perspectiva dessa dissertação coloca o foco nas construções discursivas e performativas de raça, gênero e sexualidade que constroem o Brasil como lugar de prostituição e as mulheres brasileira, principalmente as negras, como alvos sexuais. O foco é, portanto, anterior a uma discussão do porque as mulheres se prostituem, ou as estratégias e as agências das mulheres na prostituição, ou ainda as análises do turista como prostituidor.

## 2. CONSTRUÇÕES DO BRASIL COMO PARAÍSO DE MULATAS

Nesse capítulo são analisados discursos do início do século XIX ao final do século XX, os quais voltaram-se para a construção de uma identidade nacional e de uma imagem do Brasil no exterior, compondo o arquivo sobre o paraíso, a mulata erótica e disponível e a mestiçagem, construindo, assim, o Brasil como paraíso de mulatas.

### 2.1 O BRASIL COMO UMA NAÇÃO: a emergência, a condenação e a exaltação da Mestiçagem

Em 1822, com a proclamação da independência, o Brasil torna-se um Estado Nação soberano. O movimento que já estava se desenvolvendo de construção de um sentimento nacionalista, passa a construir uma identidade nacional. Os intelectuais (que somavam papéis de literatos, jornalistas, historiadores) e os artistas passam a se dedicar a esta tarefa, bem como, o governo Imperial, cria instituições com esta finalidade.

Em 1838 é fundado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e suas seccionais estaduais. O objetivo do IHGB é a criação de uma História Pátria a partir de uma prerrogativa científica, conforme Guimarães (1988, p. 5) “a tarefa de disciplinarização da história guarda íntimas relações com os temas que permeiam o debate em torno do nacional”. Este objetivo torna-se claro no concurso, proposto em 1840, para eleger o melhor plano de como escrever a *história antiga e moderna do Brasil*. O vencedor é Carl Friedrich Phillip Von Martius, com a obra *Como se deve escrever a história do Brasil*, considerado por muitos autores como “o primeiro a teorizar acerca da melhor maneira de escrever a história do Brasil” (CEZAR, 2003, p. 177 e 178). Ressalta-se que “o modelo proposto por ele teria sido seguido por Francisco Adolfo Varnhagem (1816-1878), o principal historiador brasileiro do século XIX, e por seus sucessores” (*idem, ibidem*). Esta construção de uma História Nacional orientada e científica, a partir da institucionalização da História no IHGB e do texto de Martius, é marcada pelo caráter elitista de seus autores, que teriam uma mesma formação e pertenceriam a mesma classe privilegiada, segundo Guimarães (1988). A obra de Martius, conforme Cezar (2003), centra-se na preocupação com as três raças que formam a Nação Brasileira: os índios, os portugueses e os africanos. Na descrição de Cezar (2003) da obra, percebe-se que a parte destinada aos africanos é infinitamente menor, bem como, sua participação é menos

importante. Esta concepção de História Nacional, a partir da elite, que reserva um espaço menor aos negros perpetua-se na historiografia brasileira –“a Nação brasileira traz consigo forte marca excludente” (GUIMARÃES, 1988, p.7).

Essa marca excludente da historiografia corresponde ao papel de liderança conferido aos brancos, o que não é incompatível com uma visão romantizada da “mistura de raças” que começa a emergir em meados do século XIX. Se na historiografia os primeiros construtores da história da nação voltaram-se para a história da formação do Brasil baseada nas raças, na Literatura também o elemento racial começa a emergir.

Referente às artes, conforme Venâncio (2008, p.4): “embora possuísse traços próprios, a produção artística brasileira do século XIX, guardava referências de exotismo e de tropicalidade herdadas de períodos anteriores”. Reforça a construção do Brasil como paraíso tropical e aos poucos passa a incorporar a questão racial, que vai emergir no Modernismo, como será demonstrado a seguir.

O movimento literário considerado como Romantismo inicia-se em 1836. Sua primeira Geração é chamada Indianista ou Nacionalista. Conforme Baldo (2006, p.2):

Para consolidar-se como nacional, a literatura brasileira da época romântica criou uma imagem heroicizada do índio (...) Entre os românticos destaca-se José de Alencar que, na tentativa de reconstituição do processo de construção da nacionalidade brasileira, alicerçado no ideário romântico europeu, de valorização da natureza e do “homem natural” — que entre nós não deixou de ter incentivadores, como o historiador francês Ferdinand Denis, autor do *Resumé de l'histoire littéraire du Brésil* —, construiu personagens que seriam a idealização dos tipos formadores da nação brasileira, elegendando o índio como o símbolo da origem de nosso povo. Em seu romance indianista *Iracema* (anagrama de América), da união entre a “formosa índia” Iracema e o “nobre guerreiro português” Martim, nasce Moacir (o filho da dor), que simbolizaria a origem da raça brasileira.

Freitas (2008) ao analisar as obras *Iracema* (1865) e *O Guarani* (1857), ambas ambientadas no período do início da colonização do Brasil, de José de Alencar, ressalta o papel dos marcadores de gênero e raça na construção da identidade nacional. A autora demonstra como José de Alencar constrói a relação “entre suas personagens e o exótico, que não inclui apenas a paisagem, mas principalmente o indígena como fazendo parte da mesma e como ente a ser assimilado pelo colono europeu que forjará a nação” (Freitas, 2008, p. 74).

No foco dessa dissertação de buscar a emergência de um Brasil mestiço relacionado com a construção de raça, gênero e sexualidade, trechos da obra *O Guarani* parecem evidências desse discurso emergente fundacional de um Brasil mestiço e da sexualidade

exótica e erótica das mulheres indígenas. Um dos capítulos da obra *O Guarani* intitula-se “Loira e Morena”, no qual o autor constrói as irmãs Cecília (filha legítima do Coronel) e Isabel (filha do Coronel com uma indígena).

#### A descrição de Cecília:

Os grandes olhos azuis, meio cerrados, às vezes se abriam languidamente como para se embeberem de luz, e abaixavam de novo as pálpebras rosadas. Os lábios vermelhos e úmidos pareciam uma flor gardênia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite; o hálito doce e ligeiro exaltava-se formando um sorriso. Sua tez alva e pura como um froco de algodão, tingia-se nas faces de uns longes cor-de-rosa, que iam, desmaiando, morrer no colo de linhas suaves e delicadas.

(...)Os longos cabelos louros, enrolados negligentemente em ricas tranças, descobriam a fronte alva, e caíam em volta do pescoço presos por uma rendinha finíssima de fios de palha cor de ouro, feita com uma arte e perfeição admirável.

(...) O que passava nesse momento em seu espírito infantil é impossível de descrever (ALENCAR, 1974, p. 24).

#### A descrição de Isabel:

Era um tipo inteiramente diferente do de Cecília; era o tipo brasileiro em toda sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e vivacidade.

Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhosos, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível (*idem*, p. 25).

Baldo (2006) aponta que essa exaltação do indígena e da mestiçagem começa a ser criticada, bem como o negro começa a tomar o papel principal da miscigenação. Conforme a autora (2006, p. 5): “Se durante o período romântico o pensamento sobre o caráter nacional brasileiro adquiriu uma posição otimista e nacionalista que, na fase realista se converteu em pessimismo.”

Como exemplo de romance do Realismo/Naturalismo da Literatura Brasileira, que aborda a questão racial, destaca-se *O Mulato* (1881), de Aluísio de Azevedo. A obra narra o amor de um mestiço com posição social, por ser bacharel, e sua prima branca. Esse amor não é aceito pela família, e o casamento é proibido. Raimundo (o mulato) se torna ainda vítima de uma conspiração e é assassinado. Ao final da obra, sua amada casa com o branco que o assassinou. A mestiçagem tem, na obra, um tom de tragédia. Conforme Moutinho (2004, p. 111), na construção de Aluísio de Azevedo, o personagem Raimundo “socialmente era rejeitado, todavia, na surdina, era eroticamente desejável”.

Na obra *Os Sertões* (1902), Pré-Modernista, “Euclides da Cunha põe em relevo o pensamento evolucionista do século XIX e, influenciado pelas idéias de seu mestre, o sociólogo Nina Rodrigues, aceita a teoria da existência de raças superiores (brancos) e inferiores (negros).” (Baldo, 2006, p. 3). No mesmo contexto “Romero apresentava uma visão pessimista da natureza e do papel atribuído ao índio pelo romantismo, fato por ele visto como à velha mania da *nobreza tupinambá* (...), além de rebater o indianismo, ele propõe o branqueamento da população” (*idem, ibidem*).

No final do XIX e início do XX, os intelectuais passaram, portanto, à criticar a miscigenação, alguns condenando o Brasil à barbárie outros defendendo a imigração européia para o branqueamento paulatino da população. Os intelectuais brasileiros, baseados nas teorias racistas européias do século XIX, aderiram a uma perspectiva racial biológica para explicar a formação do Brasil. Essas teorias racistas encontram espaço propício de difusão dentre a elite letrada brasileira – o que pode ser inferido a partir da afirmação de Marco (1993, p.63):

Se é verdade que o darwinismo é uma espécie de síntese capitalista, é de se esperar que tenha tido grande aceitação em países que assim se organizavam. Essa organização facilitava o entendimento da lógica do mecanismo evolutivo proposto. Igualmente provável é que fosse propagandeando com mais força nos países onde a contradição Igreja X burguesia se aprofundava.

Isto porque o Brasil encontrava-se no início de seu processo de industrialização, e apesar de ser comandado pela elite agrária na política café-com-leite até 1930, segundo Schwarcz (1996, 163): “no final desse século [ a autora refere-se ao século XIX] temos uma burguesia orgulhosa com seus avanços, e que pretende conquistar tudo” e o “local onde essa burguesia representava seu poder era nos domínios a ciência” (*idem*, p. 164). Também, porque o Brasil – segundo Grinberg (2002) – encontrava-se na contradição entre a burguesia e a Igreja, na medida que o Código Civil de 1916 instituí o casamento civil e, desde a promulgação da Constituição Republicana (1891) o controle sobre a vida civil não corresponde às funções da Igreja. Sendo o Brasil um país com um enorme contingente de populações negras e mestiças, para as Teorias Racistas e evolucionistas, o Brasil seria sinônimo de atraso rumo ao progresso, de impureza, de degeneração (SCHWARCZ, 1996, p.171 e 172). As Teorias Racistas européias forneciam o suporte para a defesa da inferioridade dos negros e para a dominação dos brancos, mas ao mesmo tempo causavam um problema para os intelectuais brasileiros em sua preocupação em construir uma identidade nacional. Assim criaram a teoria do branqueamento. Segundo Skidmore (1989,p.81):

A teoria brasileira do “branqueamento” (...) [é] aceita pela maior parte da elite brasileira nos anos que vão de 1889 a 1914, era peculiar ao Brasil (...) baseava-se na presunção branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos “raças mais adiantadas” e “menos adiantadas” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro – a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o *gene* branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros do que elas. (A imigração branca reforçaria a resultante predominância branca).

Segundo Ortiz (1994, p.21) “a problemática da mestiçagem se apresenta aos intelectuais do período como um dilema”, o qual é superado pela Teoria do branqueamento que, conforme Schwarcz (1996, 173), é desenvolvida nos Institutos Históricos e Geográficos, nos quais “de fato, os homens eram entendidos como *desiguais*; no entanto compartilhando um futuro semelhante: cristão e branco”.

Desta forma, segundo Seyferth (1996, p.45) “a imigração (européia) é apresentada como instrumento da civilização”. A autora afirma que “o papel do imigrante, portanto, está bem definido – concorrer para a formação de um *tipo* brasileiro, elemento da unidade nacional (...). Trata-se de uma construção racial – clarear a pele do brasileiro do futuro” (*idem*, p.51). Conforme Skidmore (1989, p.157), o programa de subsídios do governo de São Paulo [para a imigração] durou até 1928. Vale ressaltar que São Paulo era o maior expoente da política nacional – na política do café-com-leite na República Velha.

Para perceber a emergência desse discurso que, apesar de continuar colocando a mestiçagem entre brancos, indígenas e negros como principio fundador do Brasil, interpreta a mestiçagem como negativa e ao mesmo tempo positiva, na medida em que permitiria o branqueamento da população, ressalta-se agora um discurso que pode parecer mínimo, mas muito revelador. Não será tratado aqui Nina Rodrigues, como autor que condenou a mestiçagem. Também não serão tratados Silvio Romero e Oliveira Vianna, como autores que defenderam o branqueamento. Esses autores já foram bastante debatidos por terem publicado vários livros e geralmente são interpretados sob uma perspectiva cronológica linear, como primeiro uma condenação da mestiçagem e depois uma exaltação da mestiçagem, pela possibilidade que ela traria de branquear a população. Abordar-se-á, Affonso Cláudio, o qual, no mesmo contexto, publicou sua tese que expressa uma visão negativa da mestiçagem e ao mesmo tempo positiva no sentido de possibilitar o branqueamento. Assim não busca-se

analisar os autores, mas a emergência de um discurso de mestiçagem fundante da Nação Brasileira.

Affonso Cláudio apresentou sua tese no Primeiro Congresso de História Nacional do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, realizado em 1914, o qual tinha como presidente de honra o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca – Presidente da República. O Congresso teve 93 teses apresentadas e publicadas sobre a História do Brasil (Gomes, 2005). A tese apresentada por Affonso Cláudio, de 57 páginas, intitula-se “As tribos negras importadas; estudo etnográfico e sua distribuição regional no Brasil; os grandes mercados de escravos”.

O autor participa da construção da teoria do branqueamento, exaltando a imigração e hierarquizando os negros conforme sua proximidade com os brancos (exaltando uma possibilidade de branquear). Como pode ser observado nas citações a seguir:

O bello typo dos *kassas, zulus, tambuchis e mambuchis*, na Cafraria marítima, como o dos *gokas, morolongs, betjuanas*, na Cafraria interior, revelam-se pela cor negra retinta, pelo talhe elevado e pela correção das linhas do corpo, de par com uma certa vivacidade de espírito em flagrante contraste com os outros povos *chamíticos*. Serão, entretanto, os *cafres* negros puros? Certo que não, pois basta conhecer o seu relativo adiantamento industrial, além dos indícios anatômicos, para ver que elles descendem da mistura do sangue negro predominante, com outro branco ou *hollentote*. (CLÁUDIO, 1915, p.600).

Nota-se ainda que a pelle do negro é mais espessa que a do europeu, principalmente no craneo, na sola dos pés na palma das mãos e por isso mesmo, infinitamente menos sensível. (...) notaremos que os musculos não apresentam a cor vermelho vivo, característica da do branco, o sistema piloso do negro é mui pouco desenvolvido. (*idem*, p.603)

Quanto aos estrangeiros (...) O Brasil todo ahí está: espalhem-se, tenham o mesmo trabalho que tiveram outrora os portugueses. Espalhem-se e misturem-se ás populações nacionais. (...) Este sábio conselho (...) (*idem*, p.650).

A Teoria européia mais evidenciada na obra de Affonso Cláudio é a de Charles Darwin<sup>7</sup>, sobre o qual o autor refere-se como “grandioso”. Sobre este, Affonso Cláudio cita a seleção natural pela adaptação do mais capaz ao meio e, assim, a idéia de hierarquização e evolução. Segundo Marco (1993, 68), apesar de Darwin não tratar do ser humano em sua principal obra “A origem das espécies”, esta foi aplicada aos homens e, também, em outras

---

<sup>7</sup> A Teoria de Darwin emergiu com tanta força que esse ano (2009) se comemora no mundo todo, inclusive na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, os 200 anos de seu nascimento e os 150 anos de publicação da obra A Origem das Espécies. Seu discurso emerge como resultado das relações de poder, nas quais a Igreja perdia poder para a Ciência e a nobreza perdia seu poder para a burguesia.

obras posteriores como “A origem do Homem”, Darwin transpõe sua teoria aos seres humanos. Affonso Cláudio defende que: “Ora, o que é verdade em relação aos seres animais em geral, não deixa de o ser em relação ao homem em particular” (CLÁUDIO, 1915, p.599).

No entanto, esta busca dos teóricos europeus não se dá de forma direta. Ou seja, as teorias são re-significadas, no Brasil, a partir das práticas sociais – das discussões a cerca do Código Civil, da preocupação com a construção de uma História Nacional, a qual se dá no dilema da mestiçagem e da Teoria do branqueamento que constrói e é construída pela política de imigração.

O Código Civil, sancionado em 1916, é discutido no Brasil desde a segunda metade do século XIX. A dificuldade de sua implantação se deu devido à dificuldade de regulamentação das relações de trabalho. Até a abolição, o ideário liberal (de igualdade entre todos) do código civil era oposto à realidade escravocrata. Com o fim da escravidão, o problema passa a ser a definição das relações entre patrões e empregados. Neste contexto há uma preocupação em “demonstrar que a escravidão não era mais aceita no país” (GRINBERG, 2002, p.69), assim, “foi o Código Civil, ao abolir os resquícios e as dúvidas decorrentes da existência legal do regime de trabalho escravo por três séculos, que consolidou juridicamente a ruptura instituída quase 30 anos antes” (*idem, ibidem*).

Neste sentido, os negros passam a ser cidadãos – todos passam a ser igual perante a lei. Não há mais a inferioridade dos negros institucionalizada pelo sistema escravocrata. Neste sentido, as Teorias Racistas Europeias do século XIX, que se pautam pela idéia de progresso, de evolução, de hierarquização de estágios rumo a esse progresso e a civilização, são usadas para construir as representações de inferioridade dos negros, pela elite. A inferioridade torna-se, assim, uma questão de raça.

Afonso Cláudio em seu texto relaciona-se a este contexto: apresenta uma crítica ao tráfico e a escravidão, no entanto, não defende o negro no contexto em que se encontra. Seyferth (1996, p.46), ao tratar desse contexto da produção científica nacional, observa que: “Apesar da condenação explícita do escravismo, não há qualquer preocupação com o destino da população escrava, nem mesmo com os demais trabalhadores nacionais, e o significado mais imediato do “trabalho livre” é a desqualificação dos negros e mestiços para o trabalho independente”. Esta diferenciação entre uma crítica da escravidão e uma crítica à situação dos negros no pós-abolição (ou ainda uma defesa da situação desigual dos negros no pós-abolição) é que está presente em Affonso Cláudio. No pós-abolição com as discussões do

Código Civil, e com a defesa da imigração e, com a influência das teorias racistas, o autor defende que os negros precisam de tutela, cita-se:

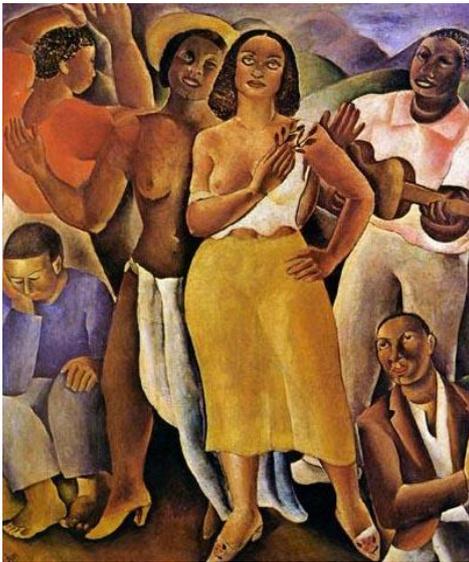
O estado em que encontramos os povos negros que ficaram entregues a si mesmos, prova que não são aptos para transpor o nível da vida tribal, os ajuntamentos communarios e os factos contemporâneos levam a crer que sem a tutela de outros polidos, elles não saberiam conservar, quanto mais capitalizar os benefícios da civilização. (CLÁUDIO, 1915, p.604).

Percebe-se, na emergência do discurso de Affonso Cláudio, a transição da condenação da mestiçagem para a exaltação da mestiçagem como solução para o Brasil através do branqueamento que acreditavam ser possível. Nas décadas seguintes há um re-fortalecimento do Nacionalismo, na arte, na literatura e na política (como será analisado a seguir). O projeto de eliminação da população negra através da mestiçagem com fins de branqueamento, vai sendo substituído pela eliminação do ser negro como identidade possível e sujeito político através da mestiçagem como característica da Nação. O mulato e, principalmente, a mulata passam a ser construídos, discursiva e performaticamente, como símbolo dessa miscigenação e da nação. A mulata e o mulato eliminam discursivamente a negra e o negro e assim também suas pautas de luta e seus discursos (que serão analisados no capítulo três). Conforme Negri e Cocco (2005, p. 147) “no Brasil é justamente na gestão da mestiçagem que o bloco biopolítico se reproduz com impressionante continuidade”. Ou seja, a produção da verdade, a produção do saber, de que não há racismo no Brasil, se dá a partir das relações de poder, nas quais o discurso que afirma a mestiçagem e, assim, a ausência de racismo vence o discurso do movimento negro por inclusão e políticas de combate ao racismo.

A partir da década de 1920, a mestiçagem vai ser exaltada na arte, na literatura e no discurso das ciências humanas. Essa mestiçagem é agora construída como símbolo da Nação, a partir da emergência da figura da mulata. É através da mulata, por ser erótica, que se produz a miscigenação com o branco e se gera mais brasileiros mestiços. Reedita-se o nacionalismo da mestiçagem, construído inicialmente a partir do casal do homem português e mulher indígena, como em *Iracema* (1865) de José de Alencar. O imaginário da mulata, da indígena, da mestiça, vai consolidando um imaginário de mulher brasileira ligado a essa erotização.

Na década de 1920 o Movimento Modernista objetiva reforçar o sentimento de Nacionalismo (BALDO, 2006). A Semana de Arte Moderna (1922) marca esse novo movimento. Nela destaca-se Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo (Rio de Janeiro, 1897-Rio de Janeiro, 1976). Di Cavalcanti expôs suas telas, desenhou o programa e os convites, e foi um dos idealizadores e organizadores, da Semana de Arte Moderna. No site

oficial<sup>8</sup>, na seção “Apresentação”, encontram-se frases do artista, na sub-seção “Di falando”, sendo a primeira frase: "A mulata, para mim, é um símbolo do Brasil. Ela não é preta nem branca. Nem rica nem pobre. Gosta de música, gosta do futebol, como nosso povo". A seguir algumas de suas obras. Ressalta-se a construção que ele faz da mulher branca na obra Elegância versus a construção que ele faz da mulher negra nas demais obras. Também ressalta-se a obra Nu deitado, na qual o autor constrói uma continuidade entre as curvas da mulata e as curvas da natureza.



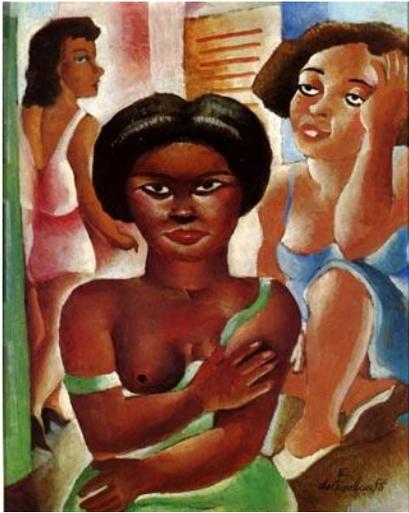
Samba. Óleo sobre a tela - 177x154cm. 1925



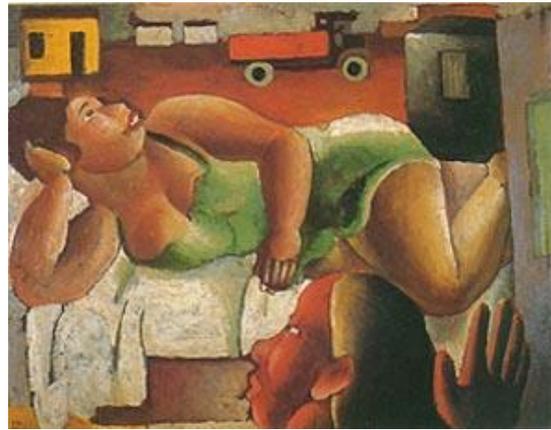
Elegância. Desenho. Década de 20

---

<sup>8</sup> As informações sobre Di Cavalcanti, bem como a cópia das obras aqui apresentadas, foram obtidas no site oficial [www.dicavalcanti.com.br](http://www.dicavalcanti.com.br)



Mulatas. Óleo sobre cartão -50x39cm. 1927



A mulher e o caminhão. Óleo sobre madeira -  
46x56,5cm. 1932



Carnaval. Crayon - 32x24cm. 1947



Onde eu estaria feliz. Óleo sobre a tela -98x130cm.1965



Nu Deitado, óleo sobre a tela - 82x100cm. Década de 1930

Na literatura, destaca-se Jorge Amado, autor brasileiro que foi traduzido em várias línguas, como síntese desses vários discursos sobre mestiçagem e Nação Brasileira. Conforme Moutinho (2004, B): na obra *O país do carnaval* (1931) o autor apresenta uma visão negativa da mestiçagem; já na obra *Jubiabá* (1935) o autor ressalta a cultura negra positivamente, mas narra um amor impossível entre um negro pobre e uma branca rica; e em *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) aproxima-se da visão da mestiçagem positiva em torno da figura da mulata. Segundo Moutinho (2004 B, p. 323). “O tom da ‘mistura’ (sempre hierarquizada), que se justapõe ao tom da nação, será produtor da ‘boa ordem’ se vindo do casal ‘branco’ / mestiça. Trata-se do domínio do macho sobre a fêmea, do ‘branco’ sobre o ‘não-branco’, do colonizador sobre o colonizado, do civilizado sobre o selvagem”.

Conforme Moutinho (2004, B), a personagem Gabriela é construída como “morena cor de canela e cheiro de cravo”, sedutora, espontânea e erótica. Gabriela era retirante que ao chegar a Ilhéus vai trabalhar na casa de um árabe, como cozinheira e amante “rapariga de cama e mesa”. Na obra, quando o árabe pensa em casar-se com ela, sua posição foi que “Valia a pena não... Seu Nacib era para casar com moça distinta, toda nos ‘brinquês’, calçando sapato, meia de sêda, usando perfume. Moça donzela, sem vício de homem. Gabriela servia para cozinhar [...], com homem deitar. Não velho e feio, não por dinheiro. Por gostar de deitar” (Amado apud Moutinho, 2004, p. 318). No entanto o casamento se realiza. Jorge Amado então constrói a infelicidade de Gabriela no casamento e no papel de esposa. Em seguida, a traição de Gabriela, a anulação do casamento, mas a manutenção da relação de cama e mesa entre Gabriela e Nacib. Vale destacar as adaptações desse romance para a televisão, na novela da Tv Tupi (1960), e na novela da TV Globo (1975); além da adaptação para o cinema em 1985. Destaca-se que a partir da segunda metade do século XX é a mídia, e dentro dela o Turismo, que terá o papel central nessa construção de imaginários e identidade nacional, como será analisado no próximo sub-capítulo.

Ainda sobre Jorge Amado ressalta-se a análise de Nascimento (2003) sobre o candomblé e as interpretações ocidentais e patriarcais da religião, nas quais a autora inclui Jorge Amado. Nascimento afirma que padrões de sexualidade e papéis de gênero ocidentais e patriarcais são impostos para o candomblé e para as culturas não ocidentais resultando em interpretações errôneas da religião. Nesse sentido “a literatura do autor brasileiro Jorge Amado retrata um candomblé baiano também fortemente sexualizado, refletindo semelhantes matizes patriarcais” (*idem*, p. 106).

Na política, a partir das décadas de 1920 e 1930, frente à crise mundial do liberalismo e a decadência das oligarquias brasileiras, o nacionalismo foi reforçado como alternativa para o Brasil, surgindo três Projetos Nacionais com Ideologias Nacionalistas: o Integralismo, o Comunismo e o Populismo. Neste contexto, essa construção de uma Identidade Nacional, com o apoio dos intelectuais, é reforçada. E, para a Identidade Nacional a questão racial é fundamental. Conforme Silva (2005), o Integralismo considera-se mestiço. No Integralismo “havia muitas construções discursivas que se realizavam em torno do índio, do negro, e de vários tipos de mestiços, homens que formavam, juntamente com os brancos, o que eles denominavam de Raça Brasileira” (SILVA, 2005, p. 81). De forma similar o Populismo na Era Vargas, na construção da Identidade Nacional, defendeu a mestiçagem e a harmonia entre as raças – instaurando o Dia da Raça e apoiando-se nos intelectuais e no Departamento de Imprensa e Propaganda. Segundo Capelato (2001) o DIP produzia e divulgava as mensagens propagandistas do governo (também, censurava outros meios de comunicação), dentre as mensagens, além das oficiais, principalmente o Rádio, tinha um caráter cultural e cívico, onde a nacionalidade era exaltada. Um dos setores do DIP era o Turismo, o qual, segundo Santos Filho (2007) era mais um elemento de controle ideológico do Estado Getulista.

Os intelectuais, especialmente no Estado Novo, foram incentivados e convocados a participar do governo e a teorizar sobre a *questão nacional*. Os intelectuais “eram vistos como intermediários entre o governo e o povo, porque pensavam e criavam, ficando encarregados de indicar os rumos estabelecidos pela nova política, dirigindo ou assegurando o processo de mudança no Brasil” (*idem*, p. 210). Eles escreviam na revista Cultura Política e nos jornais oficiais A Manhã e A Noite. Na questão nacional vinculada à Raça, destacou-se Gilberto Freyre.

Em 1933, com a publicação de *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre se torna o grande interprete da Nação, propagandeando uma mudança da perspectiva racial biológica como matriz interpretativa do Brasil, para uma perspectiva cultural. A mestiçagem, interpretada como o sinônimo da mistura das culturas de negros, brancos e índios, tornou-se o elemento constitutivo central da identidade nacional. Sobre esta possível mudança de perspectiva conceitual – da biológica para a sócio-cultural – que teria ocorrido nos anos 30, Martinez-Echazábal (1996, p. 110) se refere como uma “mudança retórica e pretensamente conceitual”. Ou seja, fortemente retórica. Cita-se: “Nos discursos elaborados com base no ideologema da mestiçagem emergentes nos anos 20 já não se fala, em geral, de raças ou

culturas “inferiores” para efeito de exclusão, se bem que isto esteja implícito” (MARTINEZ-ECHAZÁBAL, 1996, p.109).

O discurso da harmonia racial não foi acompanhado de políticas públicas efetivas na harmonização de oportunidades entre negros e brancos; ao contrário, serviu de instrumento de deslegitimação das lutas dos negros por políticas de inclusão. Ressalta-se que esse contexto foi marcado por pressões de grupos negros em prol da inclusão, e da valorização das heranças africanas, como será analisado no capítulo 3. Ao mesmo tempo, a elite branca, exaltando a obra de Gilberto Freyre, esforçava-se para construir uma identidade nacional que de alguma forma englobasse o negro e ocultasse o racismo. Freyre foi exaltado em vários países do mundo. Aliado ao elemento racial acrescenta-se o de gênero e de sexualidade, tendo em vista que na obra do autor um dos elementos centrais é a erotização das mulheres negras escravizadas, através da figura da mulata. Cita-se o capítulo IV- O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro, no qual o autor descreve, entre outras passagens relacionadas à sexualidade, a iniciação sexual dos senhores brancos com as escravas mulatas.

Cita-se, também:

A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido da aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sandiuchada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação. A índia e a negramina a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil (FREYRE, 2001, p. 46).

O imaginário do colonizador português sobre mulher nativa indígena compondo o exótico/erótico Brasil paraíso, foi reeditado no imaginário do brasileiro branco senhor de escravos (português ou descendente de portugueses) sobre as mulatas compondo o exótico/erótico Brasil paraíso. Inclusive Freyre utiliza como fonte histórica os relatos dos viajantes europeus, como descrições do Brasil.

Para a compreensão da construção desse Brasil e sua harmonia racial, sua mestiçagem constitutiva, vale ressaltar também o historiador Dante de Laytano. Isto porque, conforme Oliven (1993, p. 23), o próprio Gilberto Freyre em sua construção de Brasil, afirma “que o único modo de ser nacional, num país de dimensões como o Brasil, é ser primeiro regional”.

Assim Freyre vai construir um Brasil a partir do Nordeste Brasileiro, assim como Laytano vai construir um Brasil, igual ao de Freyre, através do Rio Grande do Sul (Gomes, 2008 / B).

Laytano começa, então, a ascender como intelectual na década de 1930 quando torna-se membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS). Nos anos quarenta é um dos fundadores, e pertence ao primeiro corpo docente, das duas primeiras Faculdades de Filosofia do Rio Grande do Sul. Em 1948 participa da criação da Comissão Gaúcha de Folclore e foi o seu primeiro presidente. Nos anos cinquenta torna-se diretor do Museu Júlio de Castilhos. Entre as décadas de 1950 e 1960 foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Arte, Cultura e História – destaca-se que atualmente a ABACH é parceira da Cia. Sandrinha Sargentelli; inclusive na sede da ABACH, a Casa da Fazenda Morumbi (São Paulo), são realizados, mensalmente, os “Shows de Contemplação à Mulata” da referida Cia, conforme será analisado no capítulo 4, a partir dos dados da pesquisa de campo lá realizada.

A relação de Laytano com Freyre pode ser ainda evidenciada nas próprias palavras de Laytano em entrevista a Moacyr Flores, publicada em 1995:

Moacyr Flores: O senhor manteve correspondências com Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, até que ponto eles afetaram em suas linhas de pesquisa de folclore e da história social?

Dante de Laytano: Tudo. Gilberto Freyre foi minha grande influência (...)  
(FLORES, 1995, p. 113).

A interpretação de uma escravidão branda, o imaginário de uma democracia racial de Freyre, pode ser evidenciada em Laytano. Ao citar o relato de viajante Saint-Hilarie como fonte histórica, influência de Freyre, Laytano destaca: “Afirmo, diz ele, nesta Capitania, os negros são tratados com bondade e que os brancos com eles se familiarizaram, mais que em outro ponto do país” (Laytano, 1959, p. 48). Cita-se, também: “É exato que a estância nivelou os hábitos do campo não permitindo grandes diferenciações sociais” (Laytano, 1937, p.99).

Essa interpretação de harmonia racial é acrescida de uma construção da passividade do negro, como pode ser percebido no artigo “Os africanismos no dialeto gaúcho”, de 1936. No artigo, Laytano compara os vocabulários africanos com os alemães e italianos. O autor constata que o número de africanismos no dialeto gaúcho é muito maior do que as palavras vindas dos alemães. E sua interpretação é que os imigrantes, como eram ativos, se integraram e deixaram sua língua; já os negros, como eram passivos, permaneceram com sua língua. Cita-se: “Porque a influência do meio atenua a psicologia do imigrante. Para vencer na

conquista econômica entregou-se, ele, com entusiasmo, no contacto com as massas nacionais. O alemão e o italiano eram agentes ativos, mas o negro não era mais do que um agente passivo.” (LAYTANO, 1936, p.170)

Freyre e Laytano (nas ciências), Di Cavalcanti (nas artes) e Jorge Amado (na literatura). Poderiam ter sido citados também Sérgio Buarque de Holanda e Paulo Prado. O foco aqui é que eles compuseram esse “arquivo” (no sentido foucaultiano) onde a mulata erotizada emerge como aquilo que pode ser dito e era aquilo que representava a nação brasileira. A análise aqui não é de autores, mas de um “arquivo” sobre o Brasil como nação mestiça. Moutinho (2004/ A), citada anteriormente por sua análise sobre a literatura, mas que também analisou clássicos da historiografia desse contexto (Freyre, Holanda, Prado, Vianna), afirma que “em todos os autores, a mestiçagem aparece como um epicentro que articula, sobretudo, dois elementos: o sexual e o nacional” (*idem*, p. 99)

Se até aqui se analisou a emergência de discursos a partir da ciência, de intelectuais, da arte e da literatura, agora partir-se-á para a mídia, especialmente, o marketing turístico. Isto porque, a partir da segunda metade do século XX, vive-se cada vez mais em uma cultura midiada, a qual constrói, e reconstrói, imaginários.

Correa (1996) analisa “a invenção da mulata”, assim como essa dissertação, não pretende analisar da perspectiva do sujeito, “mas sim da construção do sujeito enquanto objeto de discursos médicos, literários e carnavalescos” (*idem*, p. 38). A autora menciona brevemente clássicos da literatura (que já foram analisados nessa dissertação) e o universo carnavalesco (que será analisado a seguir, dentro do universo do turismo), citando os shows de Oswaldo Sargentelli (que serão analisados a seguir, sendo que analisar-se-á também os shows atuais da Cia. Sandrinha Sargentelli, sua sobrinha, no capítulo 4). Seu objetivo é demonstrar como essa figura da mulata permite refletir sobre raça e gênero no Brasil. A autora reforça também a conclusão já expressa nesse capítulo de que a mulata foi construída como objeto de desejo e símbolo nacional. Destaca que, desde o século XIX “é como se fosse impossível tratar de raça sem tratar de sexo ou de sexualidade: produto de relações sexuais (espúrias), o mulato trazia já no nome escolhido para designá-lo a marca de sua origem” (*idem*, p.44). Assim, a autora demonstra como a mulata foi construída como raça. Cita-se: “Ao contrário da fluidez e circulação supostamente permitidas nesse *continuum* aos ‘elementos de cor’, à mulata é reservado um lugar definido, ou definitivo, do ‘encontro das raças’ uma espécie de pororoca cultural. A mulatice não é uma definição passível de

negociação: ‘a mulata é a tal’’. (*idem*, p.47). A mulata também foi construída como gênero, um modo específico de “ser mulata”.

No próximo sub-capítulo, pretende-se seguir aprofundando essa análise da “invenção da mulata”, buscando refletir com a mulata, construída como uma raça, um gênero e uma sexualidade, passa a ser construída como atrativo turístico e como profissão.

## **2.2 NATUREZA, MESTIÇAGEM E MULHERES: o Marketing Turístico e o Brasil para os Estrangeiros**

Conforme Aoun (2001), uma reedição do imaginário ocidental de paraíso teria sido realizada pelo marketing turístico do século XX. A busca pelo paraíso teria passado a motivar viagens de lazer, gerando uma nova onda de deslocamentos mundiais: as viagens turísticas. Conforme o autor, analisando a bíblia, textos de religiosos da Idade Média, relatos de viajantes do período das expansões marítimas e literatura do século XVI e XVII, o imaginário ocidental foi permeado pela idéia de paraíso. O paraíso bíblico foi construído na relação entre a natureza e o pecado original. Esse Jardim do Édem era o local ideal, sonhado, perfeito e, ao mesmo tempo, o lugar do pecado original que resultou da expulsão dos seres humanos do paraíso, mas para o qual os eleitos poderiam voltar. Conforme o autor, no período das expansões marítimas, os europeus passaram a buscar um paraíso na terra, relacionado também com a possibilidade de conseguir riquezas, partiram na busca de um lugar ideal. No turismo do século XX esse imaginário foi, conforme o autor, reeditado nos fluxos turísticos de europeus para as antigas colônias.

A partir de uma perspectiva de gênero, Vasconcelos (2005), demonstra como esse imaginário ocidental do paraíso e do pecado original foi diretamente relacionado com a construção de representações sobre as mulheres e a sexualidade. É através desse imaginário judaico-cristão ocidental que as mulheres vão ser construídas como Evas e Marias. As Evas foram as responsáveis pelo pecado original e, assim, por expulsar os seres humanos do paraíso, elas habitavam o Jardim do Édem e representavam a tentação e a sedução. As Marias representam a mulher submissa, pura e bondosa. Consolida-se o modelo mãe-esposa-dona-de-casa-assexuada, baseado no imaginário construído em torno da Virgem Maria. As mulheres que transgrediam esse modelo encontravam uma única alternativa social, baseada no

imaginário construído em torno de Eva, eram as prostitutas, as quais eram construídas pelo discurso médico e jurídico (a autora destaca Lombroso) como “anormais”. Percebe-se que Mulheres Anormais e Normais são produzidas, através do dispositivo de sexualidade, por uma série de discursos em relações de poder.

Pateman (1993), analisando discursos sobre sociedade e política, especialmente os chamados contratualistas, demonstra, também, essa construção de dois papéis para as mulheres – esposa-mãe e prostituta – demonstrando que através desses dois papéis os homens estabelecem a mulher como pertencente ao espaço privado (mãe-esposa) e ao mesmo tempo definem uma forma de existência no espaço público totalmente controlada pelos homens (a prostituição). Assim se exerce o poder patriarcal.

Na análise da construção de Marias e Evas (Vasconcelos, 2005) e na análise da construção dos papéis de esposa-mãe e de prostituta (PATEMAN,1993), as autoras negligenciam um importante dispositivo que se intersecta com os dispositivos de gênero e sexualidade, é o dispositivo de racialização. Conforme Stolke (2006), no período colonial, a moralidade das metrópoles ibéricas foi implantada nas colônias, pela Igreja e pelo Estado. Esses valores e regras de casamento e pureza de sangue dividiam as mulheres em dois tipos baseados em sexualidade e raça: as virgens euro-descendentes e as disponíveis indígenas e africanas e/ou afro-descendentes escravizadas. Voltando ao Jardim do Éden e a busca do paraíso pelos turistas, evidencia-se que as Evas encontradas em seus supostos paraíso, reeditando esse imaginário colonial, são construídas por sua raça. As mulheres nativas vão ser construídas como Evas, misturadas a natureza, no paraíso. Conforme Aoun (2001) as terras “descobertas”, no período colonial vão ser construídas como lugares exóticos e eróticos, em oposição à Europa, assim como, os destinos turísticos do século XX vão construir o paraíso tropical e o jardim de delícias.

O turismo moderno e/ou organizado, conforme Rejowski (2002), inicia-se em meados do século XIX com as transformações econômicas, sociais e tecnológicas, decorrentes da Revolução Industrial. A partir de 1840, Thomas Cook teria realizado na Europa viagens organizadas, de trem, nas quais formava um grupo de passageiros, montava o roteiro ou objetivo da viagem, comprava as passagens em conjunto da companhia férrea e as revendia para os passageiros. Em 1872 ele criou a primeira agência de viagens nos Estados Unidos da América. Em 1892, quando morreu, possuía 85 agências em vários países do mundo. No

século XX o turismo cresceu acompanhando as regulamentações trabalhistas, direito a férias e folgas remuneradas.

No Brasil, referente ao turismo emissivo, a elite brasileira especialmente na virada do século XIX para XX, na belle époque, mantinha viagens seguidas à Europa. Mas referente ao turismo receptivo, é a partir da década de 1930 que o turismo entra na agenda do governo que vai começar a desenvolver o Brasil como um destino turístico. Nesse sentido, as políticas públicas de turismo estiveram, desde seu início, fortemente voltadas ao marketing. Ao setor privado coube a estrutura turística. E o planejamento, minimização de impactos inicia-se com expressão apenas com a criação do Ministério do Turismo em 2003.

Durante o Estado Novo (1937-1945) foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda que era composto de cinco Divisões: Divulgação, Radiodifusão, Cinema e Teatro, Imprensa e Turismo. Segundo Caetano (2004, p.6) “a Divisão do Turismo encarregava-se da divulgação do Brasil no exterior, com a finalidade de incentivar o turismo”, editou para isto folhetos em língua estrangeira e duas revistas *Travel in Brazil* e *Brasil Novo*.

Importante destacar o arquivo fotográfico<sup>9</sup> “Aspectos de Pontos Turísticos Brasileiros”, produzido a pedido de Gustavo Capanema, Ministro do Governo Vargas, entre 1938 e 1945, pelos fotógrafos Peter Lange e Heric Hess. Na foto a seguir as mulheres e o mar compõem o ponto turístico Praia de Copacabana /Rio de Janeiro.



---

<sup>9</sup> Disponível na base de dados do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Arquivo Gustavo Capanema, Audivisual, 722. Disponível em: [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)

Neste momento o objetivo da política de turismo era divulgar o Brasil e, assim, o turismo passa a ser mais um elemento de consolidação da identidade nacional através de uma imagem do país divulgada no exterior com repercussão interna. Essa imagem é construída em um contexto de uma série de disputas referentes à identidade, e neste sentido, o turismo colabora com a divulgação da harmonia racial brasileira – segundo Lacerda (1994) a divisão de Turismo utiliza intensamente o recurso fotográfico para divulgar o regime, exaltar a nacionalidade incluindo seus atributos raciais. No mesmo contexto, o governo de Getúlio Vargas, o esforçando-se em construir uma identidade nacional, tornou o carnaval símbolo nacional, criou o Dia das Raças, nacionalizou a capoeira, para celebrar a harmonia racial do Brasil.

Nesse mesmo contexto: “o rádio, introduzido no País a partir dos anos 30, criou uma das personalidades que durante muitos anos – e até atualmente – foi o símbolo do Brasil no exterior: Carmem Miranda, à `pequena notável’”(BIGNAMI, 2002, p.95). Seus filmes também foram exibidos no exterior, como o *Banana da Terra*, de 1938, onde interpretou *O que que a Baiana tem?* De Dorival Caymmi (imagem a seguir). Carmem Miranda foi exaltada por sua sensualidade, contribuindo na construção do imaginário de mulher brasileira sensual.



Em 1945, Erico Veríssimo, importante literato gaúcho, escreveu sobre o Rio de Janeiro:

Mas existe um elemento móvel e importantíssimo na paisagem do Rio. É o homem (...) O carioca é o grande boêmio, o filósofo amável, o humorista espontâneo. O clima fê-lo quase nudista e pagão. O samba é a língua natural dessa gente que vive cantando entre o sol e o mar (...) As novas gerações são

esportivas, tomam banho de sol e de mar, fazem ginástica e vivem nas praias, num estado quase edênico de seminudez(...) O Rio é um estuário que recebe todas as correntes vindas dos estados do País (...) Chegam ao Rio também os que andam em busca de grande oportunidades comerciais ou de divertimentos excitantes, pois o prestígio erótico da cidade é imenso em toda a nação (Veríssimo apud Badaró e Leonam, 2008, p. 115)

Destaca-se que essas palavras de Érico Veríssimo foram publicadas na edição especial nº500 da Revista Carta Capital, em uma matéria sobre os Cariocas, a qual é finalizada com as palavras de Veríssimo e o seguinte comentário “São do gaúcho Erico Veríssimo as linhas acima. Foram escritas há 63 anos, mais precisamente em 1945. Parece ou não parece que foi hoje?” (Badaró e Leonam, 2008, p. 115).

Conforme Beni (2006), apesar dessas iniciativas anteriores, é em 1966 que o Turismo passa a ter uma maior relevância para o Estado Brasileiro com a criação da EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo, atualmente é Instituto Brasileiro de Turismo) e do CNTUR (Conselho Nacional de Turismo). Neste contexto, de Ditadura Militar no Brasil (1964-1984), a EMBRATUR divulga intensamente a imagem do Brasil como paraíso de mulatas. Assim, reafirma a identidade nacional em torno da mestiçagem/ sexualidade/ paraíso.

Também, conforme aponta FIORI (1998), é nesse contexto que o mundo ocidental está iniciando um processo de transição para a globalização capitalista neoliberal. Assim, outro fator que passa a atuar na disputa pela construção da imagem do Brasil no Turismo e pressionar pela vinculação do imaginário do paraíso das mulatas: são as empresas do setor de turismo, muitas multinacionais, que passam a receber uma série de subsídios do governo. A política pública de marketing turístico passa a ter um caráter mercadológico mais evidente, além do caráter institucional vinculado a consolidação de uma identidade nacional.

Segundo Krippendorf (2003, p. 40, 41) o imaginário de paraíso é fortemente vinculado pelos empresários do turismo, pois estes agem segundo seus próprios interesses econômicos, interesses de receber grandes quantidades de turistas, sem preocuparem-se com a motivação que levou estes turistas ao destino. Conforme Bem (2005), vinculada a um imaginário de paraíso, a motivação destes turistas, é em geral o turismo sexual.

O marketing turístico institucional da EMBRATUR utilizou seguidamente imagens de mulheres semi-nuas. As mulheres tornaram-se atrativos turísticos, conforme analisa Caetano (2004) e Feijó e Calanzas (2002).

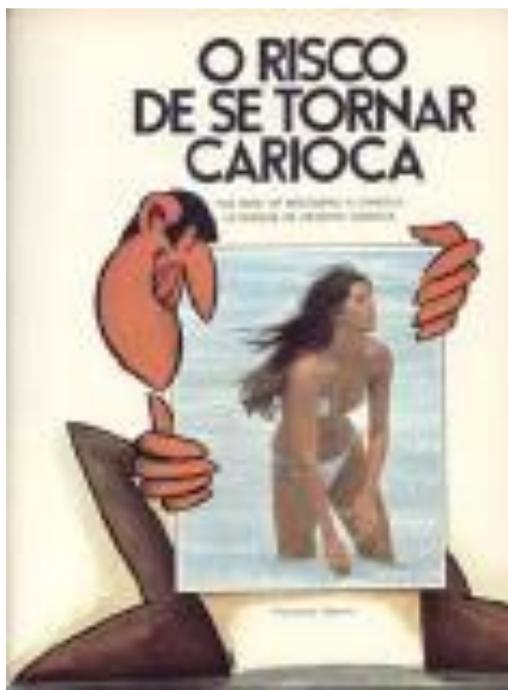
Segundo Bem (2005) as políticas de turismo contribuem na reprodução do turismo sexual quando vinculam essas imagens. O autor demonstra que a identidade nacional,

vinculada a imagem da mulata e da mestiçagem harmônica e sexual, utilizada na propaganda turística é uma das causas fundamentais do turismo sexual no Brasil.

No mesmo sentido, aponta Bignami (2002) que a imagem do Brasil no Turismo tem sido construída em cinco eixos: Brasil Paraíso, Lugar de Sexo Fácil, País do Carnaval, Lugar do Exótico e do Místico, Brasil do Brasileiro (sendo este último uma série de características, entre elas a ausência de racismo).

Destaca-se a pesquisa intensa documental de Alfonso (2006) sobre todas as campanhas publicitárias da EMBRATUR (algumas imagens a seguir, incluindo a 40 mencionada na citação). A autora destaca que:

Conforme a descrição do Brasil da própria Revista da EMBRATUR (figura 40), a idéia era exibir um país de cores, sabores e paisagens, um país continental, tropical, exótico, hospitaleiro, unido, formado por várias raças e culturas e repleto de mulheres sensuais. Um Brasil muito parecido com aquele idealizado por Gilberto Freyre na década de 30. (p.105)



(Alfonso, 2006, p. 88, FIGURA 11)

Revista Rio, Samba e Carnaval, distribuída em várias línguas pela EMBRATUR, 1975



(Alfonso, 2006, p. 89, FIGURAS 12 e13)  
 Revista Rio, Samba e Carnaval, distribuída em várias línguas pela EMBRATUR, 1973

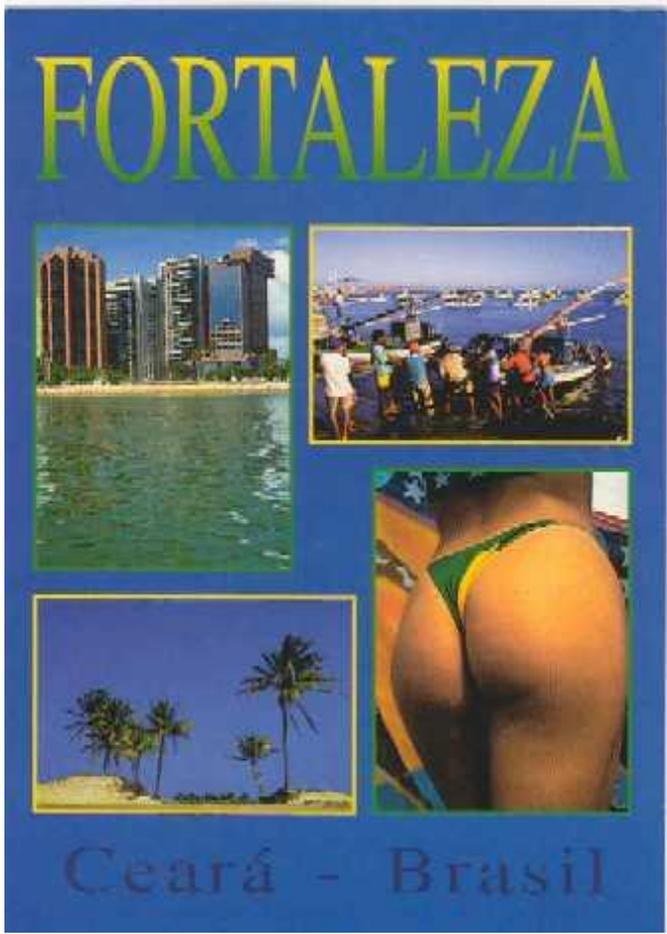
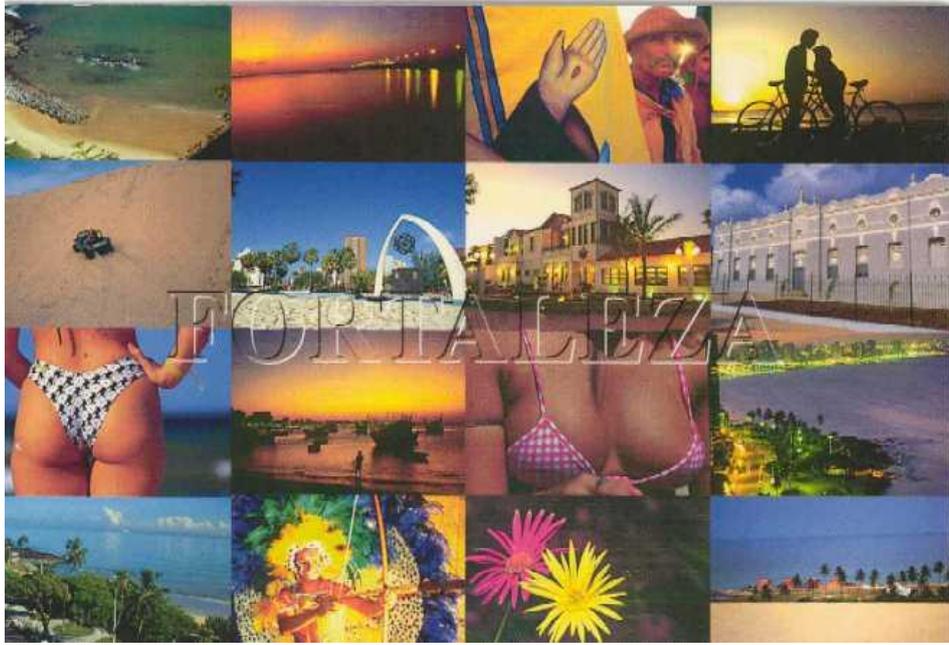


(Alfonso, 2006, p. 105, FIGURA 40)  
 Revista da EMBRATUR, 1987

A mulher funde-se com a natureza, compondo a paisagem brasileira vendida como paraíso. Nessa construção, cabe destacar também o marketing turístico público do Estado do Ceará – conforme cartões postais abaixo, com imagens cedidas pela Secretaria de Turismo do Estado do Ceará<sup>10</sup>.



<sup>10</sup> Disponível em <http://www.midiaindependente.org/eo/red/2002/05/26317.shtml>



Nesse paraíso Brasil, a mulata começa a se destacar como atrativo para diferenciar o paraíso Brasil de outros destinos construídos como paradisíacos. O imaginário de brasilidade deve ser reforçado para que o Brasil se torne destino turístico, assim a fusão entre mulher e natureza na comercialização do paraíso, deve ser reforçada com a fusão de mulher e cultura, com a comercialização da mulata. Assim, o Brasil se torna um paraíso de mulatas, onde natureza exuberante, mulheres sensuais e mestiçagem, fundem-se na figura da mulata.

Nesse contexto destaca-se Oswaldo Sargentelli (1923-2002) e o seu Show de Contemplação às Mulatas. Sargentelli em 1948 ingressa para a rádio como apresentador, em 1957 para a televisão e em 1971 estréia seu show de mulatas, o qual apresentou em várias casas noturnas do Rio de Janeiro e depois por vários países do mundo. Entre 1977 e 1986 foi proprietário de duas casas de shows, uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro. Nas suas próprias palavras, em sua auto-biografia (Sargentelli, 1993, p. 37): “Um dia tentei fazer um show, uma conba, com ritimistas, com cantores, com bailarinas, e... a florou a palavra mulata, baseada em música do tio [Lamartine Baba] `o teu cabelo não nega, mulata,mulata eu quero o teu amor”.

Sargentelli consolida a mulata no imaginário social, a partir dessa definição: “Eu amo uma boa mulata de cintura fina, coxinha grossa, carinha de safada, boa dentadura e cheirosa, que anda, fala, dorme, ri e chora, senta, levanta, mexe, remexe, deixando a moçada com água na boca. E quem não gosta de mulata, bom sujeito não é, é ruim da cabeça ou então é viado mesmo” (idem, p.69).

A mulata – uma invenção discursiva e performativa de raça, gênero e sexualidade – é consolidada como identidade espetacularizada e vendida como atrativo turístico.

O sucesso dessa manifestação espetacularizada do imaginário social brasileiro construído desde o século XIX foi tanto, que a mulata passou de símbolo da identidade nacional a atrativo turístico principal do Brasil e, assim, a imagem no Brasil no mundo. Como atrativo turístico, símbolo de uma indústria emergente – a indústria do turismo – ser mulata foi se transformando em profissão. Sargentelli passou a se denominar mulatólogo – o expertise em mulatas. A construção da mulata se tornou cada vez mais disciplinarizada em relações saber-poder.

Nesse processo destacam-se os Cursos de Formação de Mulatas do SENAC do Rio de Janeiro realizados no final da década de 1980 e início da década de 1990. Giacomini (2006), através de pesquisa etnográfica realizada nesses cursos, demonstra que na constituição da

mulata como identidade profissional, somam-se atributos tidos como raciais, coletivos e inatos (ser mulata é cor, é saber sambar, está no sangue), atributos tidos como raciais, individuais e inatos (ter bundinha empinadinha, corpo violão, cintura fina) e atributos profissionais (ser responsável, saber lidar com o público, saber se produzir). O foco da autora é nas agentes, nas estudantes do curso, e como elas vivem a ambigüidade de “ser mulata” e “ser reconhecida como verdadeira mulata” pelos empresários. Conforme a autora, “Diante de um conjunto tão amplo de qualidades requisitadas – inatas coletivas, inatas individuais e adquiridas – as *meninas* sentem-se objeto de um processo nem sempre claro em seus critérios e procedimentos, que acabará fazendo delas – apenas algumas delas, é bom registrar – uma *mulata profissional*” (idem, *ibidem*). A autora ressalta ainda que nesse “ser mulata profissional” corresponde a evocar imagens criadas historicamente que representam uma conduta moral e sexual da mulata, ligada a sedução, assim, a mulata profissional deve seduzir.

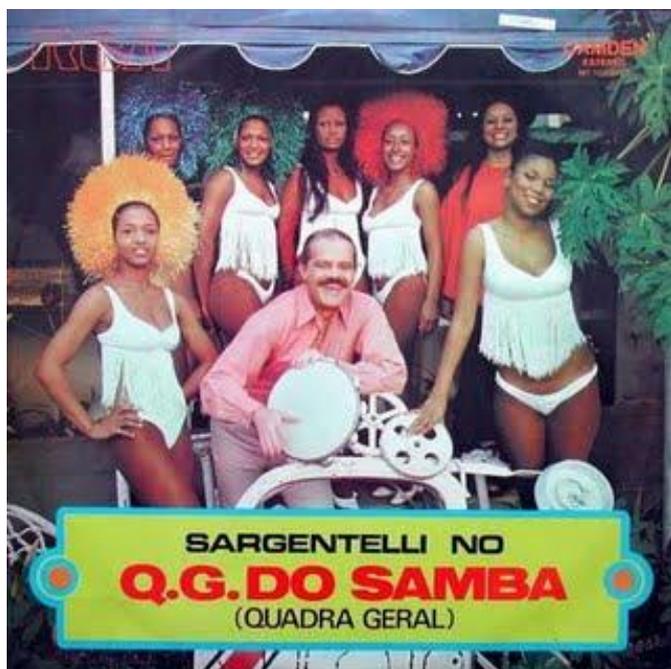
Giacomini (2006) não objetiva questionar que esse “ser mulata inata” e “ser reconhecida como mulata”, são ambos construções. Isso porque seu foco é nas mulatas que, conforme a autora, assumem o ser mulata e entram em dilema com o ser reconhecida como mulata pelos empresários. No entanto, o “ser mulata” já faz parte do imaginário social, ou seja, vive-se nesse imaginário, já é uma construção naturalizada. O “ser mulata profissional” reedita o imaginário do “ser mulata inata”, num processo de disciplinarização dos corpos e espetacularização das identidades.

Se ser mulata já era uma construção discursiva e performática, é agora uma construção disciplinada nas relações seber-poder. Quem sabe o que é uma boa mulata? Os empresários ligados ao trade turístico ao montarem seus espetáculos multimídias de mulatas.

Assim, o ser mulata profissional e ser atrativo turístico é uma reconstrução do ser mulata símbolo nacional, construções discursivas e performativas do que é ser mulata, uma invenção da mulata pelo olhar do outro – primeiramente intelectuais, literatos e artistas, posteriormente a indústria do turismo.

Para destacar que esse olhar que inventa a mulata é um olhar do outro, ressalta-se mais um trecho da auto-biografia de Oswaldo Sargentelli. No trecho intitulado “a maior paixão da minha vida”, o autor descreve: “A moça nascida em 20 de julho de 1966, linda! Olhos verdes, cabelos loiros. Alta, inteligente” (SARGENTELLI, 1993, p. 97). A sua família, o maior amor da sua vida, nada tem a ver com as mulatas.

Sargentelli também lançou alguns LP, como “Sargentelli no QG do Samba” (1972) e “Oba Oba o QG do Samba” (1975), abaixo imagens das capas e contra-capas:



Acrescenta-se, ainda, na construção da mulata, a atuação da Rede Globo de televisão. A construção da teledramaturgia é da mulata sensual. Na década de 1970, cita-se a novela

Gabriela, Cravo e Canela, inspirada na obra de Jorge Amado. Em 2004, a Rede Globo fez a primeira novela com uma protagonista negra (interpretada pela atriz Taís Araújo), cujo título da novela era “Da Cor do Pecado”. Em 2007, a novela “Paraíso Tropical” tinha como uma das personagens principais, a prostituta mulata Bebel (interpretada pela atriz Camila Pitanga), ressalta-se que nessa novela houve um caso de prostituição de uma branca de classe média, construído como sofrimento para a prostituta e crime do prostituidor, enquanto que a prostituição de Bebel, a mulata pobre, era divertida e natural. Na atual novela “Caminho das Índias”, transmitida também pela TV aberta SIC em Portugal, destaca-se a personagem Suélen, que reforça o estereótipo da mulata: 20 e poucos anos, sambista da Lapa, par romântico de um médico de mais de 70 anos que a chamava de “Morena”.

Em 1993, a Rede Globo realiza a primeira vinheta de chamada para a transmissão do desfile das Escolas de Samba do Carnaval do Rio de Janeiro. Nessa vinheta, criada por um europeu, a mulata desenvolve performance semelhante a do Show das Mulatas. Assim, a mídia, nas relações saber-poder, também sabe o que é uma boa mulata, uma Mulata Globeleza. A Rede Globo faz parte também da construção da mulata profissional, e ao mesmo tempo continua a reproduzir na tele-dramaturgia a mulata prostituta. Apesar das próprias agentes, as mulatas profissionais, constroem suas identidades em oposição a identidade de prostituta, conforme aponta Giacomini (2006, p. 96), o imaginário de erotização é o mesmo. A boa mulata deve ser erótica.

O Carnaval televisionado consolida a identidade nacional da mestiçagem harmônica, racial e sexual, sintetizada na figura da mulata erotizada, como espetáculo multimídia.



2009



Década de 1990

Destaca-se que esse espetáculo multimídia é realizado no Sambódromo do Rio de Janeiro, construído em 1984, por Oscar Niemayer, arquiteto modernista que projetou a Capital Federal Brasília e é reconhecido no mundo todo. Nas imagem abaixo, o Congresso Nacional de Brasília, remetendo ao símbolo fálico, como representação do poder político masculino; e o Sambódromo do Rio de Janeiro, remetendo ao símbolo da erotização das mulatas (a bunda), como representação dessa identidade nacional espetacularizada.



Em 2008, Niemayer lança seu livro de poemas, onde as idéias que buscou construir em sua arquitetura emergem de forma mais explícita. No Jornal da Globo, o discurso jornalístico se soma ao discurso arquitetônico e poético na construção do imaginário sobre a mulata brasileira. No dia do lançamento do livro de Niemayer, Arnaldo Jabor faz a crônica *Sobrevivente do Modernismo*<sup>11</sup>, na qual cita um dos poemas de Niemayer e conclui sua opinião sobre o arquiteto:

Como ele disse, em um poema: “Não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. Quero a curva livre e sensual que encontro nas montanhas do meu país, no curso sinuoso dos rios, das ondas do mar, no corpo da mulher amada. De curvas é feito o universo, o universo curvo de Einstein”. Oscar sabe das coisas... Por isso, aquele grande "M" no sambódromo do Rio é uma homenagem ao bumbum de uma mulata. (JABOR, 2008)

A divulgação da mulher brasileira, principalmente a mulata, como atrativo turístico, reconstrói discursivamente e performaticamente as identidades de raça, gênero e sexualidade.

---

<sup>11</sup> JABOR, Arnaldo. *Sobrevivente do Modernismo*. Disponível em <http://colunas.jg.globo.com/arnaldojabor/2008/10/24/sobrevivente-do-modernismo/>

As mulheres, a natureza e a mestiçagem compõem o Brasil paraíso de mulatas que é consolidado no imaginário mundial.

Pode-se perceber uma relação entre a construção da mulata erotizada e o turismo sexual no Brasil. Conforme demonstra Said (2007, p.53) o discurso tem uma eficácia material, e nesse sentido, o discurso da mestiçagem tem a eficácia material de construir o desejo e a desejável, e gerar o fluxo de turistas estrangeiros brancos em busca da mulata.

Nessa perspectiva, o enfrentamento ao turismo sexual, insere-se numa disputa nas relações de biopoder. Ao analisar a prostituição juvenil em Cabo Verde, Anjos (2005, p. 176) afirma que “é imperativo que haja políticas estrategicamente dirigidas contra as formas de representação e as retóricas do biopoder”. Nestas retóricas do biopoder estão os saberes, as imagens e imaginários vinculados aos destinos turísticos, as quais precisam, então, ser combatidas na perspectiva de enfrentamento ao turismo sexual. Neste sentido pode-se perceber que o combate ao biopoder passa também por um combate de *imagens* e *imaginários*— ou seja, *saberes*. Isto porque o *biopoder* no turismo sexual se exerce a partir das *imagens* vinculadas pelas *políticas públicas* e incentivadas pelos empresários do setor, que condicionam as perspectivas de vida de milhares de brasileiras, principalmente jovens mulheres negras e pobres. Elas se tornam atrativos turísticos (objeto de desejo, alvos sexuais, alvos de consumo e prazer) para, principalmente, homens mais velhos brancos ricos (para padrões brasileiros) e estrangeiros. Ou seja, “as representações dominantes contribuem para fortalecer as condições objetivas para a eficácia da realização de uma identidade imputada, que (...) se transforma em destino” (*idem*, p. 171).

A materialização desses imaginários em torno da mulher negra e da mestiçagem pode ser analisada também através dos casamentos no Brasil. Moutinho (2004, p. 37) apresenta dados que demonstram que a grande maioria dos casamentos se dá entre pessoas do mesmo grupo étnico-racial, e entre os casamentos inter-raciais a grande maioria é entre homens negros e mulheres brancas. A autora também destaca (*idem*, p. 55) que o casal construído abstratamente como casal miscigenador, elemento central da identidade nacional, é o homem branco e a mulata, no qual o atributo central é o erotismo. Para ela, a partir de dados estatísticos e etnográficos sobre casamento, esse casal não se efetiva na prática. No entanto, retomando os dados que demonstram que no turismo sexual a maioria das prostituídas são as mulheres negras, as quais são construídas discursiva e performaticamente como mulatas eróticas, pode-se perceber as retóricas e a materialidade do biopoder e do poder patriarcal.

Ou seja, as mulheres negras correspondem ao papel da prostituição e o casal homem branco e mulata é construído discursivamente e performaticamente através da erotização; enquanto que as mulheres brancas correspondem ao papel do casamento. Materializa-se, assim, o poder patriarcal através do contrato sexual racializado.

Apoiando-se nas análises de Said (2007) e nos dados citados, argumenta-se que assim como o discurso do Orientalismo é “um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (SAID, p. 29), o discurso da Mestiçagem é o estilo criado pela elite branca brasileira, e estendido para os estrangeiros, para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre as mulheres negras, num exercício de poder patriarcal e de biopoder.

Ainda, Said (p. 383 e 415) demonstra que, no discurso ocidental sobre o oriente, os árabes existem pela sua sexualidade. De forma semelhante, os negros no Brasil, principalmente as mulheres, no discurso branco, também existem pela sexualidade. Uma sexualidade construída pelo discurso do outro.

Ware (2004) analisa o turismo sexual onde as mulheres brancas vão em busca de sexo com homens negros. Semelhante a esse capítulo dessa dissertação, a autora analisa as construções históricas (que remontam ao colonialismo) da sexualidade negra erotizada e reportagens atuais de jornais britânicos onde essas representações e imagens aparecem. O objetivo da autora é ressaltar as complexas relações entre raça e gênero e apontar a necessidade das feministas apoiarem o anti-racismo.

Através do Turismo, a Identidade Nacional brasileira se projeta como imagem do Brasil no exterior, formada pela soma dos imaginários de natureza exuberante, de mestiçagem do povo e de mulheres sensuais, cuja síntese é o Brasil como paraíso das mulatas.

Nesse sentido, analisar-se-á no próximo capítulo a emergência e as intersecções dos discursos dos movimentos negro, feminista, de mulheres negras e de combate o turismo sexual, que buscam desconstruir esse imaginário de Brasil como paraíso das mulatas.

### **3. DESCONSTRUÇÕES DO BRASIL COMO PARAÍSO DE MULATAS**

O objetivo desse capítulo é mapear os discursos que emergem em disputa com o discurso hegemônico da identidade nacional baseada no imaginário de mestiçagem harmônica racial e sexual, sintetizado pela figura da mulata. Tendo em vista a articulação desse imaginário com a identidade nacional, racial e de gênero, buscou-se discursos que emergem nas disputas dessas identidades. O movimento negro, o qual será analisado a partir de discursos da imprensa negra do início do século XX e discursos de documentos de conferências e de ações políticas atuais, relacionadas com a busca de afirmação da identidade negra e denúncia do racismo, contra o discurso da identidade nacional de um país harmonicamente mestiço. O movimento feminista buscando a valorização e participação da mulher, contra um discurso que transforma a mulher em objeto sexual, será analisado a partir de discursos de documentos, de conferências e de ações políticas. O movimento de mulheres negras, na interface entre o movimento negro e feminista, busca desconstruir o imaginário da mulata erótica, na crítica ao discurso da mestiçagem harmônica e na crítica do discurso que constrói a mulher como objeto sexual, será analisado a partir de discursos de documentos, de conferências e ações políticas. O movimento de combate ao turismo sexual será analisado a partir de discursos de documentos de conferências e, também discursos de artistas e de cineastas.

Além dos discursos que emergem nos movimentos sociais, será analisado um discurso oficial, mas que também emerge como um contra-discurso do imaginário de paraíso de mulatas. Esse discurso emerge na reorientação na Política Externa Brasileira que pode ser analisada como um contra-discurso com relação a Política Externa anterior que esteve voltada para relações com as grandes potências e reproduzia o imaginário de país exótico/erótico. Emerge um discurso do Brasil como potência emergente que implica em modificações na imagem do Brasil. Nas entrevistas que serão analisadas no capítulo quatro foi possível perceber que uma reorientação da imagem do Brasil – um afastamento da imagem de Brasil como paraíso das mulatas – está relacionada com afirmação do Brasil como potência emergente. Por isso foi necessário mapear um pouco esses discursos que, para além da política de turismo, buscam construir o Brasil como potência emergente e desconstruir (em alguns pontos, como será analisado no capítulo 4) o imaginário de paraíso de mulatas. Serão

analisados discursos diplomáticos e discursos de outros órgãos públicos que trabalham com a imagem do Brasil.

### **3.1 OS MOVIMENTOS NEGRO, FEMINISTA E DE MULHERES NEGRAS**

Nesse sub-capítulo serão abordados os discursos dos movimentos sociais sobre identidade nacional, racial e, de gênero e sexualidade.

No século XIX ao mesmo tempo em que emergiu o discurso da mestiçagem na tentativa de branquear a população de fato, surgiu também o branqueamento da população através do silenciamento da população negra. Conforme Gomes (2005), no período da transição da escravidão para o trabalho livre, o esforço da elite era por nomear as pessoas e grupos como livres ou escravos, impedindo que os libertos se associassem em torno de uma identidade de homens de cor. O autor cita o exemplo da Associação Beneficente Socorro Mútuo dos Homens de Cor, que tentou sua regulamentação em 1874 e teve seu pedido negado, o motivo consta no parecer final dos conselheiros Visconde de Souza Franco, Marquês de Sapucaí e Visconde de Bom Retiro, conforme segue:

Os homens de cor, livres, são no Império cidadãos que não formam classe separada, e quando escravos não têm direito a associar-se. A Sociedade especial é pois dispensável e pode trazer os inconveniente da criação do antagonismo social e político: dispensável, porque os homens de cor devem ter e de fato têm admissão nas Associações Nacionais, como é seu direito e muito convém à harmonia e boas relações entre os brasileiros. (GOMES, 2005, p. 8 e 9)

Não houve políticas de inclusão racial após a abolição, e essa ausência foi sustentada pelo discurso da mestiçagem. Mas existiram contínuos movimentos negros disputando esse imaginário de nação mestiça e lutando por políticas de inclusão, reparação, afirmação e reconhecimento. Nesse sentido Domingues (2008) aborda a história do movimento negro e define as ações afirmativas atuais como nova abolição. Munanga (1999) demonstra que essa história do movimento negro se dá na definição de uma identidade negra contra uma identidade nacional que ocultava o racismo. Abordando os movimentos da transição e do pós-abolição (não abordando nesse momento todas as resistências contra a escravidão desde o século XVI), no século XIX, os negros fundaram associações de mútua ajuda, clubes recreativos e jornais dedicados a causa negra desde o século XIX – como A Pátria (fundado em 1889, São Paulo), O Exemplo (fundado em 1892, Porto Alegre) e O Baluarte (fundado em

1903, Campinas). Cita-se um trecho do Jornal O Baluarte, no qual o jornal demarca sua posição na luta dos homens de cor:

Pretende ele [ser um] legítimo órgão da classe dos homens de cor, levantar essa classe [há muito] tempo aviltada em nosso país! E por isso, e só por isso, este jornal é digno de mais elevada simpatia por parte da população campiniera, e todo homem amante da liberdade e do engrandecimento do nosso país não pode [deixar] de ver com bons olhos, como prestar toda coadjunção a esse jornal que, representante de uma classe a pouco oprimida (O Baluarte, 1904 *apud* GOMES, 2005, p. 38)

No início do século XX, somam-se os movimentos políticos, como a Frente Negra Brasileira, fundada em 1931 e fechada em 1937 pela ditadura Vargas (que nacionalizou e regulamentou a capoeira e o carnaval, afirmando uma identidade nacional mestiça), algumas estimativas dizem que chegou a 100 mil membros em todo o Brasil, propunha a unificação das entidades negras. Destaca-se, conforme Gomes (2005), o Jornal O Clarim d'Alvorada, que em 1929 publicou artigos tentando mobilizar a população negra para a realização do Primeiro Congresso da Mocidade Negra do Brasil, apesar do Congresso não ter sido realizado, as discussões do jornal colaboraram na construção da Frente Negra Brasileira, em 1931:

O Congresso da Mocidade Negra tem que se realizar, muito embora os trasfugas pensem que a raça não esteja preparada para o certame, dentro da estabilidade essencial. Porém, a raça espoliada fará o seu congresso entre as angústias e as glórias de seu antepassado, baseando-se nas esperanças de uma nova redenção para a família negra brasileira (O Clarim d'Alvorada, 1929 *apud* GOMES, 2005, p. 47)

Na década de 1940 destaca-se o Teatro Experimental do Negro, fundado no Rio de Janeiro em 1944, tendo como um dos fundadores Abdias do Nascimento. A entidade realizava cursos de alfabetização, de artes, peças de teatro, eventos sociopolíticos (como o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, em 1950). Conforme Nascimento (2003, p. 251): “foi a primeira entidade do movimento afro-brasileiro a ligar, na teoria e na prática, a afirmação e o resgate da cultura brasileira de origem africana com a atuação política”. A entidade também publicava o Jornal O Quilombo, cujo programa era: “Trabalhar pela valorização e valoração do negro brasileiro em todos os setores: social, cultural, educacional, político, econômico e artístico” (O Quilombo *apud* Nascimento, 2003, p. 252).

Na década de 1950, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) patrocinou uma série de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil,

com objetivo de apresentar ao mundo uma experiência bem sucedida de relações raciais, que poderia servir de exemplo de convívio racial para o mundo pós-guerra, face às atrocidades dos Nazistas. Intelectuais importantes como Florestan Fernandes participaram do projeto, o qual levantou dados das condições de vida de negros e brancos e também analisou aspectos mais sutis do racismo. Conforme Skidmore (1989) o Projeto UNESCO frustrou suas expectativas iniciais, acabando por perceber o racismo no Brasil.

A partir de 1964 todos os movimentos sociais são reprimidos pela Ditadura Militar. Em 1978 é fundado o Movimento Negro Unificado, marcando o refortalecimento do movimento negro ou surgimento do movimento negro contemporâneo. A partir daí muitas pesquisas realizadas demonstraram, inclusive estatisticamente, a presença do racismo no Brasil, buscando formas de combatê-lo.

Passados 135 anos de disputas discursivas, a ordem discursiva que afirma que não se deve falar em raça no Brasil, nem lutar como negros no Brasil, permanece forte nas relações saber-poder. O discurso da mestiçagem harmônica, além de exaltado em múltiplos espaços, como analisado no capítulo anterior, emerge em disputa direta com os movimentos sociais negros.

Nesse início de século XXI, as disputas são sobre as ações afirmativas, principalmente as Cotas Raciais nas Universidades Públicas. Os movimentos sociais negros conquistam, em 2001, através da Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata<sup>12</sup>, realizada em Durban, África do Sul, o compromisso do governo brasileiro com a adoção de políticas de ações afirmativas com recorte racial, para negros e indígenas. É a primeira vez que um Governo Brasileiro, através de seu Presidente (Fernando Henrique Cardoso) assume que existe racismo no Brasil e, assim, compromete-se a adotar medidas de reparação, reconhecimento e valorização da população negra. Atualmente, no Governo de Luís Inácio Lula da Silva, as medidas começam a ser implementadas. Vale ressaltar que a implementação tem sido ainda muito incipiente, e se dá devido ao fortalecimento do movimento negro brasileiro, através do transnacionalismo com repercussão nacional do pós-Durban (López, 2009).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, do Instituto Brasileiro de Pesquisa Econômica Aplicada, entre

---

<sup>12</sup> Disponível em [http://www.comitepaz.org.br/Durban\\_1.htm](http://www.comitepaz.org.br/Durban_1.htm)

outras pesquisas citadas por Paixão (2003), Domingues (2008), Santos e Silva (2005) e Carvalho (2005), evidenciam as desigualdades entre brancos e negros no Brasil. Ressalta-se que os dados aproximam as categorias do IBGE pretos e pardos, o que reforça a categoria negro (somando pretos e pardos) como agente político na luta contra essas desigualdades. Os dados também aproximam negros de indígenas, que se unem na luta anti-racista no pós-Durban (CARVALHO, 2005).

Destaca-se aqui os dados sobre educação superior, pois é nesse espaço que estão sendo travadas as mais intensas disputas políticas. Conforme Carvalho (2005), as universidades públicas brasileiras tiveram um crescimento significativo nos últimos 50 anos, ou seja, houve políticas universalistas de acesso a educação superior. As universidades “passaram de um contingente de pouco mais de 50 mil estudantes no início da década de 60 para chegar atualmente a mais de 1 milhão de matriculados. Contudo, o número de estudantes brancos (...) chega a 96% e, em alguns casos, a 98%. Esta é a mesma porcentagem que existia no ano de 1950: 4 % de negros entre os estudantes” (CARVALHO, 2005, p. 8). E a quase inexistência de alunos indígenas.

Bento (2002; 2005) através do conceito de branquitude, demonstra que esse universalismo, onde não se deve falar em raças e todos estão supostamente incluídos, se dá através da valorização de padrões brancos e de inclusão de pessoas brancas. A autora cita exemplos da branquitude, como em uma banca de revistas, entre dezenas de revistas quase todas as capas têm pessoas brancas, e quando cria-se a Revista Raça com negros e negras na capa, os brancos reagem alegando que isso é racialização. O mesmo ocorre na questão das cotas na universidade, a ocupação de 96% das vagas por brancos é naturalizada. A branquitude é a naturalização da cota de 100% para brancos. Conforme a autora:

Em um contexto, onde os lugares de poder são hegemonicamente brancos, e a reprodução institucional desses privilégios é quase que automática, as mudanças exigem uma explicitação por parte dos excluídos, que aparece na reivindicação de cotas para negros. Ou seja, no caso dos negros, as cotas têm que ser declaradas. E daí surgem as barreiras. Barreiras em defesa dos privilégios. (BENTO, 2005, p. 165)

No livro “Divisões Perigosas: políticas raciais no Brasil Contemporâneo”, organizado por Peter Fry e Yvone Maggie (2007), os autores fazem uma crítica as políticas de ações afirmativas e ao movimento negro, e defendem políticas universalistas sem recorte racial. Ali Kamel, diretor de Jornalismo da Rede Globo, publicou em 2007, o livro “Não somos racistas no Brasil: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor”, uma defesa a

mestiçagem harmônica como característica do Brasil e uma crítica ao movimento negro. À esses intelectuais, somam-se outros como Demétrio Magnoli e Bernardo Lewgoy, que através da mídia<sup>13</sup> acusam o movimento negro e intelectuais construcionistas e multiculturalistas – como Munanga<sup>14</sup> que compreendem a racialização como construção histórica e defendem a necessidade de ações afirmativas para enfrentar o racismo – de estar criando a divisão racial no Brasil.

O movimento indígena também luta contra essa identidade da mestiçagem harmônica e luta pela valorização da identidade indígena e por políticas específicas, contra o universalismo sustentado pela branquitude. Os movimentos negro e indígena estão unidos na luta pelas cotas nas universidades e também nas Conferências de Promoção da Igualdade Racial (CARVALHO, 2005).

López (2009) ao analisar as políticas do ativismo negro em face às ações afirmativas, destaca as disputas por políticas públicas em torno da saúde, nas quais se intersectam raça e gênero, destacando-se os movimentos das mulheres negras.

Se o movimento negro (com um perfil masculino de liderança) propõe em sua raiz uma crítica à democracia racial enquanto “mito”, questionando as posições desiguais em termos raciais na sociedade brasileira, a crítica do movimento de mulheres negras se faz “corpo” ao atribuir a “mestiçagem” à violência sexual do homem branco colonizador sobre as mulheres africanas e indígenas. Crítica que se constitui através da conexão diaspórica desse processo de opressão nas Américas. O corpo da mulher negra se torna visível como objeto de múltiplas opressões e o centro das disputas políticas. (LÓPEZ, 2009, p.176)

As mulheres negras fazem emergir a especificidade da opressão das mulheres no movimento negro e, de forma semelhante, criticam o movimento feminista e fazem emergir a especificidade da opressão de raça no movimento feminista. Conforme Caldwell (2000), um momento importante nesse processo foi a apresentação do Manifesto das Mulheres Negras durante o Congresso de Mulheres Brasileiras em 1975.

No entanto, conforme destaca López (2009): “Embora esta relação tensa, as agendas feministas brancas e negras se constituíram concomitantemente através da confluência da centralidade do corpo” (LÓPEZ, 2009, p.227).

---

<sup>13</sup> LEWGOY, Bernardo. Não às cotas raciais na UFRGS. In: Zero Hora, 14/06/2007 - Porto Alegre RS  
MAGNOLY, Demétrio. Monstros Tristonhos. In: O Estado de São Paulo - 14/05/2009

<sup>14</sup> MUNANGA, Kabengele. Uma resposta contra o racismo: manifestação acerca do artigo Monstros Tristonhos de Demétrio Magnoli. Disponível em <http://www.brasilautogestionario.org/2009/07/uma-resposta-contra-o-racismo-prof-kabengele>

No feminismo negro, as temáticas centrais da militância giram em torno do corpo e a sexualidade, “vinculando a autonomia sexual em relação à reprodução (um assunto do feminismo) à dupla opressão de gênero e raça, expressa na imagem hiper-erotizada da mulher negra” (*idem*, p.229). Assim, as militantes criticam e buscam desconstruir os estereótipos de mulher negra hiper-erotizada. A autora destaca que: “na perspectiva das militantes mulheres negras, precisamente a crítica a esta ideologia (que leva embutida a crítica à “democracia racial”) é a chave para evidenciar a opressão sobre seus corpos” (*idem*, p. 233).

A própria construção discursiva de mulher negra, como agente político, confronta a construção discursiva da mulata (e seu sinônimo morena), como símbolo da mestiçagem racial e sexual. Nessa perspectiva, muitas são as ações realizadas pelo movimento de mulheres negras, muitas vezes em conjunto com entidades do movimento negro e do movimento feminista.

Inicialmente destaca-se a Campanha de Promoção da Identidade Negra na Paraíba<sup>15</sup>, lançada em 30 de julho de 2009, pela Bamidelê – organização de mulheres negras, com apoio de entidades como a Fundação Ford e o Fundo Brasil de Direitos Humanos. A Campanha faz parte das ações em torno do Dia da Mulher Negra e Afro-Caribenha (25 de julho) e terá duração de três meses, com diversas atividades, entre elas diálogos sobre as ações afirmativas nas universidades. O slogan da Campanha, conforme material de divulgação abaixo, é “Morena, não. Eu sou negra!”



<sup>15</sup> Informações disponíveis no Jornal Irohin em <http://www.irohin.org.br/onl/new.php?sec=news&id=4639>

Evidencia-se a relação entre a valorização da identidade negra, a luta por políticas públicas para a população negra e, a desconstrução do imaginário da mulata ou morena.

Em 1985 – conforme reportagem da Folha de São Paulo sobre o Mulatólogo Sargentelli<sup>16</sup> – a Comissão de Valorização e Integração Política do Negro do Rio Grande do Sul, acusou Oswaldo Sargentelli de racista e de explorador da mulher negra, por seus shows de Mulatas. Na dedicatória de sua auto-biografia, de 1993, Sargentelli se defende:

Eu, Oswaldo Sargentelli, 70 anos, livre de preconceitos, deixo registrado o meu perdão aos que imaginaram ter me ofendido ou prejudicado, o meu sentido de reconhecimento e desculpa, partindo do princípio de que, perante Deus, somos todos iguais.

A todos, sem discriminação, o meu telecoteco, meu borogodó, meu balacobaco, no bucobufo do caterefofo, sem escatiripapo, ziriguidum!  
Amém! Saravá! (SARGENTELLI, 1993, p.7)

Ao iniciar sua auto-biografia com essa defesa, Sargentelli reafirma o discurso da igualdade, da não existência de racismo e busca demonstrar que valoriza a cultura negra. Evidencia-se a mesma ordem discursiva que busca voltar as reivindicações do movimento negro contra o próprio movimento.

A aproximação com o movimento feminista, nessa temática, se dá nas ações contra a mercantilização do corpo da mulher na mídia. Nesse sentido, destaca-se uma das diretrizes gerais do II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2008): “combater as distintas formas de apropriação e exploração mercantil do corpo e da vida das mulheres, como a exploração sexual, o tráfico de mulheres e o consumo de imagens estereotipadas da mulher” (p.28). No mesmo sentido, destaca-se na I Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial (2005), no eixo temático Mulheres Negras, a seguinte proposta: “intensificar políticas que valorizem a imagem das mulheres negras, indígenas, quilombolas e ciganas nos meios de comunicação, visando à superação de antigos estereótipos e à valorização de seus papéis como agentes e participativas na sociedade” (p.100).

Como resultado da luta do movimento feminista e movimento de mulheres negras, foi sancionada em 2005 a Lei Estadual do Rio de Janeiro número 4.642<sup>17</sup>, através da qual “Fica proibida a veiculação, exposição e venda de postais turísticos, que usem fotos de mulheres, em trajes sumários, que não mantenham relação ou não estejam inseridas na imagem original dos cartões-postais de pontos turísticos, no âmbito do Estado do Rio de Janeiro”. Na

---

<sup>16</sup> Saiba quem foi o mulatólogo Oswaldo Sargentelli. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u22987.shtml>

<sup>17</sup> Disponível em <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/>

justificativa da Lei, encontra-se a afirmação de que “estes cartões que ficam em exposição em bancas de jornais, agências e boites, são veiculados em revistas e magazines no exterior e acabam por atrair para nossas cidades o tão deplorado turismo sexual”.

Em 2007, em torno das lutas do 8 de março, diversas entidades organizaram um abaixo-assinado contra à imagem estereotipada da mulher na mídia. Desse abaixo-assinado resultou uma audiência pública no Ministério Público Federal, na qual as emissoras de televisão tiveram que dar uma resposta aos movimentos sociais. Diante da arrogância das emissoras, foi organizada a Articulação Mulher e Mídia<sup>18</sup>, que realizou em 2009 o primeiro Seminário Nacional “O controle social da imagem da mulher na mídia”, com o apoio da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. A Articulação Mulher e Mídia é formada por, aproximadamente, 25 entidades, das quais 25% são entidades específicas de mulheres negras.

Na análise desses movimentos sociais – negro, feminista, indígena e de mulheres negras – percebeu-se que o que está em jogo é a construções de outras identidades, em uma crítica à identidade nacional, construída a partir do imaginário da mestiçagem racial e sexual, que carrega em si a erotização da mulher brasileira e dos negros (sintetizado na figura da mulata). Se de um lado está a ordem discursiva hegemônica sobre a identidade nacional e de outro as lutas dos movimentos sociais por outras identidades: como analisar os movimentos carnavalescos?

Como mencionado em vários momentos no capítulo anterior, os discursos sobre o carnaval fizeram parte da invenção da mulata, seja através de Oswaldo Sargentelli, seja através das vinhetas Carnaval Globeleza da Rede Globo, seja nos discursos oficiais sobre o Brasil da Revista da EMBRATUR Rio, Samba, Carnaval. O carnaval se consolida como espetáculo identitário multimídia. Conforme referencial teórico construído nesse estudo, a partir de Canclini (1983, 2008) e Carvalho (2004), pode-se perceber que essa transformação de identidades em espetáculo multimídia global, é sempre uma construção “do outro”. Ou seja, agentes culturais (como Sargentelli), agentes midiáticos e agentes políticos do turismo (em conjunto com os empresários do setor) transformaram o carnaval em espetáculo multimídia global. Antes disso, na década de 1930, agentes políticos, culturais e jornalistas transformaram o carnaval em símbolo da identidade nacional em sua herança negra. Torna-se necessário, portanto, analisar se essa nacionalização e essa espetacularização fazem parte de

---

<sup>18</sup> Informações disponíveis em [www.mulheremidia.org.br](http://www.mulheremidia.org.br)

disputas discursivas e, assim, podem ser interpretadas como construções “do outro” em relações de saber-poder.

Conforme Rosa (2008) nas décadas de 1930 e 1940 os folguedos populares foram sendo institucionalizados e transformados em símbolos da identidade nacional por jornalistas e pelo poder político da época. Os homens da imprensa tomaram para si a organização dos festejos e o Estado Novo passou a tutelar o carnaval. As prefeituras deveriam estabelecer normas, como a criação de escolas de samba organizadas, as quais concorriam a prêmios da prefeitura e seus temas deveriam ser aprovados pelo governo e deveriam exaltar a nação brasileira. No entanto, o autor busca enfatizar que apesar desse esforço civilizatório e nacionalista, eram múltiplos os sentidos do carnaval e eram múltiplos os carnavais. Ao analisar o carnaval em Porto Alegre, demonstra que foram surgindo agremiações carnavalescas, desfiles de blocos organizados em locais específicos, muitas vezes expulsando os antigos foliões e ocupando espaços negros da cidade. Mas também continuavam as práticas do carnaval de rua em muitos espaços.

Albuquerque e Filho (2006) demonstram que a partir da década de 1920 começou a ganhar força o discurso da democracia racial como símbolo de brasilidade, assim, torna-se necessário incorporar as diferenças culturais sob o signo da Nação e assim também controlá-las. Os autores analisam os processos de incorporação da cultura negra em uma cultura nacional, destacando o carnaval, o samba, o candomblé e a capoeira. O entrudo, que era uma festa de rua com música (especialmente tocadores de bumbo) e com brincadeiras com água, farinha e máscaras, na qual participavam principalmente negros, foi sendo transformado em carnaval, inspirado no carnaval de Veneza, com fantasias luxuosas, regulamentado e disciplinado. Os jornais da época se referiam aos foliões do entrudo como “selvagens” e os foliões começaram a sofrer repressão da polícia. Então, foram sendo criadas sociedades carnavalescas, responsáveis pela realização dos bailes, e escolas de samba, que organizavam os festejos de rua. Apesar do discurso de democracia racial, os negros que já haviam alcançado alguma ascensão social, criaram suas próprias sociedades carnavalescas e clubes negros por não serem aceitos em clubes brancos. A imprensa da época também começou a elogiar os grupos em que a música era com instrumentos de sopro e cordas, em substituição aos tambores e bumbos. Os ranchos, espaços de articulação entre pequenas agremiações carnavalescas negras, grupos de estivadores, grupos de capoeira e terreiros de candomblé, resistiam na musicalidade negra. No entanto, a polícia passou a exigir que os ranchos tivessem uma licença para funcionar e sair durante o carnaval e poderia ter a licença negada. Por exemplo, em 1908, no Rio de Janeiro, o clube Cachinhos de Ouro, foi proibido de

desfile, conforme Albuquerque e Filho (2006, p.236) “provavelmente porque a autoridade policial julgou ofensivo que aquele grupo de negros fizesse uma alusão tão maliciosa à questão racial”. No entanto, os ranchos conseguiam muitas vezes burlar essa licença. Os autores destacam as resistências da cultura negra, mantendo tradições e transformando as regras.

Pode-se perceber um processo de negociação e disputas discursivas, onde as elites queriam nacionalizar a cultura negra e assim silenciar a identidade e as reivindicações negras, a favor de uma identidade nacional; e, os negros buscavam construir sua identidade cultural e política em uma República na qual eram livres e ao mesmo tempo incorporarem-se ao nacional.

Quando esse carnaval negro e nacional se torna espetáculo multimídia, pode-se perceber as negociações e disputas a partir dos discursos divergentes sobre a mesma manifestação cultural. Para a Rede Globo, o símbolo do carnaval é a Mulata (Globeleza) e em suas transmissões do espetáculo o foco são as passistas das comunidades e as artistas globais semi-nuas. Já para a Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, que desde 1984 organiza e regulamenta o carnaval, o foco pode ser percebido através dos dez quesitos para o julgamento das escolas, estipulados pela Liga, são eles: Bateria, Samba-Enredo, Harmonia, Evolução, Enredo, Conjunto, Alegorias e Adereços, Fantasias, Comissão de Frente, Mestre-Sala e Porta-Bandeira. O fato de não haver o item “passistas”, onde poderia ser avaliado a beleza e a performance das mulheres da Escola (como é realizado no Concurso Musa do Carnaval do Programa Caldeirão do Hulk da Rede Globo) demonstra que mesmo no carnaval está presente uma disputa discursiva do que é a identidade nacional e o que é a identidade negra.

Ao analisarmos as associações carnavalescas em termos discursivos (e não a partir dos sujeitos que podem agenciar esse carnaval nacional erotizado), percebemos que há uma divergência com relação ao discurso hegemônico sobre o carnaval nacional erotizado. Essas entidades não fazem uma crítica e uma contraposição à identidade nacional baseada na figura da mulata erotizada e a espetacularização dessa identidade através da exploração do corpo da mulher na mídia, como as entidades do movimento negro, de mulheres e negras e feministas. No entanto, seu “carnaval” não é o mesmo “carnaval” da Rede Globo, de Oswaldo Sargentelli, e da política da EMBRATUR das décadas de 1970 e 1980 (com relação ao “carnaval” das políticas atuais da EMBRATUR, será analisado no capítulo 4). Ressalta-se, novamente, Rosa (2008, p. 213) quando ele conclui que o carnaval não tem uma essência, são múltiplos os sentidos do carnaval e, esse sentido de nacional (e eu acrescento erótico) é apenas o sentido hegemônico.

### 3.2 O COMBATE AO TURISMO SEXUAL

No sub-capítulo anterior foram analisados os movimentos negro, feminista e de mulheres negras em suas lutas relacionadas com identidade, e assim, seus discursos de desconstrução do Brasil como paraíso das mulatas. Em algumas ações foi possível observar que a luta contra os estereótipos se relacionou com a luta contra a exploração sexual. Menciona-se novamente: a conquista da Lei do Rio de Janeiro que proíbe a exploração da imagem da mulher na mídia turística, também pela relação dessa mídia com o turismo sexual; e, as diretrizes gerais do II Plano de Políticas para as Mulheres que ressaltam a luta contra a exploração do corpo da mulher, tanto na mídia como na exploração sexual comercial. No entanto, são lutas separadas, por isso serão analisadas em sub-capítulos diferentes. A luta contra os estereótipos é uma luta homogênea dentro do movimento feminista, do movimento negro e de mulheres negras. No entanto a pauta do turismo sexual é permeada pelas disputas sobre a prostituição. Além disso, no combate ao turismo sexual estão em jogo outros discursos e outros agentes, conforme será analisado nesse sub-capítulo.

A partir das ações e discursos dos movimentos envolvidos no combate o turismo sexual é possível mapear três vertentes:

1. Entidades do Movimento Feminista que condenam a prostituição (sempre sinônimo de exploração sexual) de mulheres e meninas e condenam a exploração da imagem da mulher na mídia através de estereótipos;
2. Entidades do Movimento Feminista que defendem a regulamentação da prostituição, contra a exploração da imagem da mulher na mídia através de estereótipos e contra a exploração sexual de mulheres e meninas – por vezes o turismo sexual é considerado como prostituição (não condenável, quando envolve adultas) e por vezes exploração sexual (condenável);
3. Entidades do terceiro setor, as voltadas ao turismo e as voltadas para a proteção de crianças e adolescentes, que lutam contra a exploração sexual de crianças e adolescentes no turismo; não tem como pauta a questão da imagem e não se pronunciam sobre a prostituição de mulheres.

O movimento feminista brasileiro, como mencionado anteriormente, aproxima a crítica a exploração sexual da crítica a exploração da imagem da mulher na mídia, assim, condena a exploração do corpo da mulher. Portanto, a diferença entre as vertentes 1 e 2 é

sobre a prostituição, que para alguns movimentos é sempre exploração para outros pode ser uma escolha profissional. E, mesmo para as que defendem a prostituição como escolha profissional, criticam a exploração da prostituição (cárcere privado, tráfico de mulheres, cafetinagem opressora).

Referente ao turismo sexual ele é em geral considerado como exploração sexual, destaca-se a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito do Congresso Nacional sobre a exploração sexual (2003-2004) e o VI Relatório Nacional Brasileiro à Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher CEDAW<sup>19</sup> (2001-2005) – ambos os documentos apontam o problema do turismo sexual no Brasil, como exploração sexual. Ainda, no II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres<sup>20</sup> (2008), encontra-se o Plano de Ação para o Enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres (capítulo 4), que apresenta como uma de suas prioridades a promoção de ações de prevenção a todas as formas de violência contra as mulheres e uma dessas ações é a realização de campanha de combate ao turismo sexual. Também, na I Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial<sup>21</sup> (2005), dentre as propostas para a juventude negra encontra-se “fortalecer políticas públicas para proteger as mulheres negras de violência, abuso e turismo sexual” (p.91).

Sobre as divergências com relação a prostituição, destaca-se o Manifesto da Campanha por uma Convenção Interamericana dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos<sup>22</sup>, de 2006 (segunda versão), assinado por diversas entidades de países americanos. Entre as entidades, no Brasil, destaca-se a Rede Feminista de Saúde<sup>23</sup>, que aglutina grupos de mulheres, organizações não-governamentais, núcleos de pesquisa, organizações sindicais/profissionais, conselhos de direitos da mulher, profissionais de saúde e ativistas feministas. Cita-se trecho do referido Manifesto:

---

<sup>19</sup> Destaca-se que a CEDAW é um marco na luta feminista, tendo sido adotado pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 1979. Os países signatários da convenção precisam prestar relatórios periódicos sobre a situação da mulher e as medidas adotadas para a igualdade de gênero e o combate à discriminação no país. Esses relatórios são realizados pelos governos como prestação de contas e também é feito um relatório alternativo pelo movimento feminista do país que funciona como contra-prova. O Brasil ratificou a Convenção apenas em 1984, com reservas aos artigos referentes à igualdade entre homens e mulheres na família. A ratificação completa ocorreu apenas em 1994. Disponível em: <http://www.agende.org.br/convencoes/cedaw/cedaw.php>

<sup>20</sup> Disponível em [http://200.130.7.5/spmu/portal\\_pr/destaques\\_plano\\_nacional\\_pr.htm](http://200.130.7.5/spmu/portal_pr/destaques_plano_nacional_pr.htm)

<sup>21</sup> Disponível em [http://www.presidencia.gov.br/estrutura\\_presidencia/seppir/publicacoes/conapir/](http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/seppir/publicacoes/conapir/)

<sup>22</sup> Disponível em [www.convencion.org.uy](http://www.convencion.org.uy)

<sup>23</sup> Disponível em <http://www.redesaude.org.br/>

Nesse processo de controle e transgressão, onde colocar a prostituição? Esta é uma das dimensões em pugna no seio dos feminismos entre as correntes abolicionistas, que consideram seu exercício como expressão da violência de gênero e símbolo da condição feminina, e as anti-abolicionistas, que sustentam que se é profissão escolhida, deve ser reconhecida e contar com direitos trabalhistas. Ambas correntes compartilham um rechaço aos componentes delituosos que cercam a prostituição: o proxenetismo, o tráfico de mulheres, a máfia, a prostituição infantil. Ambas posições tratam de responder a uma realidade menosprezada, infamada, estigmatizada, que perpetua os olhares dicotômicos sobre as mulheres como seres sexuais (p.12)

Em oposição à prostituição, militantes europeias propuseram ao Parlamento Europeu, como uma das ações de enfrentamento à violência contra as mulheres, a criminalização dos clientes de prostituição, considerados prostituidores. Conforme reportagem do *Le Monde Diplomatique Brasil*, de junho 2008, esse grupo estudou durante três anos as legislações de cada país-membro da União Européia, e propôs uma unificação de leis referentes aos direitos das mulheres, a partir das leis mais progressistas de cada país – nos domínios da vida familiar, direitos sexuais e reprodutivos, luta contra a violência, vida profissional e paridade política. No domínio da luta contra a violência uma das leis propostas para o Parlamento Europeu é a Lei da Suécia contra a prostituição, que prevê punição para os clientes, impunidade aos prostituídos e criação de centro de ajuda. Esta perspectiva é considerada abolicionista, pois o objetivo é terminar com a prostituição. Discursivamente, as militantes feministas abolicionistas não utilizam o termo prostitutas, mas sim, prostituídas, para denunciar a prostituição como o resultado de uma sociedade patriarcal. Essa mudança discursiva é semelhante à adotada pelos os militantes do movimento negro brasileiro, que utilizam o termo escravizados (ao contar a história de seus ancestrais), no sentido de desconstruir a identidade de escravo e denunciar a escravização da qual os negros foram vítimas, em uma sociedade racista. Assim, a responsabilidade recai sobre aqueles que promoveram e promovem essas ações de violência.

Em favor da prostituição, destaca-se a Rede Brasileira de Prostitutas<sup>24</sup>, qual tem como missão: “Promover a articulação política do movimento organizado de prostitutas e o fortalecimento da identidade profissional da categoria, visando o pleno exercício da cidadania, a redução do estigma e da discriminação e a melhoria da qualidade de vida na sociedade”. Percebe-se que a luta é mais classista (no sentido de classe profissional) que feminista. No entanto, ao colocar a prostituição como classe profissional, o movimento de prostitutas está

---

<sup>24</sup> Disponível em <http://www.redeprostitutas.org.br/>

defendendo a possibilidade de escolha da prostituição como profissão e não como destino, como papel social. Assim, podem ser prostitutas, mães, esposas; ao mesmo tempo em que podem negociar com o cliente, impor limites, condições, serem agentes do processo. Assim, buscam combater os estigmas e estereótipos que constroem as mulheres como prostitutas/pecadoras/evas *versus* virgens/mães/marias.

O importante nessa dissertação é ressaltar que ambos discursos do movimento feminista condenam a reprodução de estereótipos. Assim, a construção da mulher negra a partir da hiper-erotização, como não agente de sua história e apenas como objeto sexual, pode ser compreendida como violência. Ainda, quando se trata do marketing turístico, da construção da mulher, principalmente da mulata, como atrativo turístico para gerar fluxo de turistas para a lucratividade do trade turístico, pode-se concluir que a prostituição que daí resulta é exploração sexual comercial. Como definido no capítulo teórico, o turismo sexual, nesse sentido, está relacionado com relações de poder, com construções discursivas e performativas de raça, gênero e sexualidade. O foco aqui é anterior ao da prostituta como profissional (como no movimento anti-abolicionista) e ao do prostituidor (como no movimento abolicionista).

Referente a terceira vertente, destaca-se que o combate ao Turismo Sexual tem emergido com uma das pautas fundamentais dos agentes (sociedade civil, setor público, privado e terceiro setor) relacionados ao Turismo, aos direitos das crianças e dos adolescentes. Internacionalmente destacam-se duas conferências mundiais: Assembléia Geral da OMT (no Cairo) sobre a prevenção do turismo sexual organizado, outubro de 1995; e, Declaração de Estocolmo contra a exploração sexual comercial das crianças, agosto de 1996. Também, a ECPAT<sup>25</sup>, a maior rede de organizações para a eliminação da exploração sexual de crianças e adolescentes, e a Organização Mundial do Turismo<sup>26</sup>, um organismo das Nações Unidas, possuem projetos de proteção de crianças da exploração sexual no turismo. Estas duas organizações, juntamente com o UNICEF, criaram o Código de Conduta para a proteção da criança da exploração sexual em viagens e no turismo<sup>27</sup>. Ainda, o Código Mundial de Ética no Turismo<sup>28</sup> e o Fórum Mundial de Turismo – Destinations<sup>29</sup> (que tem como parceiros a

---

<sup>25</sup> Disponível em <http://www.ecpat.net>

<sup>26</sup> Disponível em [http://www.world-tourism.org/protect\\_children/es/index.htm](http://www.world-tourism.org/protect_children/es/index.htm)

<sup>27</sup> Disponível em <http://www.thecode.org>

<sup>28</sup> Disponível em [http://www.unwto.org/code\\_ethics/sp/global.htm](http://www.unwto.org/code_ethics/sp/global.htm)

<sup>29</sup> Disponível em <http://www.desti-nations.net/>

Fundação Turismo para a Paz e Desenvolvimento Sustentável, o Ministério do Turismo do Brasil, quatro organismos da ONU - OMT, UNESCO, PNUD, PNUMA e o Instituto Hospitalidade) condenam o turismo sexual, especialmente quando afeta crianças.

Nacionalmente, destacam-se que as três primeiras edições (2004, 2005, 2006) do Fórum Mundial de Turismo – Destinations foram realizadas no Brasil. O Instituto Hospitalidade<sup>30</sup> (uma das OSCIPs mais importantes voltada ao Turismo no Brasil) utiliza o Código de Conduta em seu programa de certificação para o Turismo Sustentável.

O Ministério da Justiça, o Unicef e a Secretaria Especial de Direitos Humanos, com apoio da Embratur, criaram o RECRUA<sup>31</sup> (Rede de Informações sobre violência sexual de crianças e adolescentes), a partir da iniciativa na ONG CECRIA, para auxiliar no combate a exploração sexual. Os dados já levantados apontam o turismo sexual como uma das modalidades principais de exploração sexual, especialmente nas regiões centro-oeste, nordeste e sudeste do país. O Ministério do Turismo desenvolve o Programa “Turismo Sustentável e Infância – Brasil, quem ama protege”<sup>32</sup> voltado para a conscientização e denúncia da exploração sexual infantil no turismo.

Destaca-se também que a Lei Geral do Turismo<sup>33</sup>, aprovada pela Câmara Federal em junho deste ano, prevê, dentro dos objetivos da Política Nacional de Turismo (Artigo 5º): “prevenir e combater as atividades turísticas relacionadas aos abusos de natureza sexual e outras que afetem a dignidade humana, respeitadas as competências dos diversos órgãos governamentais envolvidos” (Inciso X). Ainda, destaca-se o “18 de Maio” que foi instituído pela Lei Federal No. n. ° 9970/00 como do Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes.

Nesses movimentos de combate a exploração sexual de crianças e adolescentes no turismo, não há a preocupação com os estereótipos, identidades. Em todas essas ações citadas, a única que apresenta uma breve menção nesse sentido é o Código Mundial de Ética no Turismo<sup>34</sup>, o qual reconhece o problema da imagem ao incentivo do Turismo Sexual em seu sexto artigo, “da obrigação dos agentes de desenvolvimento turístico”, no qual afirma que os meios de comunicação não devem facilitar o turismo sexual. No entanto, percebe-se que a

---

<sup>30</sup> Disponível em <http://www.hospitalidade.org.br>

<sup>31</sup> Disponível em <http://www.cecria.org.br/recria/recria/index.htm>

<sup>32</sup> Disponível em <http://www.unb.br/cet/turismoefancia2007/index.php>

<sup>33</sup> Disponível em <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/548219.pdf>

<sup>34</sup> Disponível em [http://www.unwto.org/code\\_ethics/sp/global.htm](http://www.unwto.org/code_ethics/sp/global.htm)

preocupação é com imagens que incentivem de forma direta, e não com reproduções de estereótipos e identidades.

Ressalta-se ainda que os motivos pelos quais emerge a preocupação com a exploração sexual infantil no turismo são diversos. Nos países das vítimas, como o Brasil, e para as organizações humanitárias internacionais, a preocupação é com a infância perdida e o futuro dos países onde milhares de crianças são descartadas pela exploração sexual e violência. Para os países dos turistas exploradores sexuais a preocupação é com a disseminação da AIDS, como pode ser percebido na introdução de um livro sobre Turismo Sexual, com autores de países europeus e norte-americanos: “The advent of the HIV epidemic in the 1980s was one factor in the increasing research, and policy, interest in tourism, travel and sex” (CARTER e CLIFT, 2000, p.5). Para empresários do turismo (como os diretores da OSCIP Instituto Hospitalidade, mencionada anteriormente) a preocupação é em mostrar responsabilidade social e assim atrair mais turistas.

Referente à emergência da denúncia pública da exploração sexual de crianças e adolescentes no turismo, destacam-se dois filmes. Ressalta-se a importância dos discursos do cinema, tendo em vista a já citada importância da mídia atualmente, tanto na reprodução de imaginários como na tentativa de desconstrução. Nesse aspecto, destaca-se o filme “Anjos do Sol” e o documentário “Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado”.

O filme “Anjos do Sol”, de Rudi Lagemann, de 2006, explicita a rede de exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil, através da trajetória da personagem Maria. A menina de 12 anos é comprada da família miserável no sertão nordestino, levada para uma capital onde é leiloada a políticos e fazendeiros. Em seguida o fazendeiro a manda para uma casa de exploração sexual em um garimpo na Amazônia, de lá ela consegue fugir e chega ao Rio de Janeiro onde é agenciada por uma cafetina para fazer programas com turistas. Destaca-se que nesse momento o filme busca desconstruir o suposto glamour do turismo sexual e desconstruir o imaginário da erotização natural da mulher brasileira que estaria supostamente feliz na prostituição. Mais uma vez Maria foge, mas quando pede carona a um caminhoneiro ele propõe a troca da carona por sexo e ela acaba aceitando. O filme termina enfatizando a rede de exploração sexual.

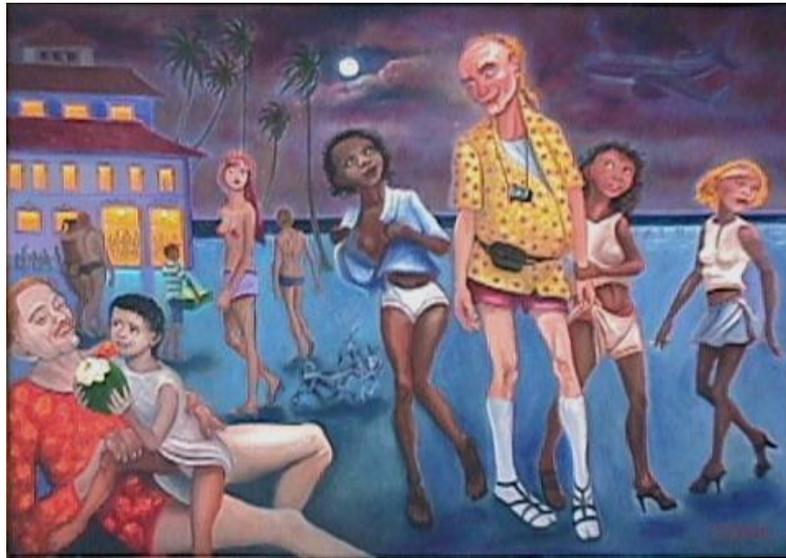
O documentário “Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado”, 2009, de Joel Zito (diretor reconhecido por abordar o racismo em seus filmes), foi lançado no dia 18 de maio, Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes. O

documentário traz depoimentos de mulheres, meninas e travestis brasileiras, demonstrando os sonhos que envolvem o turismo sexual e a dura realidade que elas enfrentam. Traz também depoimentos de autoridades e ainda depoimentos de turistas europeus. O documentário traz reflexões sobre a relação do turismo sexual e do tráfico de mulheres com os estigmas sexuais e raciais da escravidão.

Ainda referente à emergência da denúncia pública do turismo sexual, destaca-se o artista cearense Descartes Gadelha, o qual é destacado no Ceará, inclusive foi homenageado com uma sala de exposições com seu nome no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, e já realizou exposições em vários estados do Brasil. Conforme reportagem da Revista Universidade Pública (2006), Gadelha “diz que não é artista e o que faz não é arte. Descreve-se como um interprete de realidades, um pintor sem devaneios que usa essa técnica como forma de se queixar, exercendo, do jeito que pode, sua condição de ser político” (Fonteles, 2006, p. 6). Sua exposição “Iracemas, Morenos e Coca-colas”, de 2004, é uma denúncia ao turismo sexual em Fortaleza. A referência a Iracema e a Moreno busca enfatizar as conseqüências negativas do imaginário sexual entre os europeus e as nativas, construído a partir do romance Iracema (1865) de José de Alencar, também um cearense, no qual a índia Iracema se envolve com o português Martins Soares Moreno. Também é uma referência a Praia de Iracema, em Fortaleza, um dos principais pontos de exploração sexual. Ao falar dessa exposição, na reportagem da revista citada anteriormente, Gadelha ressalta que buscou conhecer a realidade do turismo sexual, conversou com turistas e com meninas e, destaca: “A princípio pensei que existia o turismo sexual, mas não existe. Existe um genocídio”. (Gadelha apud Fonteles, 2006, p. 7). A seguir algumas de suas obras<sup>35</sup>.

---

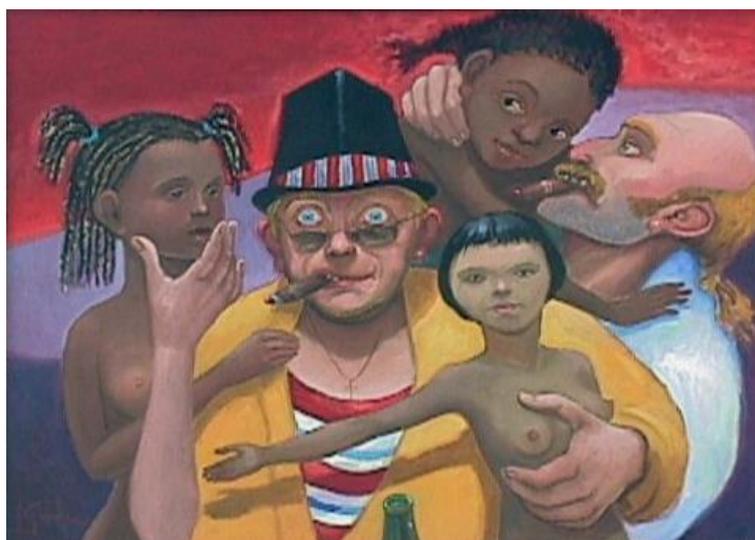
<sup>35</sup> Disponíveis em [www.muac.ufc.br](http://www.muac.ufc.br)



Pela Praia de Iracema. Óleo sobre a tela-90x122cm. 2004



Iracema e Moreno. Óleo sobre a tela -65x81cm. 2004



Retrato de Viagem. Óleo sobre a tela-60X81cm. 2004



Dia de Turista. Óleo sobre a tela -60x81cm. 2004

### 3.3 A REORIENTAÇÃO NA POLÍTICA EXTERNA

Além dos discursos dos movimentos sociais que buscam desconstruir o imaginário de Brasil como paraíso de mulatas, uma reorientação na política externa brasileira faz emergir um discurso que busca também desconstruir o imaginário de Brasil como paraíso das mulatas, pois busca apresentar o Brasil como uma potência emergente. Esse Brasil que se apresenta como potência emergente, em oposição a um Brasil que se apresenta como paraíso, apareceu nos discursos dos agentes do turismo entrevistados. Portanto, para compreender o que está em jogo nesses discursos turísticos atuais (o que será feito no capítulo quatro), torna-se necessário mapear um pouco os discursos, para além do turismo, que buscam construir o Brasil como potência emergente.

O foco nesse sub-capítulo não é analisar as mudanças da Política Externa Brasileira, nem o contexto internacional dessas mudanças, mas refletir como essas mudanças estão relacionadas com a emergência de um outro discurso oficial sobre o Brasil, o qual pode ser enquadrado na formação discursiva que tenta desconstruir o Brasil como paraíso das mulatas.

Fazendo uma referência breve ao novo contexto internacional, considera-se que no pós-Guerra Fria, com o fim do mundo biopolar, no qual os Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas haviam disputado a hegemonia no cenário

internacional, inicia-se um novo contexto. Na década de 1990 a ordem internacional se tornou unipolar sob a hegemonia norte-americana, mas a partir do século XXI outros países passaram a disputar espaço no cenário internacional, iniciando uma ordem multipolar. Em termos de negociações internacionais, esse mundo multipolar possibilita o estabelecimento de relações multilaterais, como a formação de blocos econômicos e políticos. É nesse contexto que o Brasil inicia uma reorientação de política externa, privilegiando relações multilaterais e não apenas bilaterais – como historicamente fazia, desde o pacto colonial com Portugal até a relação com os EUA durante a Ditadura Militar de 1964-1984.

Em 1991, Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai assinaram o Tratado de Assunção estabelecendo o Mercado Comum do Sul. A partir de 2003, com o Governo Lula, o Brasil passa a privilegiar as relações Sul-Sul. Conforme Guimarães (2007) o Brasil tem adotado uma nova postura no cenário internacional, fortalecendo suas relações na América Latina e construindo relações com África do Sul, China, Índia e outros, buscando uma atuação mais independente dos países historicamente hegemônicos. Também, o Brasil tem buscado demonstrar liderança no cenário internacional, pleiteando uma vaga no Conselho de Segurança da ONU, reafirmando sua soberania sobre a Amazônia, enfrentando os EUA e outras antigas potências nas reuniões da Organização Mundial do Comércio. Ainda segundo o embaixador Samuel Pinheiro Guimarães:

Quinhentos anos de periferia caracterizam bem a situação do Brasil no sistema internacional. (...) Agora, quando o Brasil atinge a condição de oitava economia do mundo – uma sociedade democrática, com 175 milhões de habitantes, urbana, de parque industrial respeitável, com amplo potencial para ocupar um lugar de maior peso e influência no sistema internacional –, é necessário superar o complexo de Estado de segunda classe e definir estratégias audaciosas de desenvolvimento político e econômico (GUIMARÃES, 2001, p. 143 e 144).

Nesse contexto, conforme Soares (2007), outros agentes passam a ser importantes nas relações entre os países. No mundo global e na era da informação e da comunicação, não é apenas a diplomacia oficial e tradicional que media as relações entre os países. Torna-se fundamental pensar na diplomacia cultural. Os países passam a se dedicar a construção de uma “marca país” internacional, para atrair investidores, turistas, atenção internacional, governos de outros países. A autora destaca que a “marca país” é planejada e feita por profissionais para representar o país, buscando elementos da identidade nacional e da imagem que o país tem no exterior e criando uma identidade visual, carregada de sentidos. Referente ao Brasil, a autora aponta que houve tentativas de criar uma marca Brasil, em 2002, no

Governo Fernando Henrique Cardoso, mas foi no Governo Lula que se criou o Plano Aquarela, o qual resultou a Marca Brasil. Esse Plano, como destaca a autora, foi gestado pela EMBRATUR, mas teve o objetivo de criar uma Marca de Estado, não apenas para o turismo, mas para ter resultados comerciais, culturais e turísticos.

O “Brasil exótico e erótico”, o “Brasil paraíso das mulatas” – que foi consolidado em uma identidade nacional marcada pelos imaginários coloniais e, reconstruído pelo marketing turístico das décadas 1970 e 80 que buscava atrair os turistas europeus – não representa o Brasil que quer ser potência num cenário multipolar, de diplomacia cultural e de diplomacia pública. Nesse sentido será analisado o Plano Aquarela e a Marca Brasil, no capítulo 4 dessa dissertação.

Lumertz (2009) analisa as relações entre turismo e a diplomacia, destacando que o turismo pode ser um importante instrumento diplomático, nos marcos da diplomacia cultural (utilização das relações culturais para atingir fins também políticos econômicos) e da diplomacia pública (relação entre diversos atores no sistema internacional, governos, empresas, opinião pública). A autora analisa o caso do Brasil e da Espanha, concluindo que no Brasil, em comparação com a Espanha, o turismo não ocupa um papel relevante na diplomacia tradicional, a qual não está voltada para a diplomacia cultural, nem para a nova diplomacia pública (tendo poucas iniciativas nesse sentido). As concepções sobre turismo no Brasil ainda estão muito restritas a seu aspecto comercial, assim, não há uma política integrada entre Ministério das Relações Exteriores e Turismo. A autora demonstra que a melhoria da imagem do Brasil no exterior (que se refere a mudar a imagem de carnaval, futebol e mulheres) é pauta da Agência de Promoção de Investimentos e Exportações, da Coordenação de Divulgação do Ministério de Relações Exteriores, da Secretaria de Comunicação da Presidência da República e do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR). No entanto, esses órgãos trabalham isoladamente. Segundo a autora o Plano Aquarela é um exemplo de política planejada e bem sucedida nesse objetivo, mas devido ao ainda pequeno interesse da diplomacia pelo turismo, as ações não estão integradas e a Marca Brasil não é consolidada.

É importante mencionar as ações e concepções de outros órgãos governamentais, além da EMBRATUR, para ser possível perceber a emergência dessa tentativa de reconstruir a imagem do Brasil, para no próximo capítulo analisar que Brasil está sendo (re)(des)construído no Plano Aquarela.

A Agência de Promoção de Investimentos e Exportações (APEX) é ligada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e tem como função promover a exportação de bens, de serviços e da imagem do Brasil. Conforme os documentos da APEX: “Um dos grandes resultados do trabalho de promoção realizada pela APEX-Brasil foi ajudar a consolidar uma nova imagem – mais moderna e mais forte do ponto de vista comercial – sem destruir aqueles aspectos que sempre caracterizaram a visão que o mundo tem do País” (APEX-BRASIL *apud* Lumertz, 2009, p. 164).

A Coordenação de Divulgação (Divulg) do Ministério de Relações Exteriores (MRE) é ligada ao Departamento Cultural do Ministério e é responsável pela divulgação do Brasil. Conforme o site do MRE, citado por Lumertz:

Compete à Divulg disseminar informações sobre a política externa brasileira no exterior e no Brasil; divulgar, no exterior, aspectos da atualidade brasileira, em especial, no que se refere à cultura, avanço social, desenvolvimento industrial, estabilidade econômica e variedade étnica, climática e física; manter, harmonizar e aperfeiçoar os sítios eletrônicos do Ministério e dos Postos no exterior; elaborar e distribuir publicações em vários idiomas acerca de diversos aspectos da realidade brasileira; e apoiar programas de rádio brasileiros no exterior (MRE *apud* Lumertz, 2009, p. 165)

Conforme Lumertz (2009, p. 170) a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República tem por objetivo “melhorar a imagem brasileira no exterior” e está atualmente com o projeto de unificar as ações que já existem de divulgação do Brasil no exterior e enfocar temas que a EMBRATUR não enfoca, como o etanol, a proteção da Amazônia e as tecnologias da informação, mas trabalhando, em alguma medida, em parceria com a EMBRATUR, a APEX e o Ministério das Relações Exteriores.

A síntese dessa ordem discursiva pode ser percebida no artigo “Uma política externa para o século XXI”, de Sérgio Amaral, ex-Embaixador Brasileiro em Londres e Paris, ex-Secretário de Comunicação Social da Presidência da República e ex-Ministro da Indústria e do Comércio. Cita-se:

A participação ativa das forças vivas da sociedade, da economia e da cultura na política externa suscita uma questão correlata que é a diplomacia pública. Muito do que o Brasil visa obter em sua inserção internacional depende de uma imagem adequada no exterior. A aspiração legítima em assumir novas responsabilidades e funções relevantes no processo decisório internacional, a possibilidade de atrair investimentos de qualidade, ampliar o número de turistas estrangeiros ou agregar valor aos produtos de exportação, entre outros objetivos, dependem da capacidade de falar não apenas aos governos, mas também à sociedade: à mídia, aos meios culturais, aos agentes

econômicos, às instituições da sociedade civil, assim como a eleitores e consumidores. A construção da Marca Brasil, sobre a qual muito se fala, mas pouco se faz, tornou-se uma pré-condição para o êxito da inserção econômica do Brasil no plano internacional (AMARAL, 2008, p. 356).

Para a análise proposta nesse estudo, sobre as (re)(des)construções dos imaginários sobre o Brasil, o importante é destacar que há um esforço (mesmo que ainda deficiente como aponta Lumertz, 2009), de reconstrução da imagem do Brasil no exterior, por parte do governo, a partir de seus novos interesses no sistema internacional. O Plano Aquarela, a política mais importante nessa tentativa de reconstrução – como apontam as análises de Soares (2007) e de Lumertz (2009), e como emerge nesse discurso de Sérgio Amaral síntese dessa ordem discursiva do Brasil como potência emergente – será analisado no capítulo 4 dessa dissertação.

#### **4. (RE)(DES)CONSTRUÇÕES DO BRASIL COMO PARAÍSO DE MULATAS**

Diante da construção histórica do Brasil como paraíso de mulatas (demonstrada no capítulo 2) e das tentativas de desconstrução desse imaginário (demonstradas no capítulo 3), percebeu-se as disputas discursivas nas quais ele está imerso e, as quais, estão relacionadas com construções de identidades nacional, racial, de gênero e de sexualidade. Percebeu-se, também, a importância do turismo como espaço de emergência, consolidação e disputa desse imaginário.

O capítulo que segue tem como objetivo analisar discursos turísticos atuais, para perceber quais imaginários estão presentes, quais identidades estão sendo desconstruídas, reconstruídas e construídas. Elegeu-se como recorte empírico, os discursos do Plano Aquarela de Marketing Turístico Internacional do Ministério do Turismo (e a Marca Brasil que resultou dele), e o Show das Mulatas da Cia. Sandrinha Sargentelli. Foram realizadas entrevistas, observações e coleta de documentos (incluindo material publicitário). Esses discursos serão analisados a partir das seguintes categorias: identidade nacional, mulher brasileira, turismo sexual.

##### **4.1 O Plano Aquarela de Marketing Turístico e a Marca Brasil**

Em janeiro de 2003 foi criado o Ministério do Turismo. A EMBRATUR, criada em 1966, que até então era responsável por toda a política de turismo, passou a “concentrar-se na promoção, no marketing e apoio à comercialização dos produtos, serviços e destinos turísticos brasileiros no exterior”<sup>36</sup>.

Conforme a Presidente da EMBRATUR, Janine Pires, em entrevista realizada em abril de 2009, na EMBRATUR, em Brasília, já no Plano de Governo do Presidente Lula constava o compromisso com a criação do Ministério do Turismo e com a profissionalização da EMBRATUR. Assim, no início da Gestão, o Ministério do Turismo juntamente com o Conselho Nacional de Turismo<sup>37</sup>, criou o Plano Nacional de Turismo; bem como, a

---

<sup>36</sup> Disponível no site do Ministério do Turismo <http://institucional.turismo.gov.br/>

<sup>37</sup> Instituído em sua nova forma a partir do DECRETO Nº 4.686, DE 29 DE ABRIL DE 2003.

EMBRATUR, seguindo o Plano Nacional de Turismo, criou o Plano Aquarela<sup>38</sup>. Segundo Janine Pires houve um amadurecimento das políticas do setor, na medida em que foram construídas de forma profissional e com o envolvimento do setor privado e dos governos estaduais (via Conselho Nacional de Turismo), para serem políticas de Estado e não de Governo.

Conforme Patrícia Servilha, diretora no Brasil da empresa internacional de consultoria em marketing responsável pelo Plano Aquarela, Chias Marketing, em entrevista realizada em abril de 2009, na sede da empresa em São Paulo, em 2003 a EMBRATUR decidiu trabalhar o produto brasileiro para o mercado internacional de uma forma profissional e chamou as empresas de marketing para apresentarem propostas e metodologias de trabalho. A Chias Marketing já havia desenvolvido uma série de trabalhos, entre eles o Plano de Marketing Turístico da Espanha e a Marca Espanha que permanece a mesma há 26 anos e é considerado um caso de sucesso no turismo mundial e, no Brasil, havia criado, entre outros, o Plano de Marketing Turístico do Estado do Maranhão e colocado o Estado no mercado turístico. A Chias Marketing foi então a empresa escolhida e ao longo de 2003 e 2004 elaborou o Plano Aquarela e a Marca Brasil, lançados em março de 2005.

Primeiramente será abordado, o Plano Aquarela, a partir do documento oficial, ressaltando os aspectos importantes para o recorte dessa dissertação. Em seguida serão analisados os discursos dos principais agentes, observações de campo e material publicitário, referentes ao objeto dessa dissertação, a partir das categorias de identidade nacional, mulher brasileira e turismo sexual.

O Plano Aquarela desenvolveu-se, a partir do Programa de Reposicionamento da Imagem do Brasil no exterior, que faz parte do Macro Programa de Promoção e Apoio à Comercialização, dentro do Plano Nacional de Turismo (2003-2007). Ou seja, ele surge como uma demanda, expressa no Plano Nacional de Turismo, de reposicionar a imagem do Brasil.

Conforme metodologia da Chias Marketing, desenvolvida pelo Professor Josef Chias, o Plano Aquarela foi desenvolvido em três fases: o diagnóstico, a formulação da estratégia de marketing, e o plano operacional.

---

<sup>38</sup> EMBRATUR; CHIAS MARKETING. Plano Aquarela do Brasil: Marketing Turístico Internacional. Relatório Executivo. 2005.

Na fase I, diagnóstico, foram levantados os aspectos do mercado turístico, analisados os produtos turísticos brasileiros, analisadas as opiniões do trade turístico internacional, opinião dos turistas (efetivos e potenciais), e a opinião interna.

Nos aspectos do mercado turístico, foram levantados dados sobre o turismo no mundo e no Brasil, perfil dos turistas, receita gerada, fluxo turístico, entre outros, ressaltando as potencialidades do mercado turismo.

Na análise dos produtos turísticos, foi definida a grade dos produtos turísticos brasileiros: sol e praia, ecoturismo, cultura, esportes, negócios e eventos. Cada um desses segmentos foi descrito e ressaltadas suas potencialidades.

No produto cultura, destaca-se o item “A potencialidade dos produtos de turismo cultural no Brasil”, no qual encontra-se a seguinte descrição

Uma das características singulares do Brasil é sua mistura racial e cultural, uma sociedade constituída por portugueses, índios e africanos, aos quais foram se juntando imigrantes de dezenas de outras nacionalidades. Essa miscigenação é o que distingue os traços da “brasilidade” – a amabilidade, a hospitalidade, a alegria e o jeito de ser do brasileiro –, e também a diversidade do patrimônio cultural do país em seus matizes regionais e/ou ambientais: a música, a dança, a arte popular, a religiosidade, o futebol, a arquitetura, a gastronomia, etc... (Plano Aquarela, p. 38)

Ainda no produto cultura, destaca-se o turismo étnico, o qual é descrito da seguinte forma:

O contexto do desenvolvimento do turismo nos últimos 50 anos possibilitou o surgimento de um perfil de turista experiente em termos de viagens, culto e de alto poder aquisitivo, que constrói o foco da visita turística na procura pelo diferente, pelo exótico. Mais especificamente demonstram interesse por pequenos grupos sociais em ambientes naturais, com suas particularidades e tradições. Esse fenômeno, denominado como turismo étnico, tem se configurado como um importante instrumento de desenvolvimento, na promoção do crescimento econômico das comunidades visitadas e na revitalização cultural dessas populações em si. Existem atualmente no Brasil cerca de 220 povos indígenas, que falam mais de 180 línguas diferentes e totalizam aproximadamente 370 mil indivíduos. A maior parte dessa população distribui-se por milhares de aldeias, situadas no interior de 614 Terras Indígenas, de norte a sul do território nacional. Como todo grupo humano, os povos indígenas que vivem no Brasil têm culturas que resultam da história de relações que se dão entre os próprios homens e entre estes e o meio ambiente. (Plano Aquarela, p. 41)

Após definir a grade de produtos, ainda na análise dos produtos, foi definido um ranking dos produtos, foi analisado o uso dos produtos (a presença no trade), foi ressaltada a

importância da criação e consolidação da marca de um país como destino turístico, bem como diagnosticado que o Brasil não possuía uma marca.

Para a análise da opinião dos turistas foram feitas pesquisas com 1.200 turistas estrangeiros que terminavam a sua visita ao Brasil e com 5.000 turistas potenciais, selecionados nos 18 mercados mais importantes da Europa, América e Ásia, dentre aqueles que fazem habitualmente viagens turísticas internacionais. O objetivo era traçar o perfil do turista e mapear os aspectos positivos do Brasil para eles. As pesquisas concluíram que os aspectos positivos foram a natureza e o povo brasileiro.

Para a análise da opinião do trade internacional foi feita uma pesquisa nos 18 mercados prioritários, com os operadores que trabalhem ou não com o produto Brasil, e com as cinco operadoras especializadas que já trabalham com o produto Brasil. Os objetivos desta pesquisa foram conhecer a imagem que o trade internacional tem do Brasil, definir os concorrentes e avaliar a promoção atual.

Referente a opinião interna, foram feitas diversas reuniões com representantes das organizações, associações classistas, secretários estaduais e lideranças dos setores público e privado ligados ao turismo no Brasil, nas quais foram levantados os pontos fortes e fracos, as cores, as palavras, que sintetizam o Brasil.

Com relação aos pontos fortes: “A síntese aponta para um equilíbrio entre o conjunto dos atrativos naturais (35%) e dos aspectos culturais (47%). A cultura está substanciada nos aspectos da “diversidade cultural” (21%) e no “povo brasileiro” (26%)” (Plano Aquarela, p. 76).

Com relação aos pontos fracos: “O item “imagem estereotipada” é apontado como o principal ponto fraco do turismo brasileiro, 31% dos participantes o entendem como um reducionismo da oferta turística do país, resultado direto da promoção internacional nas últimas décadas que, na opinião dos diferentes setores ouvidos, privilegiou a praia, o samba, o futebol, a festa, a mulher...” (Plano Aquarela, p. 78).

Por fim, foi definido o posicionamento desejado do Brasil no mercado turístico internacional. Conforme o diagnóstico o que deve ser ressaltado é a natureza e o povo, assim, para que o Brasil se diferencie de outros destinos da América Latina deve estar posicionado nos eixos entre patrimônio natural e estilo de vida, conforme gráfico:



(Plano Aquarela, p. 86)

Na fase II, formulação da estratégia de marketing, foi definido que a estratégia de promoção será baseada no decálogo, na mensagem permanente e na marca. O decálogo corresponde aos cinco valores principais, sendo eles: “Natureza (praia e mar, beleza natural, floresta, patrimônios da humanidade), Cultura viva (festas, alegria, música, patrimônios da humanidade), Povo (alegria, atendimento), Clima (sol o ano inteiro), Modernidade” (Plano Aquarela, p. 89). A mensagem permanente é a mensagem que sintetiza o Brasil, “Sensacional”.

Com relação a marca foi definido um briefing baseado nas seguintes idéias: que o nome Brasil deve ser mantido sem tradução, deve ser colorido, deve remeter-se a modernidade (através de inspirações como Oscar Niemayer). Foi, então, realizado um concurso de desenho gráfico, coordenado pela ADG - Associação de Design Gráfico do Brasil e por decisão unânime do júri foi selecionada a proposta de Kiko Farkas. Abaixo:



(Plano Aquarela, p. 96)

Na fase III, plano operacional, foram especificados os produtos, as formas de promoção e as metas de comercialização. A fase operacional passa a ser de responsabilidade da EMBRATUR, sob supervisão da Chias Marketing, conforme informaram Janine Pires e Patrícia Servilha nas entrevistas realizadas na pesquisa de campo. A EMBRATUR faz a gestão da Marca Brasil (para sua utilização em produtos brasileiros), realiza trabalho de relações públicas em diversos países (a EMBRATUR possui escritórios no exterior e participa de feiras de turismo internacional) e trabalhos publicitários, sempre orientados pelo Plano Aquarela. O Plano sofre atualizações todos os anos, com acréscimos de produtos e mercados. Também, em 2007, houve uma atualização de pesquisas com os turistas. A próxima fase será o Plano Aquarela 2014, marketing turístico e Copa do Mundo.

#### **4.1.1 Identidade Nacional, Mulher Brasileira e Turismo Sexual**

Conforme metodologia dessa dissertação, pretende-se analisar a formação discursiva que emerge no Plano Aquarela e na Marca Brasil, e como ela constrói, reconstrói e desconstrói identidades nacional, de raça, de gênero e de sexualidade. Para isso foram realizadas entrevistas com os principais agentes do Plano Aquarela e do Marketing turístico do Brasil. Em março de 2009 foi realizada entrevista com João Moreira, Presidente da Confederação Brasileira de Conventions & Visitors Bureaux, liderança do setor privado brasileiro no que diz respeito a comercialização, promoção, imagem do Brasil no exterior e marketing turístico. Em abril de 2009 foi realizada entrevista com Janine Pires, Presidente da EMBRATUR, liderança do setor público no que se refere à comercialização, promoção, imagem do Brasil no exterior e marketing turístico. Também em abril foi realizada a entrevista com Patrícia Servilha, Diretora no Brasil da Chias Marketing Consultoria, empresa que realizou o Plano Aquarela. As entrevistas foram conduzidas, e os discursos serão mapeados, a partir das categorias Identidade Nacional, Mulher Brasileira e Turismo Sexual.

Os seguintes trechos da entrevista da Presidente da EMBRATUR, Janine Pires, sintetizam a desconstrução da identidade erotizada da sexualidade da mulher brasileira, a reconstrução da identidade nacional de um Brasil que quer ser potência, a manutenção da identidade racial da mestiçagem e a desconstrução do turismo sexual como objeto de discussão (colocando o problema como exploração sexual infantil).

Para ela a imagem estereotipada da mulher brasileira já foi superada:

Antes do governo Lula isso já era um tema que era tratado. Eu nunca vi nenhuma peça publicitária desse tipo com o ministro Caio do FHC. (...) A visão do Brasil, durante muito tempo foi a Carmem Miranda, o Zé Carioca, o futebol, então, assim, essa visão geral é muito mais forte. Em relação as mulheres o quê que eu acho? Eu sou muito demandada sobre esse tema. E hoje a gente tem pesquisas, departamento de mídia internacional, monitoramento de imprensa internacional, então o que eu estou te falando não é o que eu acho, é o que de fato nós constatamos, elaboramos e pensamos. Porque a gente sabe do tema da imagem, e quando a gente fala do tema da imagem, a gente tem n questões que a gente aborda, e as questões negativas também. Hoje pra mim no tema da imagem o ponto mais negativo que o Brasil enfrenta é referente a segurança pública, limpeza urbana, sinalização turística. Hoje com raríssimas exceções, a imagem de que o Brasil é o destino de mulher e não sei o que, não existe mais, não existe mais

Isso porque o Brasil já está construindo uma nova imagem:

(...) o Brasil no mundo hoje é o país do etanol, é o país do presidente Lula que é amigo do presidente Obama, sabe? É o país que está combatendo o desmatamento da Amazônia, é o país que tem mais de 20 milhões de pessoas que ascenderam a classe média, é um país de pesquisa em águas profundas de petróleo, é o país da EMBRAER, da Vale do Rio Doce, esse é o Brasil que o mundo vê (...)

Mas essa imagem é permeada por imaginários raciais e imaginários edênicos (natureza, país tropical) da antiga identidade nacional:

(...)E do ponto de vista do turismo, os aspectos mais, de longe, mencionados, são a alegria do povo brasileiro, o jeito de ser do povo brasileiro, a natureza, são os dois, se você tiver que resumir são dos dois. A natureza você vai desde o sol da praia, até o ecoturismo, as montanhas, isso aí você faz uma vasta, que é a grande vantagem do Brasil como destino turístico. E a alegria do povo brasileiro é uma coisa muito especial, e aí do ponto de vista sociológico é muito mais inteligente e muito mais abrangente do que o brasileiro recebe bem, não é só isso, isso é um detalhe, o que agente detectou e o que os estrangeiros falam, é que essa imagem da alegria do povo brasileiro tá vinculado, por exemplo, que o Brasil é um país que tem uma vida cultural muito forte, aí tem o carnaval que é muito conhecido, o festival de Parintins, n manifestações populares, no qual o carnaval é a mais conhecida, tem a questão da música brasileira, que é muito conhecida no exterior, pro estrangeiro qualquer música é samba, a alegria do povo tá ligada a questão da música, a alegria do povo tá ligada a forma como a gente recebe o estrangeiro, é um país que tem pessoas ainda pobres, mas pessoas que trabalham no serviço, mas tão sempre recebendo bem, tão sempre alegres, tão sempre felizes, tão sempre dispostos, né? Porque isso é muito o oposto talvez do hemisfério norte. Óbvio, a gente mora num lugar tropical, a gente tem a formação da nossa população que é muito misturada de raças, de experiências, aquilo que o Darcy Riberio chamou de povo brasileiro, que ele descreve, que é extremamente complexo, mas é muito peculiar para identificar o povo brasileiro, é identificado pelos estrangeiros.

Referente ao turismo sexual, ele não é considerado, por Janine Pires, como um problema do Brasil, e é percebido dentro da exploração sexual infantil.

Agora, em alguns lugares a gente tem um problema, né? Poderia te dizer, acho que na Itália, é um país, talvez se eu fosse citar um onde a gente tem mais problema eu poderia te citar a Itália, que tem ainda uma visão, é... mais pejorativa e etc. Agora, em todos os lugares do mundo, se você vai num hotel, num lugar, tem book de mulher e homem, tem programa de prostituição, isso vocês encontra em qualquer lugar do mundo, inclusive em muitos lugares muito mais do que no Brasil. Aí eu posso te afirmar que o Brasil não é um destino de turismo sexual. Eu tô afirmando com base nas pesquisas, pra você ter uma idéia, nas pesquisas do Vox Populi, nas perguntas, por que você veio ao Brasil, 1% respondeu por causa das mulheres, 1%, isso é um fato que demonstra que nós não temos isso. Nós continuamos combatendo, por diversos motivos (...) Acho que o turismo puxa pra si um problema da prostituição que não é um problema do turismo, é um problema da sociedade, que é muito mais presente em outras áreas, do que no turismo. (...) Se você vai numa rodovia brasileira tem muito mais prostibulo, muito mais criança sendo escravizada que faz programa, que em áreas turísticas. (Janine Pires, 2009)

Janine Pires fala que a exploração sexual infantil no turismo deve ser combatida com políticas públicas locais, como o exemplo de vôos charters só com homens que são identificados como turistas que vieram para exploração sexual de crianças e adolescentes e a polícia federal manda retornar aos países de origem. A Presidente da EMBRATUR é contrária a campanhas publicitárias contra turismo sexual, fala que na promoção devem ser valorizados os aspectos positivos com cuidados para não ressaltar os antigos estereótipos. E ressalta que o estereótipo da mulher brasileira já é passado.

Na questão da promoção são diversas coisas, desde o cuidado que você tem com sites, material promocional, imagens que são utilizadas, filmes que são colocados, n, n, formas de comunicação, que você tem que... Por exemplo, se nós vendemos sol e praia, a gente tem que botar pessoas na praia, não vamos vender paisagem sem gente. Como é que a gente bota uma pessoa na praia? Coloca uma família, um casal, não bota mulher de biquíni, bota ela com uma canga, se ela tiver na piscina não precisa estar com a bunda pra cima, ela pode tá com um biquíni mais largo. Quer dizer, você tem que tomar cuidado pra falar disso, né?

Na questão da promoção da imagem do Brasil como destino turístico no exterior, eu sou totalmente contra fazer qualquer campanha com relação a este tema, sou totalmente contra. Porque você não combate estereotipo levantando a bandeirinha lá fora dizendo, ei, aqui não tem isso, não é assim, é o contrário. A imagem que você tem que criar, o estereotipo que você tem que combater, você faz ele do ponto de vista do aspecto positivo(...). Então

you have that super pejorative image talking about women I don't know... it's been like this. At a certain point people got mad, people, né, got mad and etc. on top of that. At a certain point there was a Brazilian state that sent a note to the press saying like this, we here at the end of the week we do a business of fighting the exploitation of tourism I mean he pulled it for him a problem besides talking bad about the neighbor.

Com relação a mulheres semi-nuas em contextos culturais, como a figura da mulata no carnaval que foi utilizada como valorização cultural, Janine Pires acredita que de uma forma contextualizada não reforça estereótipos, mas de forma descontextualizada é prejudicial, pois reforça estereótipos que podem levar a exploração sexual e a preconceitos contra mulheres brasileiras no exterior. No entanto ressalta que essa utilização descontextualizada está praticamente superada.

Nós não usamos mulheres semi-nuas em eventos culturais, nós somos contra usar. Se você perguntar assim, tem gente que ainda usa, tem, ainda tem, não necessariamente no turismo, mas em outras áreas, acho que é muito difícil você ver, mas ainda tem imagens estereotipadas ou que usam esse tipo de coisa. (...) você vai pra China ou para países árabes não dá pra você colocar uma mulher um homem de biquíni, porque culturalmente, por mais que eles saibam que tu é um país diferente, você tá agredindo (...) Então, cada lugar você tem uma forma de abordar, um produto, uma mensagem, uma forma de fazer. Isso é muito importante, e você não pode descontextualizar. Por exemplo, eu não vejo nenhum problema de você trazer um jornalista estrangeiro pra Sapucaí ver o desfile, aquilo é um show, agora eu vejo muito problema você tirar uma mulher e um homem semi-nus que estariam ali na Sapucaí e levar pro exterior e fazer uma apresentação, a não ser que seja num lugar, num espetáculo, agora numa festa, numa apresentação, num evento de promoção do Brasil você levar mulheres semi-nuas pra sambar, eu sou totalmente contra (...) se você tem a figura da mulata, que tem um contexto cultural, que faz parte da história do Brasil, da cultura carioca do samba, isso tudo é maravilhoso e belíssimo, não tenho nada contra isso, o que você não pode é tirar isso e levar para um contexto diferente, né? Aí, por exemplo, se você disser assim, eu pegar o show e vou levar lá em Paris pra fazer um show, uma apresentação artística, maravilhoso, agora se eu fazer um evento de promoção do Brasil 'venham pro Brasil fazer turismo, passear', e eu utilizar essas mesmas pessoas pra tá lá falando do Brasil, eu tô reforçando um estereótipo (...) E esse cuidado é muito importante, porque é o estereótipo que permite uma imagem desvirtualizada e que aí sim pode dar espaço para exploração de crianças e adolescentes, etc. Aí sim, é uma outra etapa. Ou mesmo uma das coisas que existia muito há 20, 30 anos atrás e que hoje existe muito menos que é um desrespeito que pode ter com as mulheres brasileiras (...) eu posso dizer que muitas vezes se você for num determinado lugar, as pessoas podem manifestar vai ali dá uma cantada que ali o negócio é fácil, e aí sim é uma questão de preservação. Não vejo isso como um problema hoje no mundo em relação as mulheres brasileiras. (Janine Pires, 2009)

Nesse ponto é importante destacar as observações (registradas em fotografias) e materiais publicitários de marketing público atuais, recolhidos em pesquisa de campo realizado no 3º. Salão do Turismo, feira de divulgação e comercialização dos destinos turísticos do Brasil, organizado pelo Ministério do Turismo, em junho de 2008, em São Paulo. Na imagem 1, fotografia do estande da Bahia, com uma atriz representando uma meretriz como atributo histórico e cultural da região de Ilhéus (que materializa o imaginário das obras de Jorge Amado); nas imagens 2 e 3 fotografias do estande do Amazonas, onde estavam jovens caracterizadas como indígenas dançando e posando para fotos com visitantes da feira; na imagem 4, o folder do Maranhão.



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4

Ressalta-se que a Empresa Chias Marketing realizou o Plano de Marketing do Estado do Maranhão de 1999 a 2003, e a Marca Maranhão produzida não é a mesma que consta nesse folder de 2008, distribuído no Salão Nacional de Turismo, o qual reforça estereótipos da mulher brasileira e sua sensualidade como característica cultural. Isso demonstra a dificuldade de transformar um imaginário.

Referente a imagem de Brasil que emerge no Plano Aquarela, Patrícia Servilha, diretora da Chias Marketing no Brasil, em entrevista, destacou que a Marca Brasil, a partir do trabalho do Plano Aquarela, se baseou em opiniões dos turistas, do trade internacional e na opinião interna (como foi descrito anteriormente a partir do Plano). Destaca-se:

Essa era a visão do turista, de ver que o Brasil tem essa capacidade de miscigenação, que é diferente de outros países, porque você vai, por exemplo, em alguns lugares do Caribe você tem miscigenação, mas não tem mistura de raças, quer dizer, você não tem uma miscigenação, você tem uma quantidade de etnias grande, mas não é miscigenação, as pessoas raramente se misturam, diferente do Brasil, que hoje você tem uma população completamente miscigenada. A outra coisa é a questão da alegria, que foi pautada também pelo próprio turista. E a outra questão foi a questão da identidade, de apesar de ter toda essa mistura, essa miscigenação e essa coisa de uma população muito jovem, existir muito mais coisas que são só daqui, aspectos do dia a dia que são só daqui e não aspectos que foram herdados do seus ascendentes, claro que tudo foi herdado dos ascendentes, o nosso material genético, as nossas práticas ritualísticas, as nossas religiões, as festas populares, mas eles entendiam que isso aqui é diferente, e forma o que o turista descreve como brasilidade. (...) O Brasil que queremos ser. E qual é o Brasil que queremos ser? É o Brasil em que ser brasileiro é o maior atributo que o Brasil pode te dar, a um turista (...) O Brasil não quer ser um país exótico. O posicionamento exclui essa opção. Nós queremos ser um país moderno em que essa questão da miscigenação constrói o futuro.

O objetivo é construir uma imagem de Brasil que fuja do exótico e rume para a modernidade. No entanto a identidade nacional da miscigenação permanece porque é a principal característica apontada nas pesquisas, mas é reconstruída no Brasil moderno.

Com relação ao turismo étnico, que no Plano Aquarela havia sido definido como turismo exótico, Patrícia Servilha, aponta que é um produto, um segmento, mas não a imagem que o Brasil quer transmitir. Nesse turismo étnico inclui as comunidades indígenas, como mencionado no Plano Aquarela, e estão sendo incluídos novos produtos, como a visitação a Irmandade Afro-brasileira Nossa Senhora da Boa Morte, na Bahia, a qual já recebe um número grande de turistas. Nesse ponto percebe-se que o Brasil não quer ser multicultural, valorizando comunidades indígenas, comunidades negras. O Brasil ainda reconstrói uma identidade nacional da mestiçagem e esses grupos quando valorizam suas identidades, ao

invés de uma identidade nacional, são considerados exóticos. Em alguma medida a identidade do Brasil turístico passa a incorporar as identidades culturais, na medida em que são segmentados públicos consumidores e incorporados múltiplos produtos ligados a diversas identidades. No entanto, o discurso da identidade nacional ainda prevalece, e por reconstruir a mestiçagem, continua minimizando a diferença. Cita-se:

O nosso cuidado com a introdução desse tipo de prática é muito grande, se não a gente vai gerar também uma moda, uma exotização do país que a gente não quer. Eu não quero, a gente não quer que o Brasil seja promovido com esse ritual, essa prática da Nossa Senhora Boa Morte, porque essa não é a imagem que nós queremos promover do país, ainda que esse seja um produto que faz parte do nosso portfólio de produtos ligados a cultura.

A imagem que o país construiu historicamente no turismo foi relacionada com a miscigenação, onde o exótico se somava ao erótico para construir a Nação Brasileira, em torno do imaginário de paraíso de mulatas. Agora, a miscigenação que foi construída como o exótico da Nação está sendo reconstruída como o moderno da Nação. As manifestações da cultura negra que não foram nacionalizadas pela identidade nacional da mestiçagem (como a Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte, considerada um ícone de resistência pelo Movimento Negro) têm agora que ser minimizadas, ainda em nome do Nacional.

Se a erotização estava ligada com a exotização na imagem de paraíso de mulatas, agora a re-significação da mestiçagem carrega consigo a re-significação do erótico. No Brasil moderno não há espaço para o apelo sexual, mas o apelo sensual é entendido como diferente, pois é componente da identidade nacional mestiça. As mulheres estereotipadas como atrativo turístico não aparecem mais, como também apontou Janine Pires, mas a sensualidade como atratividade é característica do povo. O que emergiu com força foi o combate a exploração sexual infantil. Então, estereótipos sobre a mulher brasileira permanecem.

Com relação ao turismo sexual:

Os operadores que trabalham isso, e a própria EMBRATUR que trabalhou muito isso muitos anos, eu acho que é um momento de transição, se a gente for olhar um pouco a história do turismo, e certamente você pode me falar sobre isso melhor porque é seu objeto de estudo, um dos grandes segmentos que impulsionou um pouco isso, foi o turismo edenista, em que as pessoas saíam da sua puritana Londres e iam para lugares em que elas podiam ter práticas sociais que não eram adotadas ou permitidas na sua comunidade. Que não era uma coisa mal vista.

Eu acho que começou a mudar quando começou a ter denúncia de exploração sexual infantil por turistas. Aí eu acho que começou a mudar. Porque isso não é uma prática no Rio de Janeiro, por exemplo, apesar de ser

sido a imagem vendida mais estereotipada e continuar bastante, ainda, complicada, você não tem uma discussão e um mercado consumidor e de turismo internacional pra exploração sexual infantil, você tem de prostituição, então você tem aquele turista que vem para o Rio de Janeiro e sabe que existe prostituição e que frequentam as boates em Copacabana e que passam 15, 20 dias com uma prostituta. É diferente.

(...) a gente até diz não é nem turismo sexual infantil, é exploração sexual infantil feita por turistas, que não são só estrangeiros, tem brasileiros, e também a exploração sexual infantil feita pela própria família, pelos próprios empresários da região.

#### Referente à imagem da mulher brasileira:

Quando entramos pra fazer o Plano aí esse foi um objetivo colocado desde o início, de transformar essa imagem. Não tá explícito porque não é só transformar essa imagem, é transformar a imagem do Brasil de um país em desenvolvimento, acabar com a imagem de casa grande e senzala e mostrar um Brasil, e mostrar um país da EMBRAER, do petróleo, da juventude, das universidades, dos institutos de pesquisa, dos esportes, enfim, da construção de um novo modelo. Isso não tá explícito porque não interessa em termos de marketing, em nenhuma hipótese, chamar atenção para os pontos negativos.

Então não foi combater a imagem do Brasil como destino e tal. E quando a gente foi trabalhar o briefing da Marca Brasil tava que o Brasil é feito de curvas, inclusive as curvas da mulher brasileira, né? Quando o Niemayer descreve parte de seu trabalho, ele descreve algumas obras que ele buscou as formas, nas formas da mulher brasileira, isso não tem nada de ruim, não é ruim que a beleza seja objeto de admiração, é ruim quando a beleza é objeto de comércio e único, específico ou quando se torna um problema social. É gravíssimo no nordeste, é gravíssimo.

[A imagem] Ligada a sexualidade sim. Tem que ser combatido (...) O que não combate é da sensualidade. Que são coisas diferentes, né? Então a curva é uma coisa que remete a sensualidade, mas nunca a sexualidade (...) Não é o fato das pessoas admirarem as mulheres brasileiras ou os homens brasileiros. Eu até brinco, agora que a gente tá trabalhando pra Santa Catarina e eu brinco com eles. Eu digo, não, eu acho horrível o que vocês fazem, porque vocês só põem mulher bonita – vestida, arrumadinha, com biquíni grande, nada de pelada, mas se no Brasil a maior atributo é a brasilidade, o ser brasileiro e o povo, a comunicação não pode deixar de por as pessoas, aí eu brinco, vocês só põem as mulheres, não põem homem, tem tanto homem bonito, então a gente tem que ter muito cuidado pra também não querer ser o Canadá (...) Agora deixar de ser sensual e da Marca ter essa coisa da curva é impossível.

João Moreira, Presidente da Confederação Brasileira de Conventions & Visitors Bureaux, é líder do setor privado no que diz respeito a imagem e marketing turístico. Isso porque um conventions & visitors bureaux é uma organização que aglutina empresas de turismo de uma cidade ou localidade, sendo responsável, junto com o setor público local, por

divulgar e comercializar o destino turístico e também captar eventos para o destino. Os C&VB surgiram no mundo em 1896 e no Brasil em 1984. A Confederação Brasileira de Conventions & Visitors Bureaux , é uma rede que aglutina os diversos conventions brasileiros e surgiu em 2001. Em 2003, conforme o Presidente João Moreira, a CBC&VB foi chamada no Ministério do Turismo, recém criado, para fazer parcerias. João Moreira destacou que vários executivos da EMBRATUR trabalhavam antes em conventions. A CBC&VB passou a ser responsável pelas feiras internacionais com a EMBRATUR, participou das definições e conceituações do Plano Aquarela, participa do Conselho Nacional de Turismo e nele coordenou a Câmara Turismo Sustentável e Infância e a Câmara de Promoção.

Com relação à Marca Brasil, João Moreira apontou problemas de gestão da marca, que para ele deveria passar ao setor privado. No entanto, para o foco deste trabalho, é importante sua colocação de que a Marca representa bem os produtos turísticos brasileiros, a Marca corresponderia a uma essência do Brasil. Destaca-se essa percepção essencialista da identidade nacional.

Eu acho que ela consegue representar nossa marca, nosso design, nossa cultura. Todo conceito que foi definido pelo próprio Kiko Farkas, que é quem desenvolveu a marca, eu conheço o Kiko Farkas, eu acompanhei direto isso aí, o próprio briefing que foi dado sobre curvas, mostra toda nossa visão aí de Oscar Niemayer e tudo mais. Acho que nossa marca não é problema, o problema é a gestão da marca. É uma marca bonita e simpática e ela tem condições de representar o Brasil na sua essência. Inclusive aquilo que é o melhor do Brasil que é o brasileiro, segundo todo mundo fala.

Referente à imagem estereotipada da mulher e o turismo sexual, não convém separar esse trecho da entrevista, pois demonstra claramente que o objetivo do Plano Aquarela era combater a imagem estereotipada da mulher para combater a exploração sexual infantil e para diversificar o produto turístico brasileiro (como foi percebido também nas entrevistas anteriores), mas o imaginário de que as mulheres brasileiras são mais liberais, essa relação entre mulher brasileira e erótico (ou uma mais sutil sensualidade) permanece.

O Brasil não é visto como uma fonte de, como produto do turismo sexual. O bom, efetivamente, do Plano Aquarela é que ele tira o foco do futebol, que era nossa promoção, da mulher, ou era seio ou era nádega. A Marca fugiu disso, ela não podia representar isso. Ela tinha que representar um país moderno, um país equilibrado, um país democrático, com muitas religiões, muitos povos, muita gastronomia, muita arquitetura. Ou seja, esse assunto foi tratado, ou seja, não vamos trabalhar com sexualidade, não vamos trabalhar com mulher, vulgarmente era fugir do carnaval de bunda e peito, ponto. Com relação ao turismo sexual ele existe no mundo inteiro, e ele

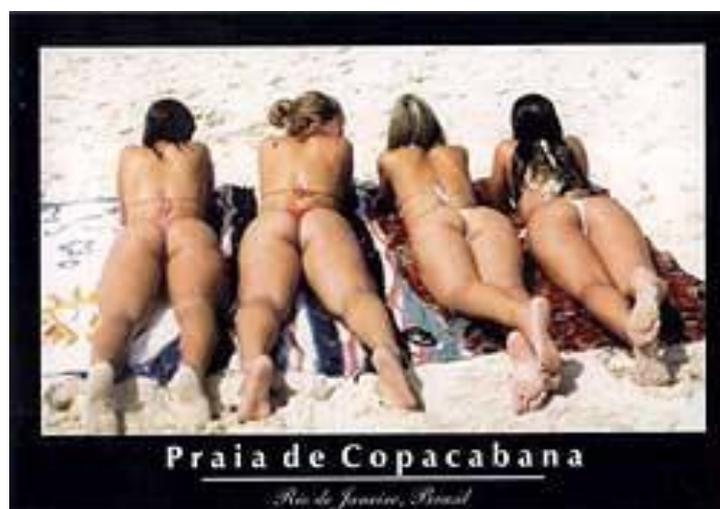
passa a ser problema pra nós principalmente nos países emissores, onde alguns agentes de viagem, alguns operadores começaram a vender isso pra cá, notadamente em Portugal, Espanha e Itália, em função do alto conservadorismo feminino desses países, ou seja, essas pessoas, as mulheres desses países não são tão liberais como as mulheres brasileiras. Então, o que acontece, não ano de 2004 e 2005 foram feitos alguns acordos com as polícias federais do Brasil e dos países parceiros, onde efetivamente foram cancelados muitos vôos chartes, principalmente da Itália onde vinha lotado de homens, Portugal lotado de homens, que os caras vinham pra cá pra fazer zoada, não nos interessa essa zoada. Então foram identificados os vôos, as operadoras, foram desestimulados. Porque isso é um turismo sexual que embutido tem o turismo sexual infantil que é o que nos preocupa. Agora o turismo sexual infantil não é só internacional. Nós temos exploração infantil comercial do Chuí ao Oiapoque, quer dizer onde tiver gente, foi usado o turismo porque o turismo é mais transparente, é mais envolvente em todas as áreas, mas onde tiver BR tem exploração (...) Nós fazemos o anti-marketing pra dizer o seguinte, nós estamos preocupados com isso, ou seja, não vai no Brasil achando que é tudo fácil que não tem, tem ministério preocupado, tem entidade preocupados, tem brasileiros, a política tá preocupada, a secretaria de direitos humanos tá preocupada, ou seja, existe uma preocupação. Mas, só com criança e adolescente, o turismo sexual é improvável, isso é milenar, é desde a existência, não se consegue, tem pessoas que gostam disso, entende?

O Brasil não quer mais ser exótico-erótico, quer ser uma potência emergente. Uma potência emergente deve proteger suas crianças e adolescentes da exploração sexual. Esses dois discursos que emergiram nas disputas discursivas (como analisado no capítulo 3) prevalecem no Plano Aquarela e na Marca Brasil.

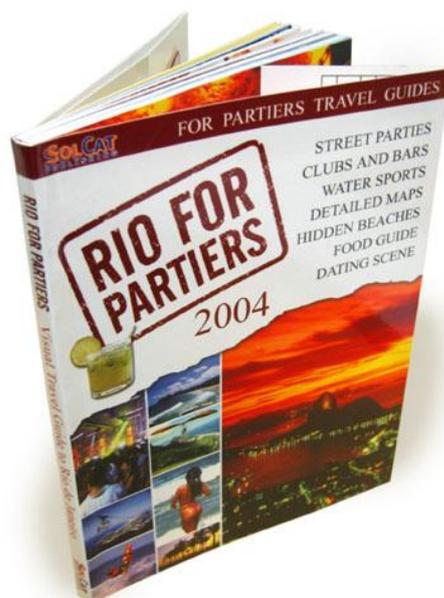
O movimento feminista conseguiu desnaturalizar a mercantilização do corpo da mulher na mídia e tornar isso condenável no turismo. Assim, a superação da imagem estereotipada da mulher brasileira é meta do Plano Aquarela. O turismo sexual de mulheres ainda não é condenável no turismo, talvez porque o próprio movimento feminista não tenha consenso sobre a prostituição.

O discurso de que a mulata no carnaval e a indígena em Parintins, dentro dos contextos, fazem parte da história do Brasil (Janine Pires e observações no Salão de Turismo), que a mulher brasileira significa suas curvas, sua beleza e sua sensualidade (Patrícia Servilha), e que a mulher brasileira é liberal (João Moreira), são reconstruções de identidades de raça, gênero e sexualidade que há muito permeiam o imaginário do Brasil mestiço. O discurso do movimento negro e de mulheres negras, de forte crítica a esses estereótipos, ainda não prevalece nas relações saber-poder.

Assim, o cartão postal da década de 1990 (abaixo), por exemplo, torna-se condenável e criminoso, nessa nova formação discursiva do turismo, na qual o movimento feminista teve uma vitória.



Nesse sentido destaca-se também o Guia Rio For Partier (Rio para festeiros), que está na 7ª edição, é da editora Solcat Publishing e divide as mulheres brasileiras em quatro tipos, entre eles as popuzudas, chamadas de máquinas do sexo<sup>39</sup>. Em janeiro de 2009, a pedido da EMBRATUR, a Advocacia Geral da União acionou a Justiça Federal do Rio de Janeiro para tirar o Guia de circulação, por incitar a exploração sexual, ferir a dignidade do povo brasileiro e usar sem autorização a Marca Brasil. A seguir foto do guia:



<sup>39</sup> Disponível em <http://solcat-editora.com/indice.html>

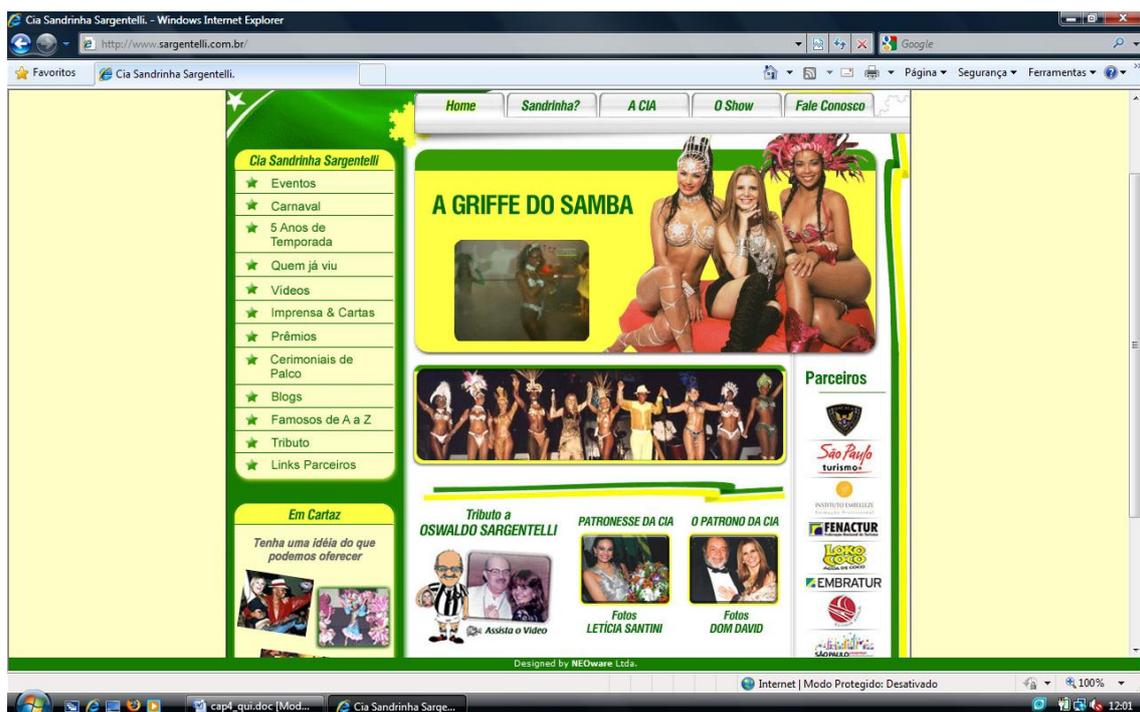
No entanto essa nova formação discursiva não é hegemônica. Isto porque, conforme reportagem da Folha de São Paulo<sup>40</sup>, o juiz da 21ª Vara Federal José Luis Castro Rodriguez indeferiu o pedido da Embratur de retirar imediatamente de circulação o guia Rio for Parties. A alegação do juiz foi que o Guia não utiliza na última edição a Marca Brasil e "a simples classificação da mulher - ou do homem - brasileiro em 'tipos', segundo critérios ligados, em tese, ao seu comportamento sexual, não implica, por si só, afronta aos princípios norteadores da Política Nacional de Turismo ou violação à dignidade da pessoa humana". Conforme a mesma reportagem um dos donos da editora se defende da seguinte forma: "Falar que aqui no Brasil tem uma popozuda, ou que tem a mulher de 30 anos ou o que for não é exploração sexual de forma alguma. Não sei quem interpretaria desse jeito, mas a Embratur interpretou e essa que vai ser a nossa defesa. Falar que existem mulheres que se vestem de jeito apelativo para chamar atenção não é turismo sexual, isso é a nossa cultura", disse Nogueira.

A cultura, ainda serve como recurso discursivo para a naturalização da erotização da mulher brasileira. Quanto mais se conseguir definir discursiva e performaticamente como cultura, menos condenável será a erotização na ordem discursiva hegemônica.

A formação discursiva da EMBRATUR, que condenou o cartão postal e o Guia Rio for Parties, apesar de ser nova por criticar a erotização da mulher brasileira, não é tão nova ao ser incorporada pela ordem discursiva hegemônica, que não condena a erotização quando construída como cultural. Ressalta-se que esse cultural é naturalizado, na medida em que essencializa as mulheres negras e indígenas em uma sexualidade erotizada como se fosse característica cultural. Aqui reconstrói-se a mesma ordem discursiva, sintetizada na figura da mulata. Assim, o Show da Cia. Sandrinha Sargentelli não é condenável, muito menos criminoso. Conforme Janine Pires, a Cia. não recebe apoio da EMBRATUR. No entanto, a Cia. não foi processada, com o Guia Rio-For-Partiers, por usar o logo da EMBRATUR em seu site, conforme imagem abaixo.

---

<sup>40</sup> Guia que chama cariocas de "máquinas de sexo" é liberado por juiz. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u598087.shtml>



Analisar-se-á, a seguir, os discursos e performances construídas no Show da Cia. Sandrinha Sargentelli.

#### 4.2 O SHOW DAS MULATA DA CIA. SANDRINHA SARGENTELLI

A Cia. Sandrinha Sargentelli estreou suas apresentações em 13 de maio (em função da data da abolição da escravatura) de 2003 e em 2009 completou 600 apresentações. O público, conforme Sandrinha em entrevista é composto de metade de estrangeiros e metade de brasileiros, a maioria empresários e executivos. Faz parte da micro-empresa S. Sargentelli Comunicações que foi criada em 1993 para assessorar juridicamente os shows de Oswaldo Sargentelli em São Paulo. Tem como meta “fomentar a cultura apresentando o folclore despojado de ritos religiosos, divulgando ritmos brasileiros em especial o samba com o apoteótico carnaval, através de espetáculo musical que dá continuidade a obra de Oswaldo Sargentelli (1923-2002). Promover a cidadania, valorizar a música exercendo sua responsabilidade social e contribuindo para o desenvolvimento do turismo”.<sup>41</sup> Conforme Press

<sup>41</sup> Disponível em [www.sargentelli.com.br](http://www.sargentelli.com.br)

Release disponível no site da Cia.: “Sandrinha Sargentelli dá continuidade a obra de Oswaldo Sargentelli (1993-2002) precursor do show de contemplação a mulata que rompeu os quatro continentes (...) A Embaixadora do Samba mescla arte e entretenimento, apresentando a música e a dança em todo seu esplendor. Genuinamente brasileiro o show abençoa a miscigenação”<sup>42</sup>.

A homenagem à Oswaldo Sargentelli é assim definida:

O Papa do Ziriguidum foi implacável em sua luta feroz contra um Brasil colonizado, contra as injustiças e preconceitos. Apaixonado por nossas raízes – especialmente pelo batuque do samba – raciocínio rápido e antropólogo prático, em seus shows que romperam fronteiras Oswaldo Sargentelli celebrou a mulata, estereótipo que povoa o imaginário, assim como Jorge Amado fez na literatura e Di Cavalcanti na pintura<sup>43</sup>.

Sandrinha Sargentelli já recebeu uma série de prêmios, entre eles o XXI Prêmio do Dia Internacional da Mulher (2008), na Assembléia Legislativa de São Paulo. No site encontram-se também cartas de autoridades desculpando-se por não compareceram a algum show que haviam sido especialmente convidadas e elogiando o trabalho. Destaca-se a Carta de Geraldo Alckimin, Governador do Estado de São Paulo, de 2003, justificando a ausência no Show de estréia da Cia. e cumprimentando a iniciativa: “Aproveitamos para enviar-lhe os cumprimentos do Senhor Governador pela iniciativa de continuar o trabalho de Oswaldo Sargentelli, reconhecidamente um grande conhecedor e incentivador da cultura brasileira, notadamente da arte, música e dança negra”.

A Cia. tem como parceiros a São Paulo Turismo, São Paulo Convention & Visitors Bureaux, a Academia Brasileira de Arte, Cultura e História, a Associação Brasileira de Indústrias de Hotéis, Centro de Integração Cultural e Empresarial de São Paulo, entre outros.

A Cia. oferece vários formatos de shows, com diversos quadros. Abaixo fotos de alguns quadros, com a legenda, conforme o site<sup>44</sup>:

---

<sup>42</sup> Idem

<sup>43</sup> Idem

<sup>44</sup> Idem



Solo (7 bailarinas)



Desfile mega fantasia luxo



Brasileirinho (2 bailarinas)



Índio (5 bailarinas e 1 bailarino)



Solo Percussão (interativo)



Mulata Assanhada (6 bailarinas, interativo)



Canta Brasil (5 bailarinas e 1 bailarino)



Apoteótico Carnaval (todo o elenco, super interativo)



Colombina (2 bailarinas)

#### 4.2.1 Identidade Nacional, Mulher Brasileira e Turismo Sexual

No dia 11 de abril, realizei pesquisa de campo no Show da Cia. Sandrinha Sargentelli, o relato das observações e entrevista serão analisados a seguir, conforme as mesmas categorias que serviram de base para as reflexões sobre o Plano Aquarela: identidade nacional, mulher brasileira e turismo sexual. Abaixo o ingresso do show.

Cia. **SANDRINHA SARGENTELLI**  
www.sargentelli.com.br

Embaixadora do Samba e  
Academia Brasileira de Arte Cultura e História

**Festejam a Páscoa Promovendo badalado sábado de azeite**

Abertura - Coletiva de Arte "Alegria, Alegria Brasil" 20H30  
**11** Solenidade Outorga Diploma Personalidade 21H  
**ABRIL** Pocket Show Cia.Sandrinha Sargentelli 22H

Couvert R\$60,00  
Reservas (11) 3742-2810  
Informações (11) 5504-1631

Av. Morumbi 5594 - São Paulo - SP  
**VISITE** www.casadafazenda.com.br  
 www.sargentelli.com.br

O show foi realizado na Casa da Fazenda Morumbi, restaurante e espaço cultural, que cedia a Academia Brasileira de Arte, Cultura e História - ABACH (um dos parceiros da Cia. Sandrinha Sargentelli), a qual teve como um de seus fundadores Dante de Laytano, intelectual gaúcho que inspirado em Gilberto Freyre contribuiu na construção da identidade nacional em torno da mestiçagem harmônica (como analisado no capítulo 2). O local, no Bairro Morumbi, é bastante requintado e frequentado pela elite paulistana, turistas e executivos de passagem.

No evento de 11 de abril, antes do Show da Cia. Sandrinha Sargentelli, ocorreu a entrega de Diplomas "Alegria Alegria Brasil" a personalidades. Os Diplomas foram homenagens da ABACH a profissionais de destaque: empresários, arquitetos, artistas, jornalistas, advogados, estilistas. Foram em torno de 30 homenageados – todos brancos.

Havia cerca de 150 pessoas, muitos familiares dos homenageados. Havia apenas uma negra, entre as 150 pessoas, a qual veio acompanhando a mãe de uma bailarina (a única branca), que faz parte da Cia há cinco anos, e essa foi a primeira vez que elas assistiam ao show. Havia muitos órgãos da imprensa: jornais escritos, rádios, canais de televisão por assinatura, TV Record, sites de internet. Sandrinha recepcionou a todos com muita simpatia.

Começa o evento com a exaltação do nacionalismo. Inicia-se com o Hino Nacional Brasileiro. Em seguida uma saudação do Diretor da ABACH Michel Chelala. E uma

homenagem a Oswaldo Sargentelli do jornalista e hoteleiro Edgard Maluf, que entrega o diploma Alegria Alegria para Sandrinha Sargentelli. Os demais diplomas começam a ser entregues por Sadrinha Sargentelli (que nesse momento veste uma pequena toga). Após a entrega dos diplomas, e chama Sandrinha para começar o Show.

O Show inicia com a entrada da Banda e de Sandrinha Sargentelli com a já tradicional frase de apresentação do show<sup>45</sup>: “É samba, é alegria, são mulatas nota mil”.

Na versão Pocket apresentada nesse evento – a versão mais apresentada, conforme Sandrinha, em entrevista – uma a uma são chamadas as mulatas para seus solos de samba interativos, também tem um solo da colombina (feito pela bailarina branca), um solo de percussão, um solo do Rei Momo e no final o quadro Apoteótico Carnaval onde todos os artistas dançam e chamam o público para dançar.

As mulatas são chamadas uma a uma por Sandrinha com frases como: “Abençoada miscigenação. Salve o Brasil brasileiro. Vamos agora acompanhar o telecoteco, o ziriguidum, o borogodó, o balocobado, sem escatiripapo”; “A mulata nasceu para ser admirada e acima de tudo respeitada. Vamos agora chamar a morena do anoitecer”; “Ela, que é da cor do pecado”; “Cintura fina, coxinha grossa, sorriso no rosto e samba no pé”; “Tudo isso, é uma só”; “Afrouxem os nós das gravatas”; “Essa negra é de tirar o fôlego”.

Cada uma faz sua performance com uma música específica e Sandrinha convida pessoas da platéia para dançar com elas, como algumas fotos abaixo, que fazem parte do diário de campo da pesquisa:

---

<sup>45</sup> Alguns vídeos de shows estão disponíveis no site [www.youtube.com](http://www.youtube.com)



Fotografia 1



Fotografia 2



Fotografia 3



Fotografia 4



Fotografia 5

Em entrevista, Sandrinha define a mulata, entre identidade nacional e mulher brasileira:

Aos meus olhos ela é um estereótipo, que com certeza povoa o nosso imaginário, ela se tornou o símbolo da mulher brasileira, claro pela mistura das raças, e por toda a energia positiva que tem, uma beleza plástica sem fim e com certeza um talento extraordinário, principalmente no que diz respeito ao samba. Eu penso que 90% das mulatas são musicais, já nascem sambando.

Com relação a importância de Oswaldo Sargentelli e o imaginário da mulata: “Dizia ele que em terra de cego quem tem um olho é rei porque ele transformou isso num trabalho, a fim mesmo de divulgar o Brasil e tudo que nós temos de folclore, tudo que nós temos de bonito”.

Não há como analisar separadamente identidade nacional e mulher brasileira, pois estas duas categorias estão fundidas na construção da mulata da Cia. Sargentelli. É exatamente essa fusão performática e discursiva que se consolida no Show das Mulatas, agora, ainda, através da disciplinarização e da espetacularização. A disciplinarização não é aqui entendida como repressão, mas como produção controlada. O Brasil é produzido como mestiço, a mestiçagem é produzida como alegria, beleza, ritmo e sensualidade da mulher, a mulata é produzida como uma síntese racial, de gênero e de sexualidade. A produção dessa síntese é agora controlada pelo outro (empresários do turismo e mídia) que disciplinam e espetacularizam essa identidade em reconstrução.

A construção da mulata se tornou cada vez mais disciplinada. Quem define o que é ser mulata? Ser mulata é uma construção discursiva e performática que remonta o século XIX. No século XXI o “ser mulata” está consolidado no imaginário social, como raça, gênero e sexualidade, e se torna profissão, num processo de disciplinarização e espetacularização, onde alguns tem o poder de definir o que é uma boa mulata.

Na transformação da mulata em profissão, como analisou Giacomini (2006) citada no capítulo 2, as “mulatas” sofrem o dilema de suas próprias definições. Querem se distanciar das prostitutas e se aproximar das dançarinas. Mas percebem que a possibilidade que se abre é de mulata, ou seja, o “ser mulata” é uma oportunidade de trabalho e ao mesmo tempo é uma restrição de outros trabalhos. Isso pode ser observado nos quadros da Cia. Sandrinha Sargentelli que não são de mulatas, os quais são realizados por dançarinas brancas. As mulatas só podem ser mulatas, não são simplesmente dançarinas de samba, como as brancas, que no caso da Cia. Sandrinha Sargentelli, dançam o solo de mulatas e os quadros como

colombina e brasileirinho (ambos com sapatilhas de ponta e fantasias inspiradas no balé clássico).

Nessa disciplinarização, destaca-se a domesticação e produção de corpos. Não posso deixar de ressaltar as observações de meu diário de campo referente a uma conversa que ouvi de duas dançarinas<sup>46</sup> sobre os quilos a mais de uma outra. Em outro momento ouvi a conversa de uma “mulata” com Sandrinha sobre seu afastamento para a realização da cirurgia de lipoaspiração.

Nesse processo de disciplinarização e espetacularização, Sandrinha se apresenta como chefe do espetáculo, como líder, diretora da Cia. Vale ressaltar um trecho da entrevista de Sandrinha à Colunista da Revista Look, Eli Halfoun<sup>47</sup>:

Para ser uma mulata da Cia.Sandrinha Sargentelli, além de ter o samba no pé, tem que ter formação clássica porque o show é rigorosamente coreografado. Fazemos 2 audições por ano, em novembro e em abril. Priorizo bailarinas entre 18 e 25 anos, estatura mediana, a palavra de ordem é disciplina, dentro e fora de cena. A sensualidade é característica da brasileira, o sorriso colado ao rosto faz a diferença especialmente nos quadros interativos. E, tem que ter “coxinha grossa, bumbum redondo, cinturinha fina, peitinhos em pé e ser cheirosa...” – como o mestre costumava defini-las.

A disciplinarização é o que transforma a mulata em profissão, e nessa profissionalização o espaço é demarcado na diferença da prostituição. Com a emergência da condenação ao turismo sexual, o show das mulatas buscou se diferenciar da prostituição. Cita-se:

É um grande desafio dar continuidade a obra dele, porque a gente pode dizer que foi uma perene obra, ele mostrando a mulher brasileira que seria o lado da sensualidade, mas respeitando o Brasil porque os shows eram altamente coreografas, ele era um homem que tirava a menina simples, quase que ainda adolescente do morro, muitas vezes da favela, de casas humilde, ele virava quase que um pai de todas elas, não permitindo que as pessoas tivessem acesso, então a menina podia se deslumbrar

A maneira como elas entram e saem de cena mostram que são meninas de berço, de família, com classe, com postura.

---

<sup>46</sup> Destaca-se que pude perceber, em conversas que tive na pesquisa de campo com as “as mulatas” da Cia. Sandrinha Sargentelli, que elas se identificam como dançarinas, como uma profissão, para algumas inclusive profissão temporária, pois ressaltaram que estão fazendo faculdade. Fizeram questão de ressaltar também que tem namorado ou são casadas. Certamente poderia ser feito um estudo sobre as múltiplas formas que “as mulatas” agenciam e reconstróem essa identidade. No entanto, nessa dissertação o foco é a construção discursiva e performática “da mulata”, historicamente e atualmente pelo turismo.

<sup>47</sup> Disponível em [www.sargentelli.com.br](http://www.sargentelli.com.br)

Meu tio foi crucificado e massacrado em reportagens e até veículos de opinião mesmo que mexe com o país, nacional, agora a proposta nossa desde a estréia foi sempre convidar os amigos, trazendo as várias gerações, crianças, e a terceira idade, e sempre que eu vejo ou um senhor ou uma criança em cena eu faço questão de homenageá-los

O turismo de prostituição também é uma questão importante que você falou. É minoria, mas existe a menina que se vale do palco e entre aspas de um show pra vender a sua imagem e depois ter um segundo suposto, se é que se pode chamar, de trabalho. Existe. E nas escolas de samba, eu penso que seja minoria, mas existe, não posso dizer que não. Eu acho isso lamentável, é triste, é doído. Agora conosco isso não acontece.

A partir dessa demarcação da diferença entre o Show de Mulatas e a prostituição, pode-se perceber que o discurso de combate ao turismo sexual fez emergir o turismo sexual como uma coisa condenável. Já o imaginário da mulata como símbolo da brasilidade mestiça, racial e sexual permanece. O movimento de mulheres negras, em interface com o movimento feminista e negro, em sua crítica ao imaginário da mulata, continua a sofrer a tentativa de silenciamento. O movimento feminista fez emergir a crítica a mercantilização do corpo da mulher, na medida em que o show de mulatas precisa constantemente se reforçar como cultura – como pode ser percebido no trecho da entrevista em que Sandrinha responde a pergunta sobre os movimentos que a criticam e criticaram seu tio Oswaldo Sargentelli:

Sim existe o azedume. A mulher bonita, o azedume diz que se expõe. Essas pessoas nunca irão morrer e nós não podemos dar atenção a tal barbárie. O Oswaldo Sargentelli simboliza a cultura, ele rompeu os continentes divulgando o samba, divulgando as raízes, colocando e trazendo o símbolo da beleza da mulher brasileira inclusive como uma negra. Expô-las em hipótese alguma.

Bacana é a gente falar é a mulher brasileira, é a mulata, claro, mas muito e sempre, invariavelmente aliado a cultura.

O Procurador Sérgio Bretas, o qual aparece nas fotos do diário de campo anteriormente apresentadas (fotos 3 e 4) dançando com uma das mulatas no show, vestido “de malandro carioca” especialmente para o show, comentou em uma conversa comigo que por apoiar o Show da Sargentelli e ser fotografado e aparecer na imprensa<sup>48</sup>, muitos procuradores o criticam. Para ele as pessoas que o criticam são preconceituosas contra a cultura negra. Pode-se perceber que para ele essa sensualidade da mulata é totalmente naturalizada, ele acredita que as mulatas são aquilo que o show mostra, então, quem critica o show é porque

---

<sup>48</sup> Como na Revista São Paulo em destaque, Março e Abril de 2009, nº 64, Ano VI.

tem preconceito contra as mulatas. Ele acrescenta que por valorizar a cultura brasileira o Show da Sandrinha deveria ter mais apoio do Governo, menciona que assim como o Governo Vargas apoiou Carmem Miranda o Lula deveria apoiar Sandrinha Sargentelli. Nesse ponto destaca-se o texto que Sérgio Bretas publicou na Coluna Destaque da Revista São Paulo em Destaque (2008), intitulado de Carmem Miranda a Sandrinha Sargentelli. Cita-se um trecho: “Carmem lá, Sandrinha cá! Na figura da mulata, bendita miscigenação (...) A alma da raça entra em cena tirando a respiração: o corpo moreno modelando-se no ritmo que contagia e o sorriso que não tem explicação”<sup>49</sup>.

Cabe ressaltar que a profissão de mulata e de Mulatólogo não se restringem a Cia. Sandrinha Sargentelli. A seguir destacam-se alguns outros Shows de Mulatas.

Mário Show<sup>50</sup> é dirigido e apresentado pelo humorista Mário Rodrigues, sediado no Rio de Janeiro, e foi criado em 1994. No site também encontra-se o logo da EMBRATUR, além da RIOTUR e da ABAV (Associação Brasileira dos Agentes de Viagem). Na descrição do show no site “As mais bonitas mulatas do Brasil, com corpos esculturais que se assemelham aos morros do Rio de Janeiro. Além da simpatia, beleza, sensualidade, elas tem também o charme da mulher, brasileira”. Abaixo um foto, disponível no site, do denominado Show Convencional Turismo.



---

<sup>49</sup> BRETAS, Sérgio. De Carmen Miranda à Sandrinha Srgentelli. Revista São Paulo em Destaque, dezembro 2008, nº 60, Ano IV

<sup>50</sup> Disponível em [www.marioshow.com.br](http://www.marioshow.com.br)

O Show “A Morena do Brasil”<sup>51</sup> é realizado no Espaço Morena em São Paulo. A descrição do site sobre o show: “A Morena do Brasil é um grande espetáculo de Carnaval, potencializando a cultura brasileira em um "mix" de interatividade. Músicos de escolas de samba, mulatas, capoeira, maculelê, entre outros”. A seguir uma fotografia disponível no site:



O Show da Agência Well Brasil<sup>52</sup>, é apresentado da seguinte maneira:

O Show de Carnaval da Well Brasil tornou-se febre em grandes eventos e formaturas, pela forma diferenciada que o Mulatólogo (descobridor de musas) Júlio César vem atuando no mercado, levando qualidade, arte, cultura e entretenimento de forma correta e segura. Forma que o consogrou como o grande mulatólogo do país, sendo protagonista da série especial de carnaval da Rede Globo em 2008, onde mostrou que veio para ficar.

Destaca-se a demarcação da seriedade do show, a qual é construída na valorização do aspecto cultural em oposição a outras danças que teriam apenas o apelo sexual. Cita-se um trecho da entrevista do Mulatólogo sobre a “Mulher Melancia” e a dança de funk “Créu”<sup>53</sup>:

Trabalho levando cultura brasileira até os grandes eventos e acontecimentos e logo após o aparecimento da Mulher Melancia está sendo difícil o cliente

<sup>51</sup> Disponível em <http://www.amorenadobrasil.com.br/>

<sup>52</sup> Disponível em <http://www.wellbrasil.com.br/>

<sup>53</sup> Mulatólogo diz: Mulher Melancia está denegrindo a imagem do Brasil e da Mulher Brasileira. Disponível em: <http://www.cabecadecua.com/noticias/26484/mulatoologo-mulher-melancia-esta-denegrindo-a-imagem-do-brasil-e-da-mulher-brasileira.html>

entender que ela é uma coisa e as dançarinas de outras modalidades outra. Infelizmente, isto está influenciando de modo negativo a imagem do país e das dançarinas de outros seguimentos culturais que estão sendo julgadas pelo apelo ridículo da dança do Créu.

A seguir uma imagem do Show da Well Brasil, disponível na página da internet:



O profissionalismo do mulatólogo Júlio César é demarcado na ênfase do aspecto cultural, assim como em Sandrinha Sargentelli. O apelo erótico do show é construído como característica cultural do Brasil. Essa cultura brasileira é harmonicamente e alegremente mestiça, sexual e racialmente. Esse cultural é naturalizado, essencializado. O símbolo dessa cultura brasileira é a mulata e sua sensualidade. A mulata é naturalizada, cristalizada, essencializada – apesar das disputas discursivas que tentam desnaturalizar e criar outras possibilidades de ser mulher negra brasileira.

## CONSIDERAÇÃO FINAIS

Ao longo da dissertação buscou-se analisar o imaginário social do Brasil como paraíso de mulatas, como uma construção discursiva, performativa e em disputa, que articula construções e disputas em torno da identidade nacional, racial, de gênero e sexualidade e, muitas vezes se configura como violência contra as mulheres. Foi dada ênfase ao turismo com um espaço (ainda pouco estudado) dessa construção.

A violência contra as mulheres no plano simbólico talvez seja a de mais difícil compreensão e enfrentamento<sup>54</sup>. Muitas vezes ela é anterior, e estrutura, outras formas de violência contra as mulheres. Constitui-se em discursos, performances e imaginários que estruturam as desigualdades de gênero, os preconceitos, as identidades e papéis que aprisionam. Nesse estudo procurei analisar como o imaginário da mulata sensual foi construído e é reconstruído em discursos e performances – refletindo sobre como ele aprisiona as mulheres negras (que tem seus discursos de reivindicação de outra identidade silenciados), como ele condiciona papéis sociais (na medida em que as mulheres negras correspondem aos maiores números na prostituição, a maior exclusão do mercado de trabalho, quando dançarinas são mulatas profissionais), e como ele resulta em outra violência que é o turismo sexual.

Os imaginários sociais não são ideologias que devem ser combatidas em função do desvelamento da verdade, não são crenças nas quais um sujeito escolhe acreditar, são constitutivos da sociedade e dos indivíduos, vivemos num mundo de imaginários. Ao aproximar as reflexões sobre imaginário (Gastal, 2003, 2005) das reflexões sobre o saber e as relações de poder (Foucault, 1986, 2004; Said, 2007), percebemos que esses imaginários, nos quais vivemos, são construídos, estão imersos em disputas, e se tornam hegemônicos em relações de poder. Os imaginários fazem parte das construções e reconstruções, discursivas e performativas, de identidades e papéis sociais que aprisionam (Butler, 2008; Fanon, 1983; Hall, 2003, 2005). Essa construção de imaginários sociais se dá em disputas discursivas e

---

<sup>54</sup> Destaco o meu artigo intitulado “Desconstruir saberes machistas e enfrentar as relações de poder patriarcal” que ficou entre os 10 melhores artigos do Concurso Desafíos Feministas en América Latina e por isso foi publicado no livro: COTIDIANO MUJER; ARTICULACIÓN FEMINISTA MARCOSUL; FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A MULHER/UNIFEM. Desafíos Feministas en América Latina: La mirada de las jóvenes. Montivideo: Imprenta Rojo, 2009. Disponível em [www.cotidianomujer.org.uy](http://www.cotidianomujer.org.uy)

performativas, as quais permitem compreender as relações de poder que estão coladas na produção de saberes, na medida em que é um jogo de forças que faz emergir verdades e consolidar imaginários.

Os estudos feministas (Scott, 1992; Pateman, 1993) há muito tem demonstrado como imaginários da mulher como frágil, dócil, emocional, maternal, produzidos por discursos médicos, religiosos, intelectuais, políticos e (hoje em dia, também) midiáticos, constroem identidade de gênero e papéis sociais hierarquizados (de esposa, mãe, dona de casa). Essa construção não é uma ideologia que precisa ser desvelada para mostrar o que a mulher realmente é, mas uma construção de imaginários sociais que aprisionam as mulheres e limitam as possibilidades do que ser mulher pode ser. Nesse aspecto evidencia-se a violência no plano simbólico. Essa violência é evidenciada quando discursiva e performaticamente o feminismo tenta construir outros imaginários do que é ser mulher, propondo outros papéis, outras possibilidades, e seus discursos e performances são negligenciados, silenciados, desqualificados. Nessas disputas discursivas é possível perceber as relações de saber-poder.

Seguindo a mesma linha de reflexão, esta dissertação buscou demonstrar a construção do imaginário em torno da mulata, que articula construções da identidade nacional brasileira, construções de gênero, de raça e sexualidade. A mulata construída como síntese da miscigenação sexual e racial, é erótica, disponível, alegre, cheia de ginga – o que remete a uma identidade de gênero (ser disponível ao homem branco), de sexualidade (hipererotizada), de raça (ser mulata é raça, uma raça única, uma mistura de raças que a determina suas características de alegria e corpo gingado). Essa produção da mulata é feita discursiva e performaticamente por literatos, intelectuais, artistas, mídia e turismo. No turismo, a mulata “que já é”, “deve ser” passando essa construção por um processo de disciplinarização que produz a mulata profissional e de espetacularização da mulata. O aprisionamento do que é ser mulata é questionado pelo movimento de mulheres negras (em interface com o movimento negro e movimento feminista) que demonstra as múltiplas possibilidades de ser mulher negra, explodindo inclusive o ser mulata. Mas esse imaginário é muito forte, na medida em que é construído e reconstruído em relações de poder patriarcal e do biopoder. Ou seja, esse imaginário reproduz posições desiguais entre homens e mulheres, brancos e negros, onde a mulher negra é quem sofre a maior violência. Essa violência que é aqui abordada no plano simbólico, na determinação de uma identidade e de um papel para a mulher negra, que a

inferioriza e a aprisiona, se reproduz também na violência da exploração sexual, no mercado de trabalho, no acesso a saúde, como têm denunciado os movimentos sociais.

A construção histórica desse imaginário de mulata foi analisada no capítulo dois. As tentativas de desconstrução desse imaginário foram analisadas no capítulo três. Não foi realizada uma história cronológica desses discursos, mas sim uma arque-genealogia, inspirada em Foucault, na medida em que os capítulos foram separados pelo jogo de forças aos quais os discursos analisados pertencem. O objetivo era analisar as relações de saber-poder que constroem a mulata. Assim, no capítulo dois foram analisados discursos do início do século XIX ao final do século XX, os quais compuseram o arquivo sobre a mulata erótica e disponível; no capítulo três foram analisados discursos do início do século XX e XXI, os quais estão em disputa discursiva com o discurso hegemônico. Destaca-se que esses discursos foram analisados diretamente como fontes, como material empírico, e também a partir de bibliografia especializada.

Mais especificamente, no capítulo 2 foram analisados discursos literários (José de Alencar, 1857; Aluísio de Azevedo, 1881; Jorge Amado, 1958) intelectuais (Affonso Cláudio, 1914; Dante de Laytano, 1936, 1937, 1959; Gilberto Freyre, 1933) e artísticos (Di Cavalcanti) que reeditaram o imaginário de paraíso e de erotização da nativa, centrando-se agora na produção da mulata e na construção da mestiçagem como identidade nacional. E por fim, os discursos ao mesmo tempo turísticos e midiáticos (marketing da EMBRATUR, espetáculos turísticos) que consolidaram o imaginário de paraíso de mulatas, paraíso de natureza exuberante no qual as mulatas são as evas pecadoras sínteses da mestiçagem racial e sexual do povo que habita esse paraíso, o qual está esperando os turistas. Assim, um imaginário de mulher brasileira se funde com um imaginário de nação brasileira para tornar o Brasil um produto turístico, que acaba por se relacionar com o turismo sexual.

No capítulo três foram analisados discursos que disputam esses três imaginários de forma conjunta ou isoladamente: identidade nacional, mulher brasileira, turismo sexual. O movimento negro (imprensa negra do início do século XX, documentos de conferências e ações políticas atuais) buscando afirmação da identidade negra e denúncia do racismo, contra o discurso da identidade nacional de um país harmonicamente mestiço. O movimento feminista buscando a valorização e participação da mulher, contra um discurso que transforma a mulher em objeto sexual (documentos de conferências, ações políticas). O movimento de mulheres negras, na interface entre o movimento negro e feminista, busca desconstruir o

imaginário da mulata erótica, na crítica ao discurso da mestiçagem harmônica e na crítica do discurso que constrói a mulher como objeto sexual (documentos de conferências, ações políticas). Nessa relação, o movimento de mulheres negras e o feminismo fazem a crítica ao turismo sexual. Entidades do terceiro setor envolvidas com a proteção de crianças e adolescentes e entidades do turismo constroem a crítica a exploração sexual infantil (documentos de conferências), também artistas e cineastas. A reorientação na Política Externa pode ser analisada também nas disputas discursivas (discursos de diplomatas e documentos), pois o Brasil que quer ser potência emergente, não quer mais ser paraíso de mulatas para os europeus.

No capítulo quatro analisou-se discursos turísticos atuais para compreender, diante dessas disputas discursivas, quais e como os imaginários estão sendo reconstruídos e desconstruídos em relações de poder. Para isso foi recortado como objeto empírico o Plano Aquarela, política nacional atual de marketing turístico do Ministério do Turismo e o Show de Mulatas da Cia. Sandrinha Sargentelli. O enfoque da análise é a reconstrução ou desconstrução do imaginário da mulata. A análise se deu a partir das categorias de análise identidade nacional, mulher brasileira, turismo sexual, as quais haviam emergido e sido alvo de disputas ao longo da construção e desconstrução do Brasil como paraíso de mulatas (como percebido através dos capítulos dois e três). Desta análise é possível destacar algumas considerações.

Vender a mulher erotizada como atrativo turístico era natural até recentemente (como síntese, retoma-se a revista oficial de divulgação do Brasil, da EMBRATUR, de 1973, cuja manchete é ‘Mulher a maior atração’, página 53). Atualmente, a mulher não é mais considerada atrativo turístico, nem no Plano Aquarela, nem no Show das Mulatas. A mulher como atrativo turístico passou de natural para condenável. Essa é uma mudança importante nas relações de saber-poder, provocada pelas lutas do movimento feminista contra a mercantilização/ a exploração do corpo da mulher na mídia.

No entanto, se a sexualidade da mulher brasileira não pode mais ser atrativo turístico, a sensualidade da mulher brasileira pode, ainda, compor a atratividade do Brasil. Ou seja, não aparecem mais mulheres semi-nuas em propagandas turísticas, como ícones, como atrativos. Mas o imaginário das curvas e da sensualidade natural da mulher brasileira permanece no Plano Aquarela e na Marca Brasil. Um destino turístico não é só os ícones, os atrativos, mas também a áurea, a atratividade. Não é mais possível vender a mulher como atrativo turístico.

Mas, considerar que a mulher brasileira tem uma sensualidade natural e considerar que essa sensualidade é um componente da atratividade do Brasil, ainda é possível. Isso ressalta a dificuldade de combater a violência no plano simbólico, de desconstruir estereótipos, já que eles fazem parte das estratégias do poder patriarcal, heterossexual e do biopoder.

Ainda, quando se trata da sensualidade da mulher negra é ainda mais possível considerá-la natural e componente da brasilidade. Isso porque, nos discursos analisados, a sensualidade da mulher negra se soma a mestiçagem para compor a atratividade do Brasil que é “o povo brasileiro”. Assim, a sensualidade da mulher negra pode ser considerada como um aspecto cultural por esses discursos, e pode continuar sendo vendida no turismo – como nos Shows de Mulatas, que não são condenados pelos agentes da EMBRATUR quando estão no contexto cultural. A sensualidade da mulher indígena também é construída como cultura e pode fazer parte da atratividade, como no folder do Maranhão (pagina 97). O movimento de mulheres negras é silenciado em suas críticas a esse imaginário da mulata, o qual naturaliza uma hiper-erotização com a retórica de traço cultural. Isso porque o imaginário da mulata é a síntese construída na articulação do poder patriarcal, racial e heterossexual. Assim, o movimento de mulheres negras enfrenta uma combinação de relações de poder que dificultam a emergência de outros discursos e outras possibilidades para as mulheres negras. Então, continua sendo possível, atualmente, vender a mulata, não mais como atrativo turístico, mas como atratividade do Brasil em sua sensualidade e brasilidade mestiça.

A mestiçagem continua a ser exaltada como marco da identidade nacional. No entanto, a mulata não é mais o foco do marketing turística. A mulata como símbolo da brasilidade mestiça pode continuar compondo o imaginário de Brasil em um contexto cultural. Assim, percebe-se que a mulata não é mais o foco, não porque haja a percepção que é um estereótipo que aprisiona as mulheres negras e deve ser combatido, mas sim porque a mulata foi construída em relação ao exótico e o Brasil não quer mais ser exótico. Aqui o discurso que emerge é o do Brasil como potência emergente, que acaba contribuindo na desconstrução do Brasil como paraíso de mulatas. Mas a mestiçagem é reconstruída como característica do Brasil que se vê e se divulga moderno. Os destinos turísticos de cultura negra podem compor o portfólio de produtos culturais, mas não podem compor a identidade do Brasil no Turismo, que não pode ser a identidade multicultural, deve ser a identidade nacional da mestiçagem. No discurso turístico o Brasil segue afirmando sua população única mestiça, na qual não existe racismo. As críticas do movimento negro a esse imaginário de mestiçagem harmônica, as

demandas por afirmação da cultura negra e por inclusão dos negros, são silenciadas na reconstrução do Brasil mestiço.

O turismo edenista, a vinda de europeus em busca de sexo no Brasil, era considerado natural. Atualmente, o turismo sexual com mulheres adultas, não é totalmente condenável. Mas envolvendo crianças e adolescente é totalmente condenável. Isso é resultado das relações saber-poder, nas quais os movimentos de combate ao turismo sexual conseguiram fazer emergir a crítica a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes no turismo. Já o movimento feminista não conseguiu fazer emergir a crítica ao turismo sexual, quando envolve mulheres e prostituição, pelas próprias dimensões do poder patriarcal o qual sustenta a naturalização da prostituição e pelas divergências internas no movimento de mulheres com relação a prostituição.

Portanto, foi possível perceber que os movimentos sociais estão conseguindo fazer emergir críticas a valores e a estereótipos antes naturalizados, alterando padrões culturais (como a mercantilização do corpo da mulher na mídia e como a exploração sexual), tencionando as relações de poder. No entanto, o imaginário da mulata hiper-erotizada – por articular relações de poder patriarcal, biopoder, racismo e heteronormatividade – ainda é naturalizado, ainda compõe a ordem discursiva hegemônica e se constitui em violência no plano simbólico, na medida em que excluí outras possibilidades de definição identitária reivindicadas pelos movimentos de mulheres negras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Walmira; FRAGA\_FILHO Walter. Cultura Negra e Cultura Nacional: carnaval, samba, capoeira e candomblé. In: **Uma História do Negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: Editora Ática, 1974.
- ALEXANDER, Jeffrey. O Novo Movimento Teórico. In: **RBCS**, n.4, vol. 2 jun. 1987
- ALFONSO, Louise. **EMBRATUR**: formadora de imagens da nação brasileira. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia / IFCH / UNICAMP. 2006
- ALMEIDA, Suely. Essa violência mal-dita. In: ALMEIDA, Suely (org). **Violência de gênero e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007.
- AMARAL, Sérgio. Uma política externa para o século XXI. In: DUPAS, G., LAFER, C.; SILVA, C. (orgs). **A Nova Configuração Mundial do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- ANJOS, José Carlos dos. Sexualidade juvenil de classes populares em cabo verde: os caminhos para a prostituição de jovens urbanas pobres. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, 2005. p .163 – 177.
- AOUN, Sabah. **A procura do paraíso no universo do turismo**. Campinas, SP: Papirus,2001.
- BADARÓ, Ana Maria; LEONAM, Carlos. Cariocas (quase sempre). **Revista Carta Capital**, ano XIV, n. 500, 18 de junho, 2008.
- BALDISSERA, Rudimar. **Comunicação Turística**. In: VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul, Passo Fundo/RS, 2007. CD-ROOM.
- BALDO, Luisa. A Identidade Nacional: Matizes Românticos No Projeto Modernista. IN: **Revista Boitatá**, UEL, vol.1, 2006. Disponível em: [www.uel.br/revistas/boitata](http://www.uel.br/revistas/boitata)
- BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, 2003. p. 15-29
- BEM, Ari Soares de. **A Dialética do Turismo Sexual**. Campinas: Papirus, 2005.
- BENI, Mário. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.
- BENTO, Maria Aparecida. Branquitude e poder: a questão das cotas para negros. In: SANTOS, Sales (org). **Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

BENTO, Maria Aparecida. Branquitude: o lado oculto do discurso sobre o negro. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria. (orgs). **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERNSTEIN, Elisabeth. O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo. In: **Cadernos Pagu**, vol. 31, jul./dez., 2008. p. 315 à2364

BIGNAMI, Rosana. **A imagem do Brasil no turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. (A)

\_\_\_\_\_. Inversões sexuais. In: PASSOS, I.(org). **Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (B)

CAETANO, R. **A publicidade e a imagem do produto Brasil e da mulher brasileira como atrativo turístico**. In: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27, Porto Alegre. São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

CALDWELL, Kia. Fronteiras da diferença: raça e mulheres no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, Vol. 8, n. 2, pp. 91-108, 2000.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CAPELATO, Maria Helena. Estado Novo: novas Histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARTER, Simon; CLIFT, Stephen. Tourism, international travel and sex: themes and research. IN: Carter, Simon; Clift, Stephen (orgs). **Tourism and Sex: Cultura, Commerce and Coercion**. London: Pinter, 2000.

CARTER, Simon; CLIFT, Stephen; HOOSE, Jayne. Combating tourism sexual exploitation of children. IN: Carter, Simon; Clift, Stephen (orgs). **Tourism and Sex: Cultura, Commerce and Coercion**. London: Pinter, 2000.

CARVALHO, José Jorge. **Metamorfoses das Tradições performáticas Afro-Brasileiras: de Patrimônio Cultural a Indústria de Entretenimento**. In: Série Antropologia, Brasília, 354, 2004. Disponível em <http://www.unb.br/ics/dan/Serie354empdf.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2007.

CARVALHO, José Jorge de. **Inclusão étnica e racial no Brasil: a questão das cotas no ensino superior**. São Paulo: Attar, 2005.

CLÁUDIO, Affonso. As tribus negras importadas Estudo etnográfico e sua distribuição regional no Brasil. Os grandes mercados de escravos. **Anais do Primeiro Congresso de História Nacional (7 - 16 de setembro de 1914) do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro v. 2, p.595 - 660, 1915.

CEZAR, Temístocles. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. IN: PESAVENTO, Sandra. **História Cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CORREA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos Pagu** (6-7), 1996, p. 33-50

CUNHA, Olívia Maria. Reflexões sobre biopoder e pós-colonialismo: relendo Fanon e Foucault. In: **Mana**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, 2002.p. 149-163

DOMINGUEZ, Petrônio. **A Nova Abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

DROUGUETT, Juan. Mídia e Turismo: uma relação inter, multi e transdisciplinar. In: DORTA, Lurdes; DROUGUETT, Juan (orgs). **Mídia: imagens do Turismo**. São Paulo: Textonovo, 2004.

FANON, Franz. **Peles negras, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Factor, 1983.

FARIA, Carlos A.. Idéias, Conhecimento e Políticas Públicas: um inventário sucinto das principais vertentes analíticas recentes. **RBCS**, vol. 18 n. 51, 2003.

FEIJÓ, Fernando; CALAZANS, Flávio. **A imagem internacional do turismo sexual no Brasil: o “prostiturismo” no marketing turístico**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/2002/np03/NP3FEIJO.pdf>

FIORI, José Luis. TAVARES, Maria da C.(Org.). **Poder e Dinheiro: Uma economia política da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FLORES, Moacyr. Nos caminhos da história com Dante de laytano. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, PUCRS, v. XXI, n. 1, julho 1995, p. 109-117

FONTELES, Ana Rita. Um intérprete do povo. **Revista Universidade Pública**, ano VI, n.32, jul/ago, 2006.

FORD, Nicholas. Book reviews: CLIFT, Stephen; CARTER, Simon. Tourism and sex: culture, commerce and coercion. Londres: Cassell, 1999. In: **Tourism Management**, vol. 24, 2003. p. 228-231

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade**. Vol. 1 A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

\_\_\_\_\_. **Genealogía del racismo**. Buenos Aires: Altamira, 1996.

\_\_\_\_\_. Sexualidade e Poder. In: FOUCAUT, M. **Ética, Sexualidade, Política** (coletânea). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FREITAS, Renata Dal Sasso. **Páginas do Novo Mundo**: um estudo comparativo entre a ficção de José de Alencar e James Fenimore Cooper na formação dos Estados Nacionais Brasileiro e Norte-Americano no século XIX. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

FRY, Peter; MAGGIE, Yvone. **Divisões Perigosas**: políticas raciais no Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GASTAL, Susana. **Turismo, Imagens e Imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

\_\_\_\_\_. Turismo na Pós-Modernidade: agregando imaginários. In: Gastal, S.; CASTROGIOVANNI, A. (orgs). **Turismo na Pós-Modernidade**: (des)inquietações. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

GAYER, Priscila. **Mediações Culturais e Experiência Turística no espaço urbano**: formalidades do olhar turístico sobre a cidade de Buenos Aires. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, 2008.

GIACOMINI, Sônia. Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação. **Revista Estudos Feministas**, vol. 14, n. 1, jan./abril, 2006.

GILROY, Paul. **Entre campos**: Nações, Cultura e o fascínio da Raça. São Paulo: Annablume, 2007.

GONZALEZ, Lelia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: **Revista Isis Internacional**, vol. IX, jun. 1988.

GOMES, Flávio. **Negros e política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GOMES, Mariana Selister. **Dimensões Simbólicas do Turismo Sexual**. In: Anais do V Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Caxias do Sul, UCS, 2008 (A) [CD-ROOM]. Disponível em: [www.ucs.br/ucs/posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/apresentacao](http://www.ucs.br/ucs/posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/apresentacao)

GOMES, Mariana Selister. **A construção da democracia racial brasileira**: o nordeste de Gilberto Freyre e o Rio Grande do Sul de Dante de Laytano. In: Anais do IX Encontro Estadual de História da ANPUH/RS, Porto Alegre, 2008 (B). Disponível em: <http://www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/site/anaiseletronicos>

GOMES, Mariana Selister. **As representações em torno dos Negros e o Primeiro Congresso de História Nacional do IHGB**. In: Anais do II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Porto Alegre, 2005. [CD-ROOM]. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/artigos2005.htm>

GRINBERG, Keila. **Código Civil e cidadania**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **O Mundo Multipolar e a Integração Sul-Americana**. Disponível em: <http://www.funceb.org.ar/pensamiento/mundomultipolar.pdf> 2007

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Quinhentos anos de periferia**. Porto Alegre: Ed. UFRGS/Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 1, p. 5 - 27, 1988.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KAMEL, Ali. **Não somos racistas no Brasil: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2003.

LACERDA, Aline. A "Obra Getuliana" ou como as imagens comemoram o regime. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994, p. 241-263.

LAYTANO, Dante de. O negro no Rio Grande do Sul. In: I. J. Otão. **Primeiro Seminário de Estudos Gaúchos (publicação das conferências do seminário realizado de 3 de setembro à 4 de outubro)**. Porto Alegre: Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1959. p. 27 - 106

LAYTANO, Dante de. Os africanismos no dialeto gaúcho. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, v. , n. , p. 167 - 226, 2o. Tri, Ano XVII 1936.

LAYTANO, Dante de. O negro e o espírito guerreiro nas origens do Rio Grande do Sul. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, v. , n. , p. 95 - 117, 1o. Tri, Ano XVII 1937.

LÓPEZ, Laura. **“Que América Latina se sincere”**: Uma análise antropológica das políticas e poéticas do ativismo negro em face às ações afirmativas e às reparações no Cone Sul. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

LUMERTZ, Juliane. **O Turismo e a Diplomacia: na Espanha e no Brasil**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

MACHADO, Roberto. **Por uma genealogia do poder**. In: MACHADO, R. (org), Foucault, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MACHADO, Roberto. **Foucault: a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MARCO, Nélio. **O que é darwinismo**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MARINHO, Marcela. **Turismo sexual**: análises dos contextos a cerca da teoria das representações sociais. In: Anais do V Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul [CD] 2008. Disponível em: [http://www.ucs.br/ucs/tplPOSTurismo/posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/semin\\_tur/pagina](http://www.ucs.br/ucs/tplPOSTurismo/posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/semin_tur/pagina)

MATÍNEZ-Echazábal, Lourdes. O culturalismo dos anos 30 no Brasil e na América Latina: deslocamento retórico ou mudança conceitual? In: MAIO, Marcos (org). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.

MOESCH, Marutscka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MOUTINHO, Laura. **Razão, Cor e Desejo**. São Pulo: Unesp, 2004.

\_\_\_\_\_. Entre o Realismo e o Ficcional: Representações sobre “Raça”, Sexualidade e Classe em Dois Romances Paradigmáticos de Jorge Amado. In: **PHYSIS**, Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 14(2):307-327, 2004 (B)

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2003.

NEGRI, Antonio; COCCO, Giuseppe. **Glob(AL)**: Biopoder e luta em uma América Latina globalizada. Rio de Janeiro: Record, 2005.

NIELSEN, Christian. **Turismo e Mídia**: o papel da comunicação na atividade turística. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEN, Ruben George. Três em um: a Semana Modernista, o Nordeste de Gilberto Freyre e o Rio Grande do Sul. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.7, n.2, abr/jun 1993, p. 22-28.

OPPERMANN, Martin. Sex Tourism. In: **Annals of Tourism Research**, Vol. 26, No. 2, 1999. p. 251 -266.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAIXÃO, Marcelo. **Desenvolvimento Humano e relações Raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero e Racialização no Contexto de Relações Transnacionais** - Comentários a partir de uma leitura das relações presentes no Turismo Sexual em Fortaleza. Disponível em: <http://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0274.pdf> 2005

PISCITELLI, Adriana. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual” internacional. In.: **Revista Estudos Feministas**, vol. 15, n.3, set./dez. 2007.

POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault**: entrevistas. São Paulo: Graal, 2006.

- REJOWSKI, Mirian (org). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- RICHTER, Linda. Explorando o papel político do gênero na pesquisa de turismo. In: THEOBALD, William (org). **Turismo Global**. São Paulo: Editora SENAC, 2002.
- RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. **Revista Estudos Feministas**, vol. 13, n. 1, jan-abril 2005.
- ROSA, Marcus Vinícius. **Quando Vargas caiu no samba**: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.
- RYAN, Chris. Sex Tourism: paradigmas of confusion? IN: Carter, Simon; Clift, Stephen (orgs). **Tourism and Sex**: Cultura, Commerce and Coercion. London: Pinter, 2000.
- SABATIER, Paul; WEIBLE, Christopher. The advocacy coalition framework: innovation and clarifications. . In: Sabatier, Paul (org). **Theories of the policy process**. Cambridge, MA: Westview Press, 2007.
- SAFFIOTI, Heleieth. Gênero e patriarcado: violência contra as mulheres. In: VENTURI, G; RECAMÁN, M; OLIVEIRA, S. (orgs). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANTOS, Gevanilda; SILVA, Maria Palmira (orgs). **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- SANTOS FILHO, João dos. **O Turismo na era Vargas e o Departamento de Imprensa e Propaganda**. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007. CD-ROOM
- SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- SCHWARCZ, Lilia Mortiz. A teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX. O contexto brasileiro. IN: QUEIROZ, Renato da Silva; SCHWARCZ, Lilia Mortiz (orgs). **Raça e Diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996.
- SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. IN: MAIO, Marcos; SANTOS, Ricardo (orgs). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.
- SILVEIRA, Emerson. **Por uma Sociologia do Turismo**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens na revista Anauê. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH, v. 25, n. 50, jul-dez, p. 61-95, 2005.

SILVA, Francisco da. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: SARGENTINI, V.; BARBOSA, P. (orgs). **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Paulo: Clara Luz, 2004.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SOARES, Maria Susana. Diplomacia cultural en el Mercosur: del riesgo país a la marca país. In: **Cuadernos sobre Relaciones Internacionales, Regionalismo y Desarrollo** / Vol. 2. No. 3. Enero - Junio 2007

STOLKE, Verena. O enigma das intersecções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. In: **Revista Estudos Feministas**, vol. 14, nº1, jan-abr. 2006.

SWAI, Tânia. Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica. In: **Revista Unimontes Científica**, Universidade Estadual de Monte Carlos, vol.6, n2, 2004. Disponível em: [www.esnips.com/web/bibliotecafeminista](http://www.esnips.com/web/bibliotecafeminista)

THEODORO, Helena. **Racismo, Sexismo e Subjetividade das Mulheres Negras**. In: Boletim Pensando com o Gênero – Núcleo de Estudos Contemporâneos da UFF. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/textos/doss1-3.pdf>

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCOLCELOS, Vânia. **Visões Sobre As Mulheres Na Sociedade Ocidental**. Revista Ártemis, n.3, Dez. 2005. Disponível em: <http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero3/numero3.html>

VENÂNCIO, Giselle. Pintando o Brasil: artes plásticas e construção da identidade nacional (1816-1922). In: **Revista História em Reflexão**: Vol. 2 n. 4 – UFGD - Dourados jul/dez 2008

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora UNB, 2008.

WAINBERG, Jacques. **Turismo e Comunicação**: a indústria da diferença. São Paulo: Contexto, 2003.

WARE, Vron. Pureza e perigo: raça, gênero e histórias de turismo sexual. In: WARE, V. (org). **Branquidade**: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Gramond, 2004.